

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL**

**Prof. Daniel Bueno**



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

## Introdução

# O que é Ilustração Editorial?

São ilustrações criadas para publicações do meio editorial, constituído por **livros, revistas e jornais**.

Nesse bloco de Ilustração Editorial iremos nos concentrar nas ilustrações para **revistas e jornais**, mídias caracterizadas pela periodicidade.

# Por que uma Ilustração Editorial é usada?

A Ilustração Editorial é usada:

- Para atrair os leitores para um texto.
- Para comunicar visualmente conteúdos do texto.
- Para comunicar visualmente aspectos ou partes específicas de um texto.
- Para impressionar e seduzir.
- Para transmitir uma idéia do tom do texto.

# Por que uma Ilustração Editorial é usada?

- Para deixar a leitura do texto menos monótona.
- Para traduzir temas complexos em uma imagem.
- Para fazer uma afirmação.
- Para questionar.
- Para expandir e aprofundar idéias abordadas no texto.

# AÇÚCAR AMARGO

*O espectro do desemprego sazonal condiciona os operários das usinas a aceitarem longas jornadas durante a moagem da cana, e o ritmo de trabalho nesse período pressiona os salários médios para baixo. É o lado amargo do açúcar, o da sua produção. Mas a ordem social característica dessa grande indústria rural passa por um processo de deslegitimação cujas consequências são imprevisíveis.*

José Sérgio Leife Lopes  
Departamento de Antropologia do Museu Nacional — UFRJ



Pouco mais de cem mil pessoas, espalhadas por 200 unidades de produção e 16 estados — mas concentradas principalmente em São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro e Alagoas — constituem uma categoria profissional dotada de grande riqueza e diversidade: a dos operários nas usinas de açúcar. Elo complementar de um processo produtivo que se origina no campo, inteiramente dependente da matéria-prima agrícola que seu próprio sistema de transportes canaliza de terras de sua propriedade ou de terras de fornecedores-satélites, a usina não pode deixar de incorporar características do ciclo da produção agrícola, embora sob as roupagens de uma organização interna própria da grande indústria. A sazonalidade de sua produção, que determina a existência de ritmos e tipos de trabalho diferenciados em cada período do ano; a necessidade de sua localização no meio rural, para fazer frente à perecibilidade de sua matéria-prima; a tendência à imobilização de parte de sua força de trabalho e à rotatividade de outra parte durante a entressafra — tudo isso produz características específicas também entre os profissionais e serventes que ali trabalham, ligados à produção propriamente dita, ao sistema de transporte ou às oficinas de manutenção e reparos. Via mercado de trabalho ou laços de parentesco e vizinhança, eles naturalmente estabelecem relações tanto com operários de outros setores industriais como com trabalhadores rurais.

Ambientes insalubres e excessivamente quentes compõem o cenário do trabalho cotidiano nas usinas, onde a frequência de acidentes é bastante alta. Ao *corumba*, operário recém-ingresso, impressiona o funcionamento conjunto dos diversos aparelhos e o tamanho surpreendente das imensas ferragens; o *lay-out* das máquinas e a própria arquitetura da fábrica, com seus andares de escadas e passagens estreitas, cuja firmeza não inspira confiança; o barulho ensurdecedor e o ar impregnado de partículas do bagaço esmagado; as ordens e as reprimendas dos chefes de seção e dos fiscais, acentuando, com sua hostilidade patronal, a hostilidade própria de um ambiente dominado

pelos meios de produção. Todos esses elementos compõem um quadro cujo aspecto sobrenatural é finalmente enfatizado pelo vapor exalado das máquinas, que sintetiza todo o clima da fábrica: na linguagem metafórica dos operários, é o *vapor do diabo*.

A organização da produção do açúcar nos moldes da grande indústria confere, à seção de fabricação, autonomia e externalidade em relação ao operário. Este, ao entrar para a fábrica, já encontra as condições objetivas do seu trabalho prontas, materializadas na gigantesca estrutura metálica de máquinas parcelares encadeadas. Ao contrário da ferramenta, quase uma extensão da mão do trabalhador das oficinas, e da foice, propriedade do trabalhador rural, sem a qual ele não arranjará emprego, cada aparelho da seção de fabricação, assim como o conjunto das ferragens, tem um funcionamento próprio ao qual o operário da fabricação — o *profissionalista* — terá que se subordinar. Nesse *perpetuum mobile*, o produto se encontra constantemente nos diferentes graus de sua fabricação e na transição de uma fase para outra, articuladas entre si por uma cooperação complexa das máquinas parcelares. Tal forma de encadeamento do processo produtivo compartimenta os profissionais na posição de vigias e ajudantes de seus respectivos aparelhos, subordinando os homens a um processo cuja unidade é dada pelo sistema de máquinas.

Tal contexto torna possível a extensão da jornada de trabalho para além dos limites normais, característica que se estende a todas as categorias envolvidas no sistema produtivo das usinas. Durante a safra, os operários da fabricação trabalham, no mínimo, 12 horas por dia e, na falta de um colega, são obrigados a dobrar. A maioria das usinas opera em dois turnos, quase sempre entre o meio-dia e meia-noite (no Nordeste) ou entre 6:00 e 18:00hs (no Centro-Sul). O revezamento de horários a cada semana exige, entre os domingos e as segundas-feiras, a extensão da jornada normal para 18 horas de trabalho contínuo. O horário da troca de turnos no Nordeste provavelmente se re-

Exemplo de ilustração Editorial: ilustração de Trimano - com experimentação gráfica e imagens fortes conectadas ao tema - para a revista Ciência Hoje, 1985.



# Há diferença entre ilustração pra revista e jornal?

A periodicidade da **revista** tende a ser mensal, e ela é um produto colecionável. O prazo para a criação de uma ilustração para revistas costuma ser maior.

Já o **jornal** tem um ritmo mais rápido, traz acontecimentos do dia, os debates são intensos e a urgência maior. O prazo para a criação de ilustrações tende a ser curto, podendo ser de até um dia ou mesmo horas.

No jornal há também alguma limitação em termos técnicos: o papel costuma chupar mais tinta, por isso o ilustrador deve ter cuidado com a combinação das cores CMYK.



Ilustrações de Daniel Bueno para a revista Pesquisa FAPESP. Com o prazo muitas vezes exíguo é preciso ter rapidez na concepção de ideias e ser prático em termos técnicos: no caso, a ilustração digital garantiu rapidez na finalização.



# A opinião na Ilustração Editorial

Ambos os veículos – revistas e jornais - são marcados pelos editoriais, colunas opinativas, reportagens baseadas em temas da atualidade. Sendo assim, é comum o ilustrador atuar como um crítico, como um **artista com posicionamentos próprios**. O trabalho do ilustrador editorial costuma ter **personalidade**, abordagens gráficas marcantes, postura opinativa.





Trabalho em xilogravura de Rubem Grilo para a imprensa, que alia visão crítica sobre a sociedade a resultado gráfico expressivo e autoral, 1984.

# Como deve ser uma Ilustração Editorial?

As situações são bastante variadas.

Mas a ilustração para revistas e jornais costuma ter **personalidade**.

O ilustrador muitas vezes é chamado pelo trabalho que já desenvolve e o deixou conhecido – porque o meio editorial é o terreno da opinião e de posicionamentos fortes.

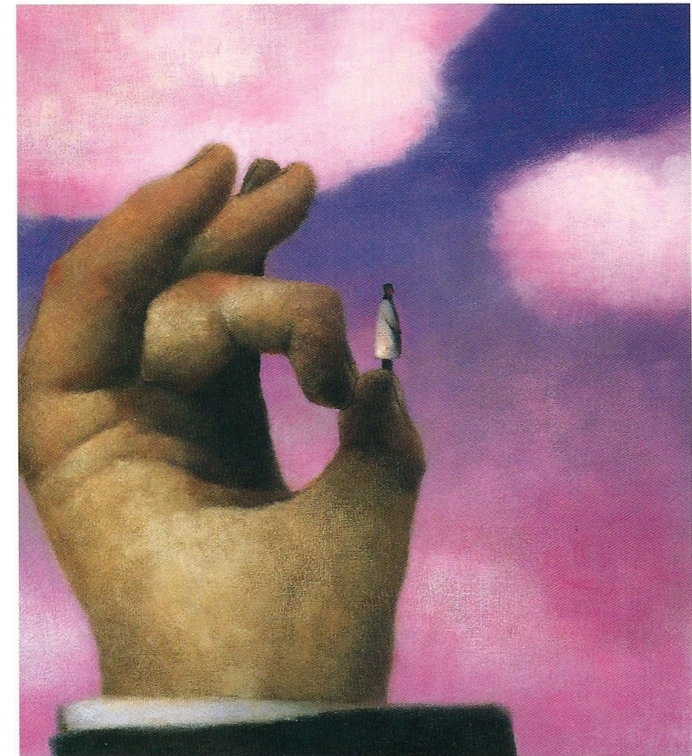
# Como deve ser uma Ilustração Editorial?

O ilustrador, de modo geral, recebe um **texto** e irá criar uma ilustração conectada ao seu conteúdo. Essa imagem será publicada junto de um texto, ou seja, ambos serão complementares. Por isso, o ilustrador deve:

- **evitar ser redundante**, evitar apenas repetir o que está no texto sem acrescentar nada.
- produzir uma imagem que **fisque o leitor**, que chame a atenção e convide para a leitura.
- **trazer “algo mais”**, e isso pode ser muita coisa: uma idéia inusitada, um trocadilho gráfico instigante, uma solução sintética, um impacto visual gerado pelos elementos gráficos, uma provocação, uma alegoria interessante, uma composição ousada, etc.



# Alegorias



Trabalhos do ilustrador americano Brad Holland.

Ao lado, “MacArthur at 25: Fostering New Knowledge”, ilustração institucional de 2018.

Mais em [www.bradholland.net](http://www.bradholland.net)



## Imagem dupla: trocadilho visual

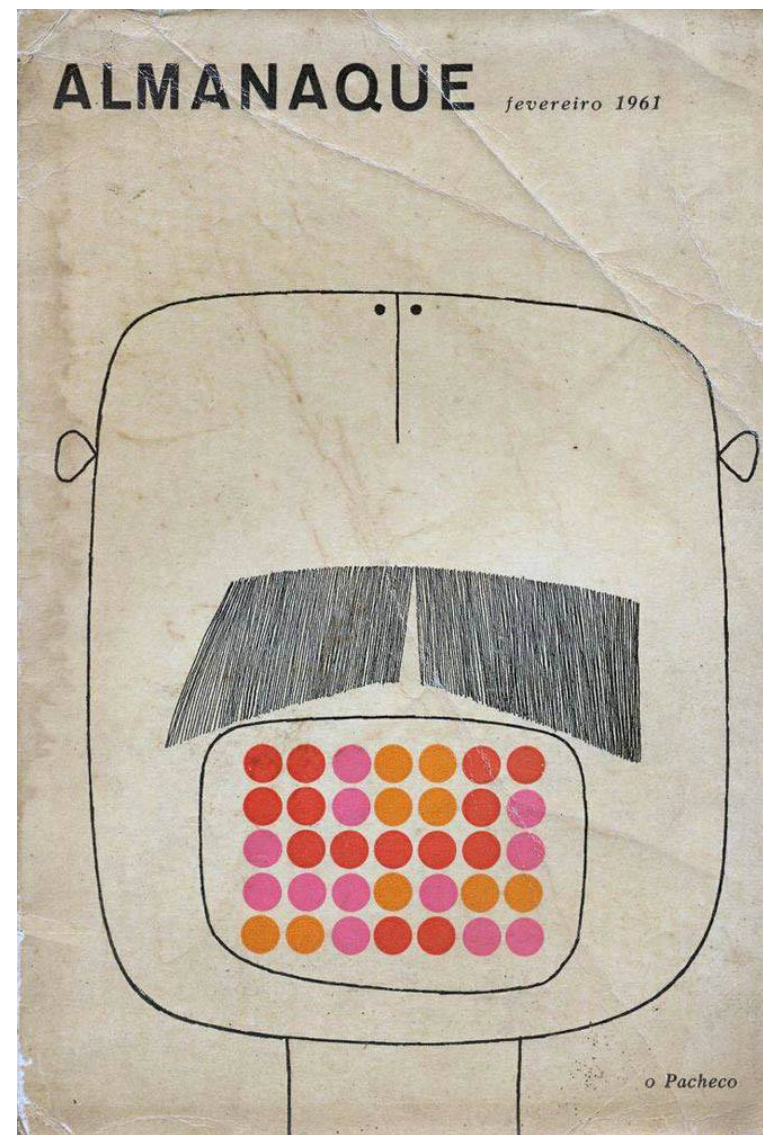


Trabalhos do  
ilustrador americano  
Dan Bejar: depuração  
e síntese para  
comunicar com  
clareza o significado  
duplo do elemento  
principal.

More in  
[www.bejarprints.com](http://www.bejarprints.com)



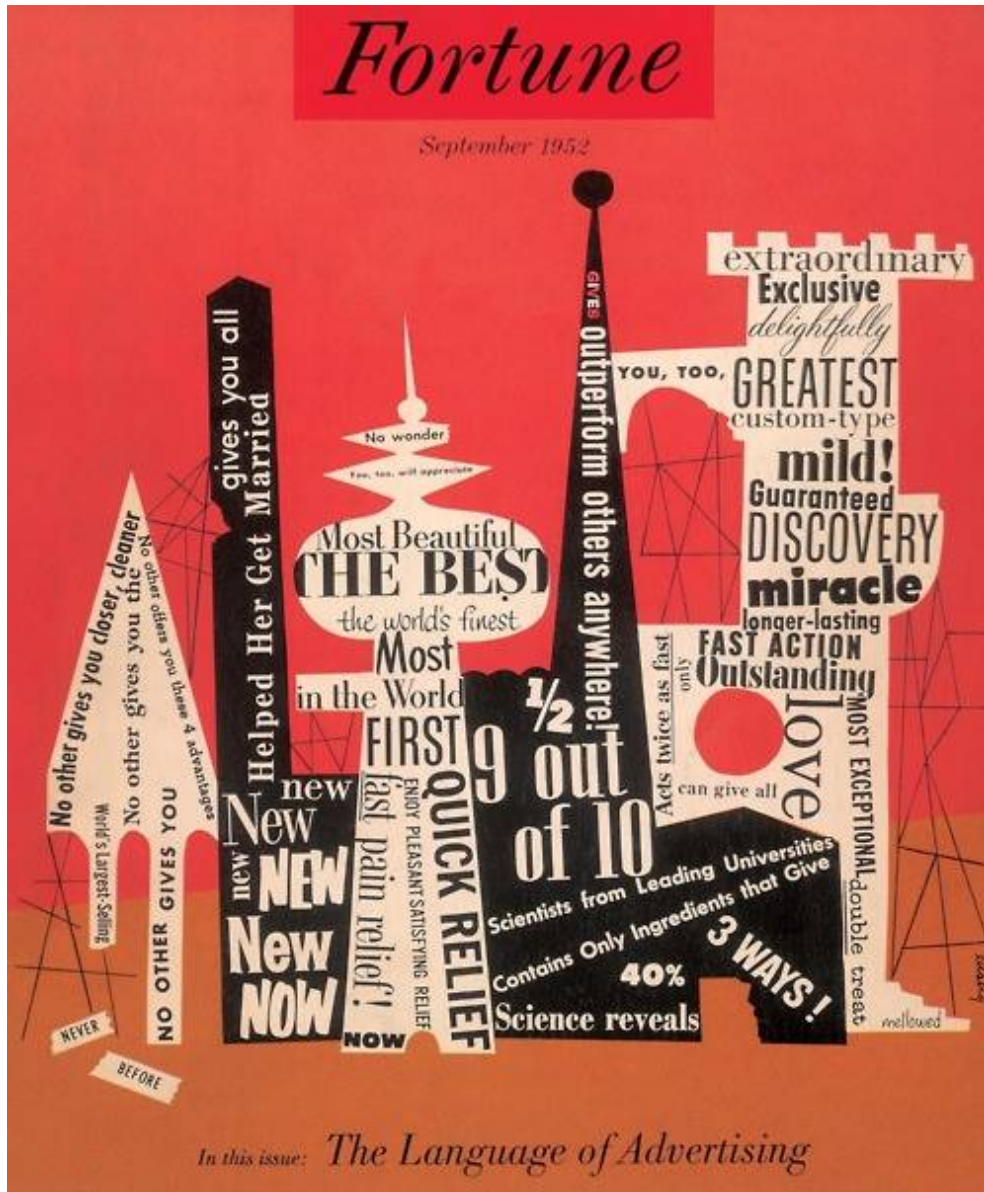
# Síntese e depuração



Capas da publicação portuguesa Almanaque. As duas foram criadas por Sebastião Rodrigues, 1960 e 1961.



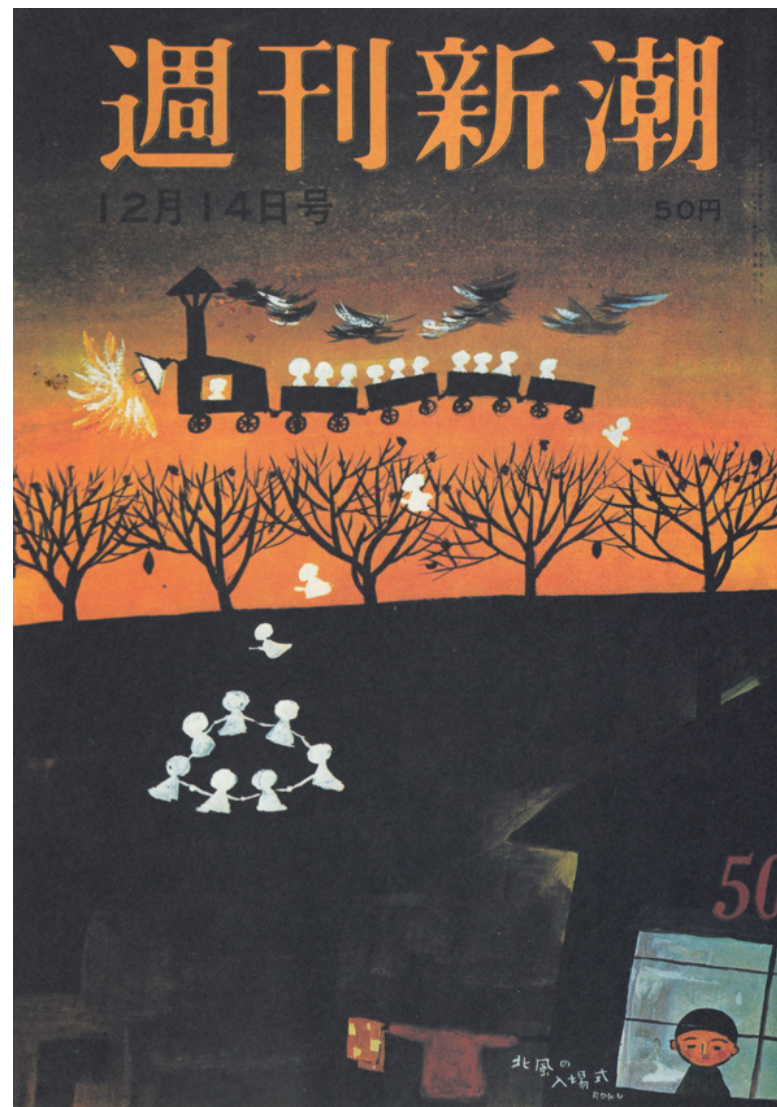
# Experimentação formal e estilização



Alvin Lustig (1915 – 1955). Ao lado, capa para a Fortune, 1952. Acima, capa da Men's Reporter, 1945. Lustig foi um importante designer americano, com vários trabalhos para livros e criação de fontes.



## Situações oníricas e fantásticas



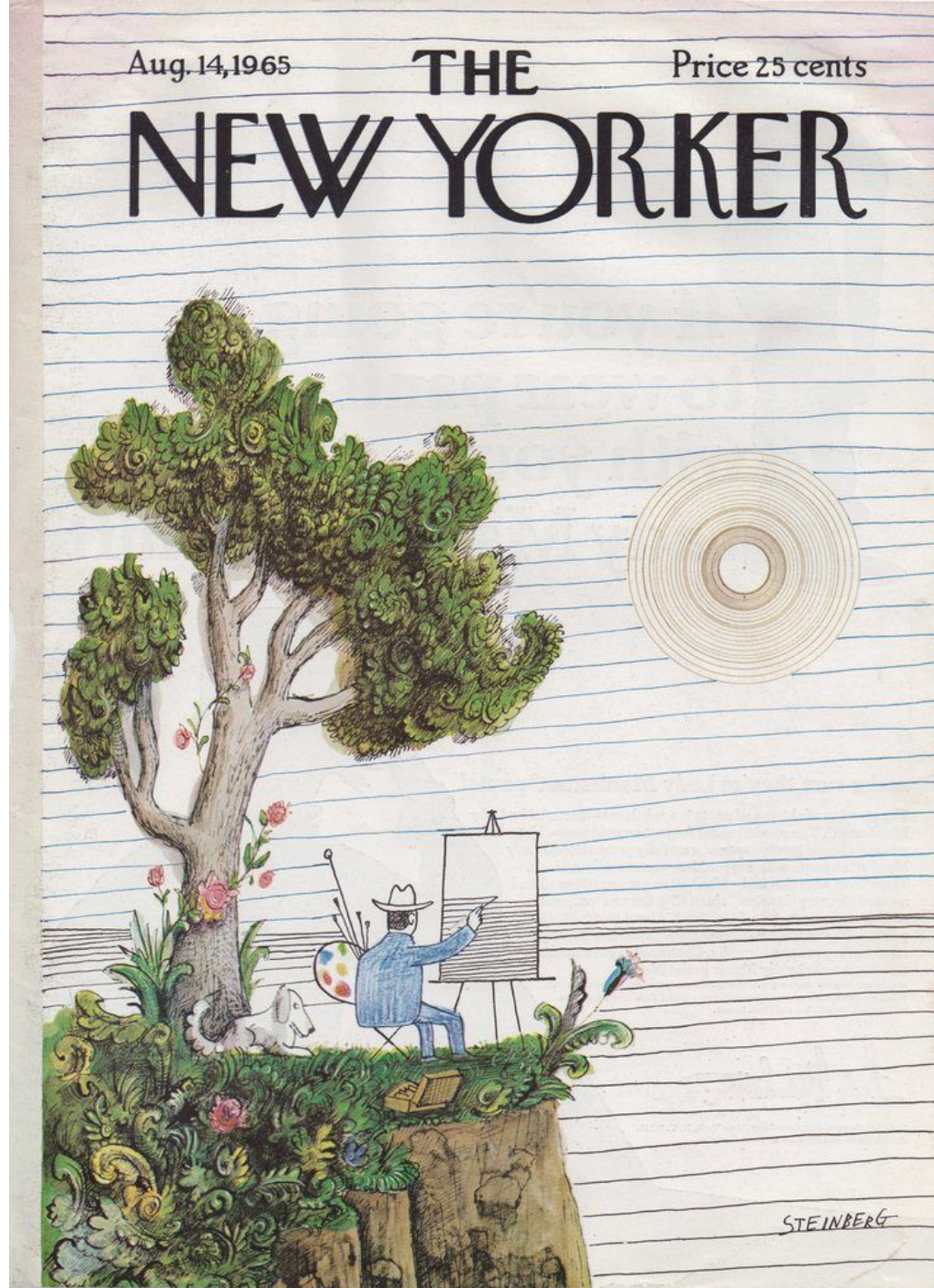
Capas de Rokuro Taniuchi para a revista Weekly Shincho, Japão (1956 – 1981).  
À esquerda, capa de 1963; à direita, capa de 1964.



# Metalinguagem

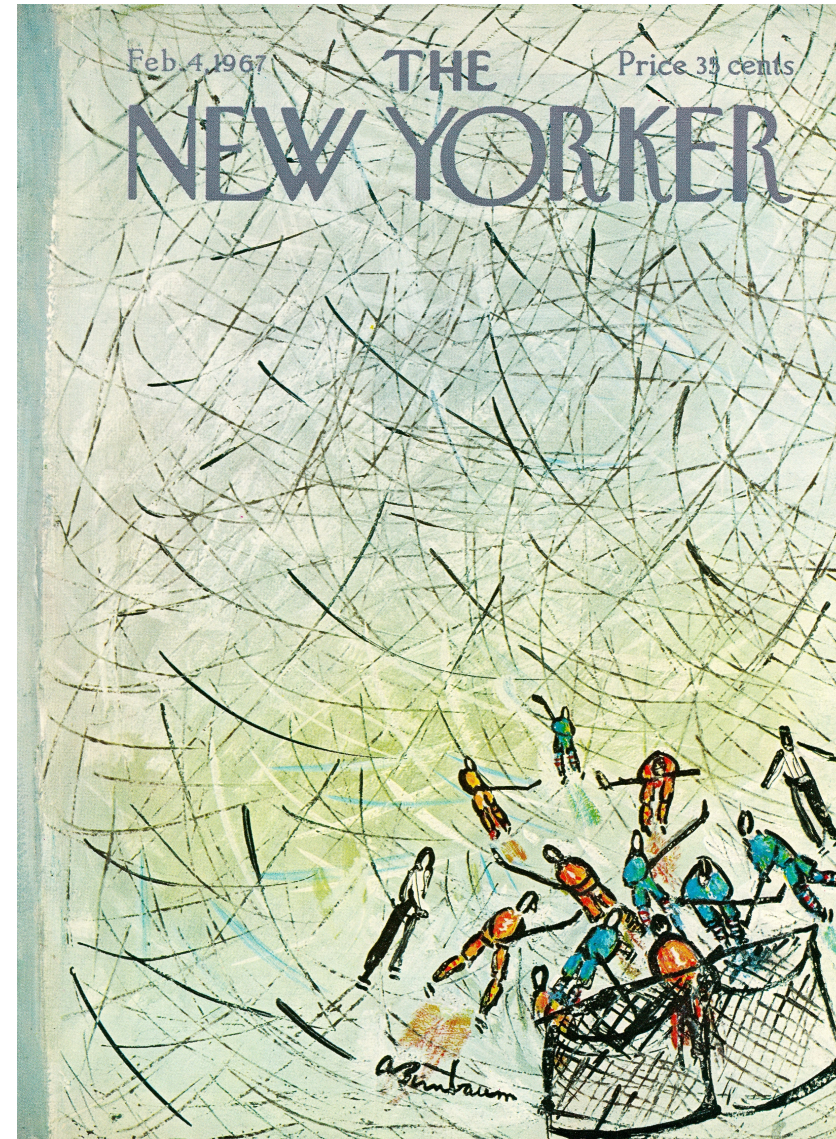
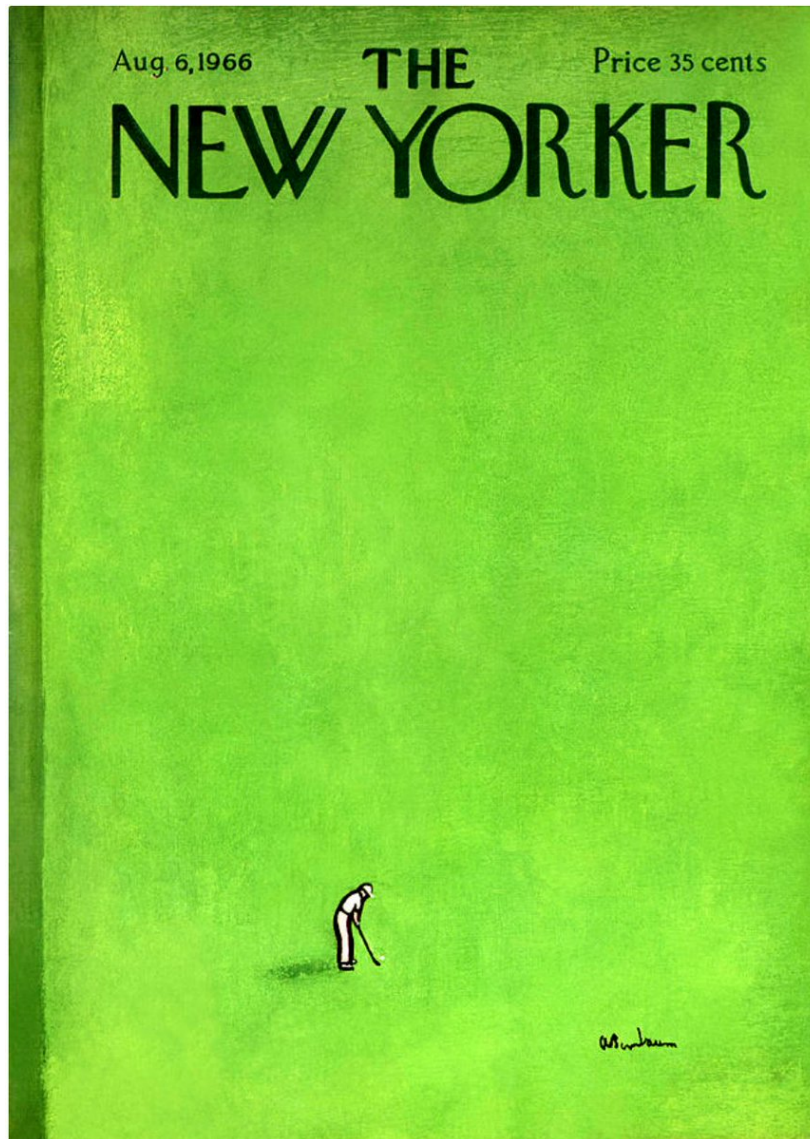


Capas de Saul Steinberg para a revista The New Yorker, de 1969 e 1965, com desenhos que refletem sobre o ato de desenhar.





## Elementos gráficos como parte do humor



Capas de Abe Birbaun para a revista The New Yorker, 1966 e 1967.



Impacto gráfico



Ty I ja: capas de Roman Cieslewicz, 1967 e 1969.





# Provocação

Actuel (1967 – 1994)  
Revista mensal francesa.

Em 1970, graças ao editor  
Jean-François Bizot,  
tornou-se o principal  
periódico alternativo do  
país, atento aos  
movimentos libertários  
pós-maio de 68.

No canto direito, capa de  
Roland Topor para edição  
da Actuel de 1974.

Ao lado, capa de 1971.



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

Técnicas e aplicações



# **A variedade de abordagens gráficas e estilos**

No meio da Ilustração Editorial não há restrição: qualquer estilo ou técnica pode ser empregado.

Tudo depende das características do trabalho do ilustrador e sua relação com a linha editorial da revista e com o assunto de determinado artigo.

O contexto conta. Porque em ilustração, buscar ADEQUAÇÃO é fundamental.

# A variedade de abordagens gráficas e estilos

Sendo assim, o ilustrador editorial pode, dependendo da situação, usar:

- Técnicas analógicas: lápis, aquarela, colagem manual, gravura, experimentação com técnicas inusitadas (pintura com café, colagem com fitas adesivas, etc).
- Técnicas digitais: ilustração desenvolvida no Photoshop, em vetor no Illustrator, em tablets, etc.
- Mixed Media: mistura de técnicas manuais e digitais.





# Nanquim



Ilustração de  
Mariza Dias Costa,  
publicada no livro  
“Mariza...e depois a  
maluca sou eu!”, 2013.



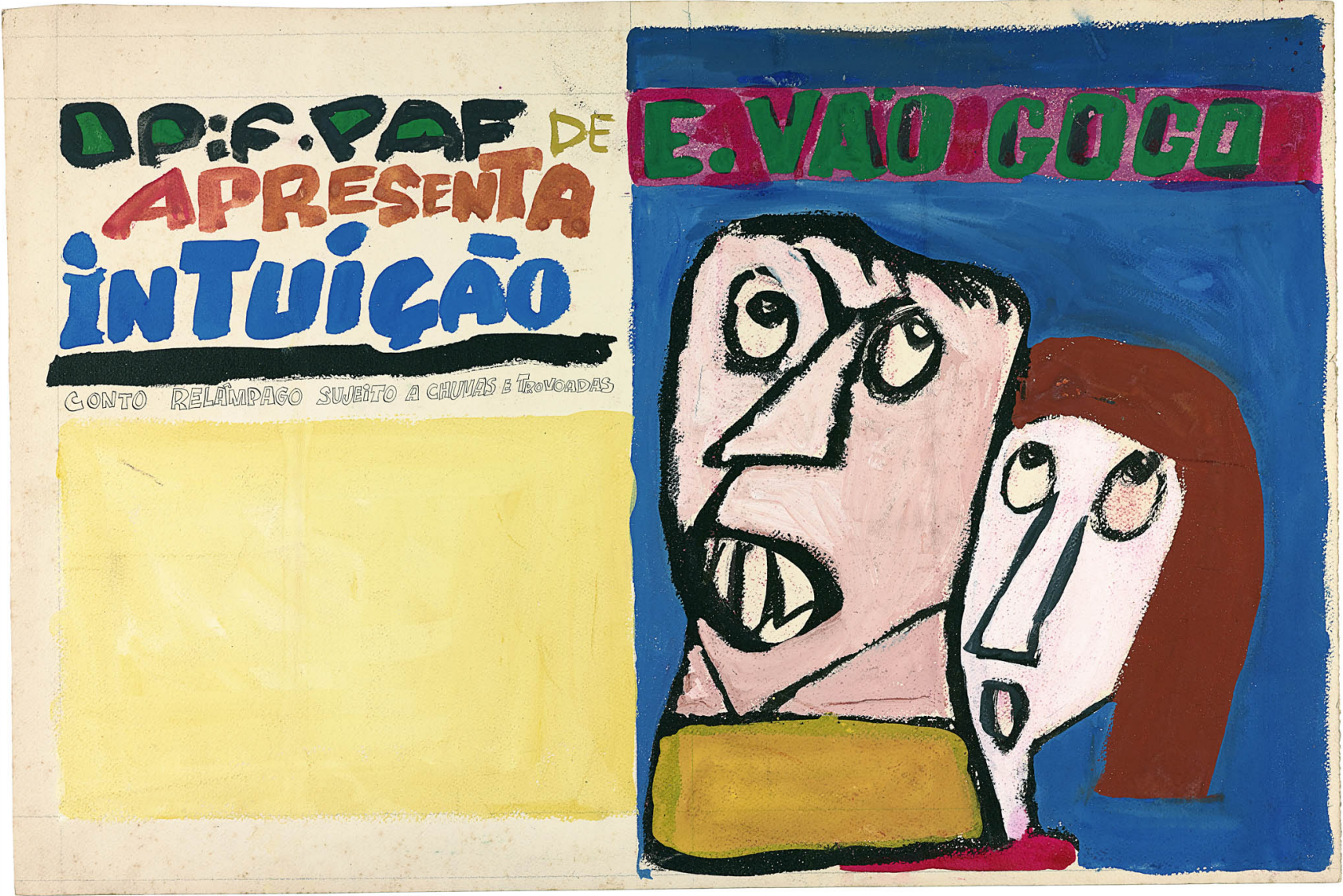
# Aquarela



Ilustração de Brecht Evens, 2012.



Tinta Acrílica



Página dupla de Milôr Fernandes para sua coluna “O Pif-Paf”, revista O Cruzeiro, 1960.



# Xilogravura



Ilustrações de Rubem Grilo para o Folhetim (Folha de S. Paulo), ambas de 1980.



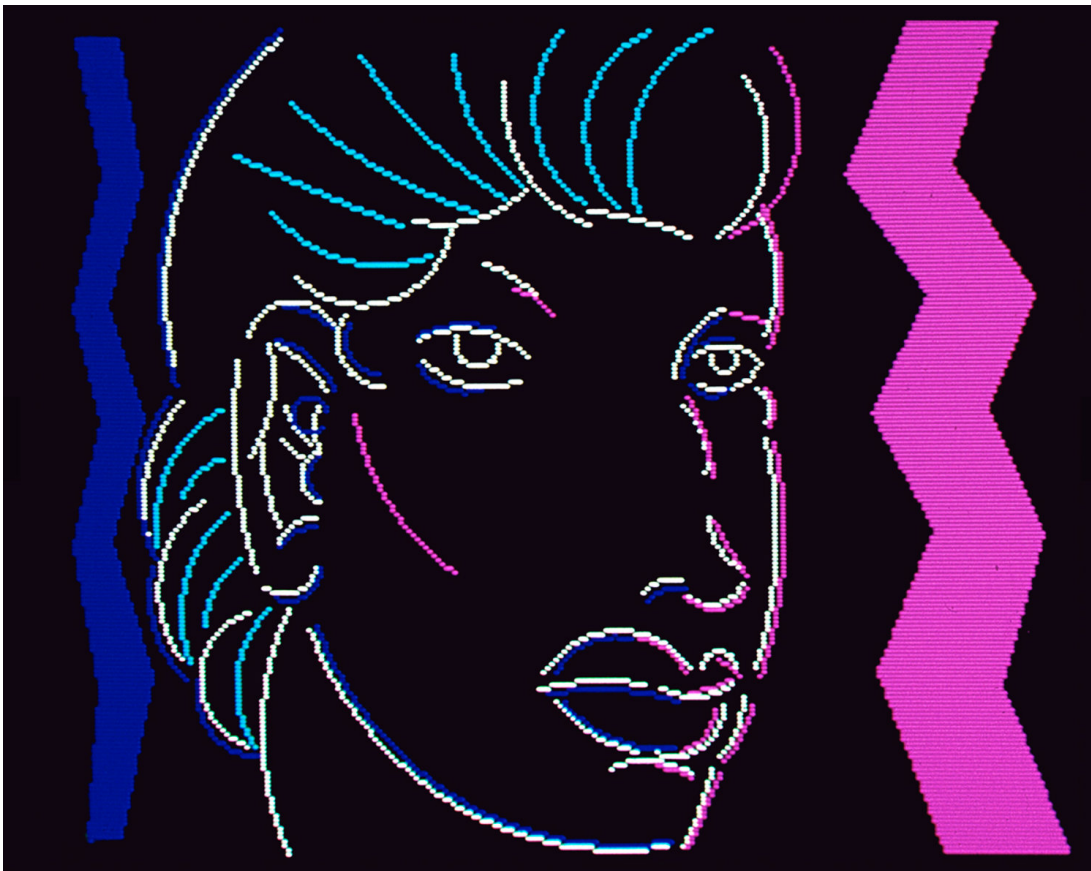


# Aerógrafo



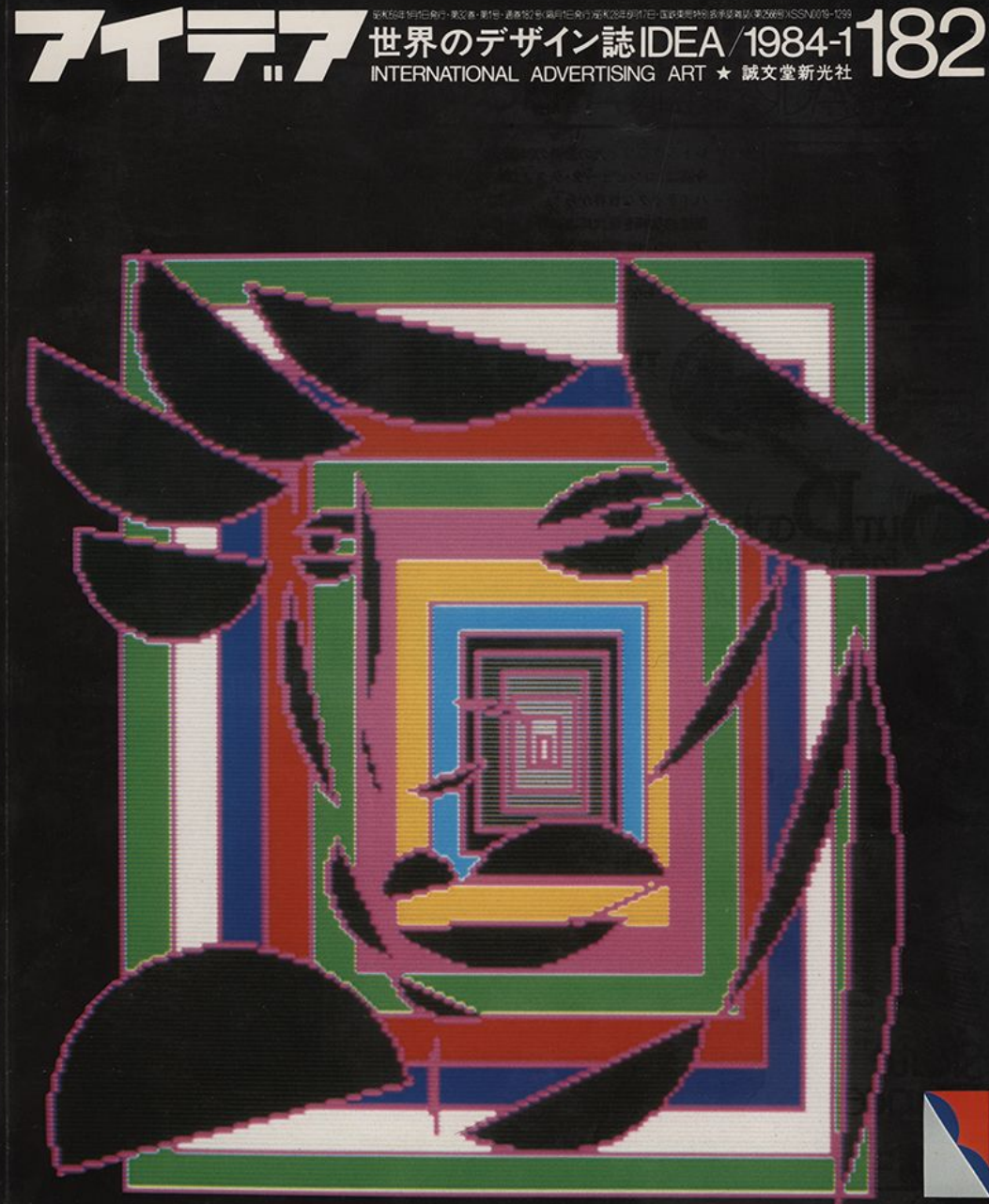
Kazuho Itoh:  
"Blood  
maintaining life by  
conveying various  
substances",  
Newton magazine,  
anos 80.

# Digital



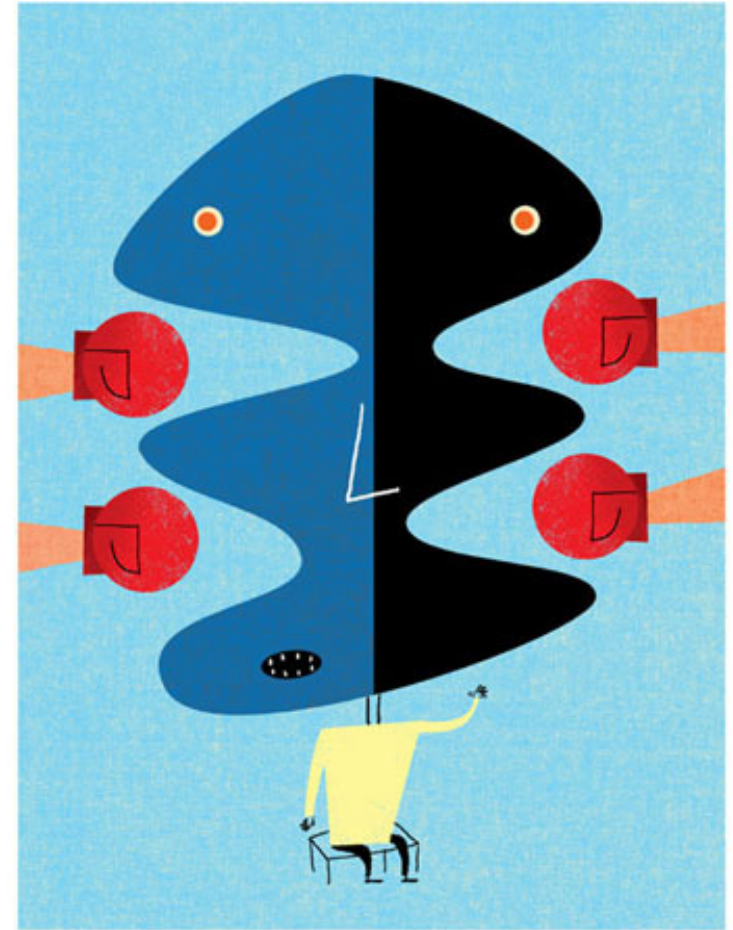
Barbara Nessim

Acima, trabalho feito em computador nos anos 80. Ao lado, capa da revista japonesa Idea, 1984.





# Digital

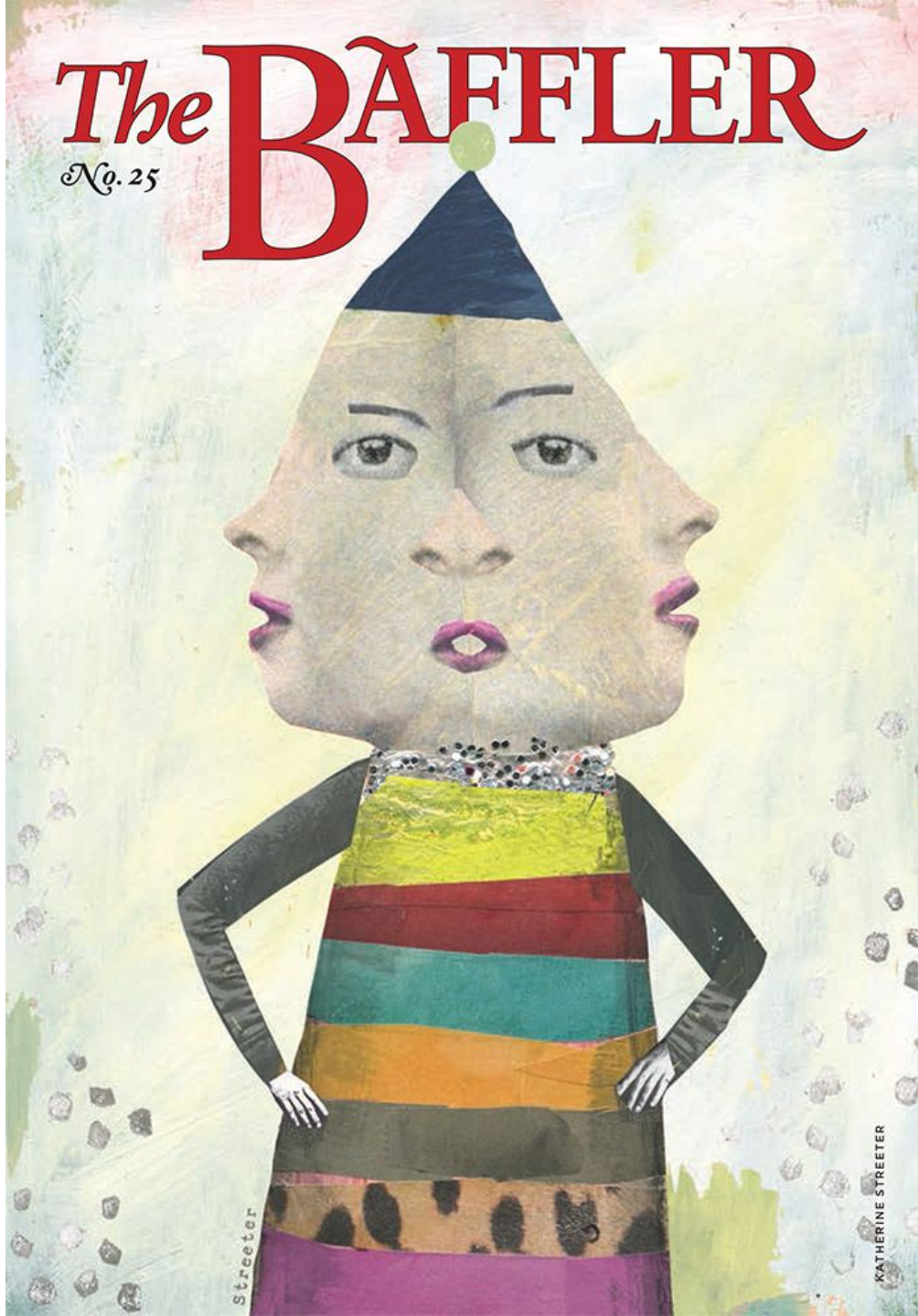
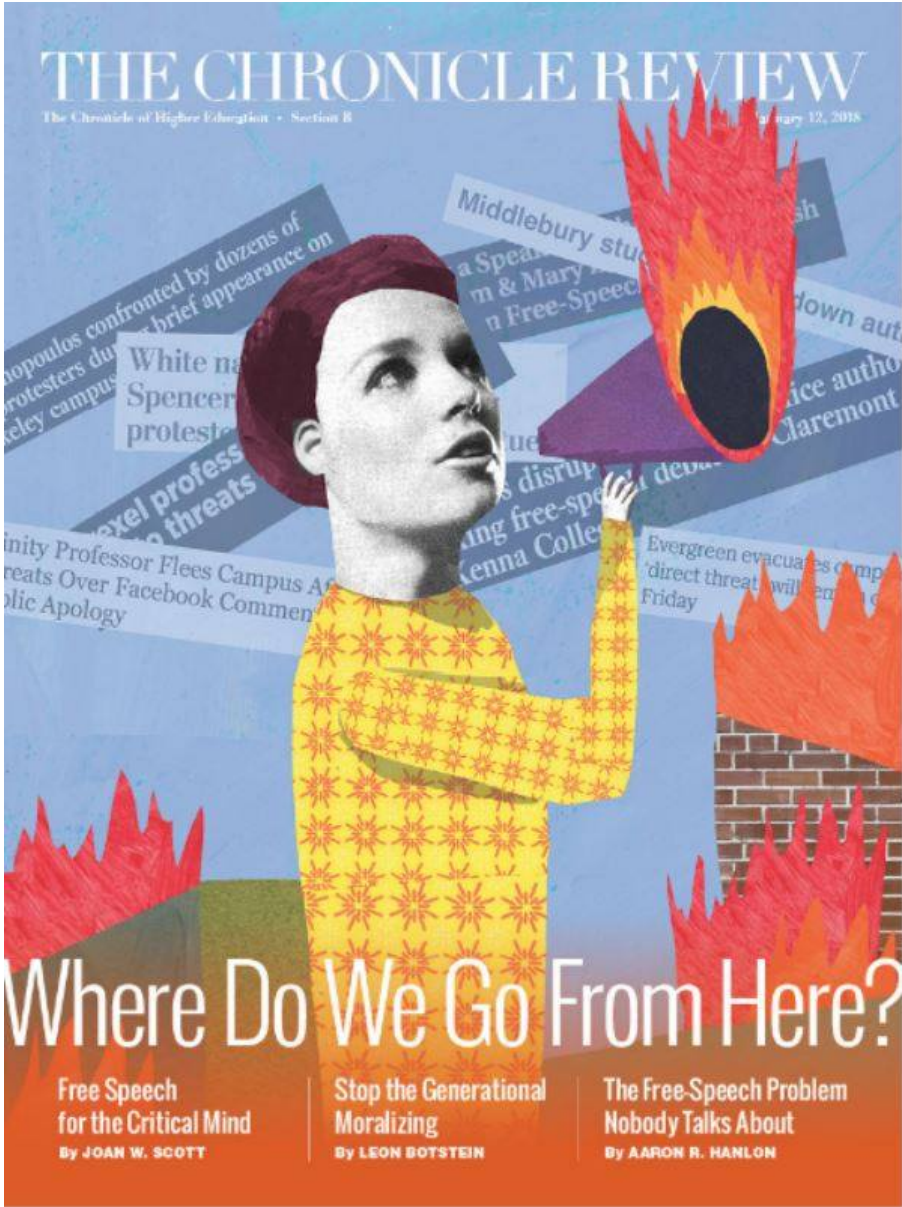


Trabalhos de James Yang, ilustrador americano.  
Ao lado, trabalho para The Alternative UK, 2020.

Mais em [www.jamesyang.com](http://www.jamesyang.com)



Colagem



Capas de Katherine Streeter para The Chronicle Review, de 2018, e The Baffler, 2014.



# Uso de Fotografia



Capas de Rico Lins para a revista alemã KulturRevolution.



# Bonecos tridimensionais



Capas de Gerald Scarfe para a Time, 1968.



# Mistura de técnicas analógicas



Ilustração de Mariza Dias Costa: nanquim, colagem, tinta.



# Mixed Media: mistura de técnicas manuais e digitais



Walter Vasconcelos: capa para a Revista da Cultura, direção de arte de Carol Grespan, de 2010, e trabalho para Red Box.





# Animação

Com o advento das mídias na internet as revistas online passaram a explorar ilustrações animadas.



Ilustração animada de Larissa Ribeiro para a revista Az Mina, artigo “Mulheres e depressão: quando a loucura é filha do machismo”, 2018.

<https://azmina.com.br/reportagens/quando-a-loucura-e-filha-do-machismo/>



# Quais são os tipos de espaço?

O ilustrador pode fazer:

- Capas, contra capas, quarta-capas
- Abre: a ilustração principal, de abertura de um artigo
- Ilustrações de artigos: aparecem ao longo de uma matéria, artigo ou reportagem, em tamanhos variados.
- Vinheta (ou “spot”): ilustrações pequenas e sintéticas
- Ilustrações de página dupla

# ABRE

200MM X 250MM

## TÍTULO

LOREM IPSUM DOLOR SIT AMET, CONSECTETUR ADIPISCING ELIT, SED DO EIUSMOD TEMPOR INCIDIDUNT UT LABORE ET DOLORE MAGNA ALIQUA. UT ENIM AD MINIM

Dae est estionseque

Dae est estionseque non nisquam qui sunt iminulpa volo dolores invelit iaeit ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu simossita qui ut arum que quam dolo odi sunt andae re volupta spicit, omnisqu iditiis tiasinit officti doloruptates corrovid et, offic te laccum faccabo. Picillit exera natem fugitatur, ipid molum dion con eaquaep electe eat andit, offic tem. Vit et ex eost accum fugita sum rate pa nonsequidit odigentusa dolor magnis molupis estem excescidi conse nis nimusda ecusdae stiiscius.

Me posam quid mint fugiandae nonsed utem aut labores equat. Nem nimendi ssequist lignis nesciaerum qui in prenemp ossimo quibus aspelendam nam res nis es eium sim ipsam venda diosande nimi, optasi dolorrum veroreh endundam natur? Laccata explique voluptatem ilique dolendi sit ea ide net, cuptae. NamDae est estionseque non nisquam qui sunt iminulpa volo dolores invelit iaeit ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu

nati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu

simossita qui ut arum que quam dolo odi sunt andae re volupta spicit, omnisqu iditiis tiasinit officti doloruptates corrovid et, offic te laccum faccabo. Picillit exera natem fugitatur, ipid molum dion con eaquaep electe eat andit, offic tem. Vit et ex eost accum fugita sum rate pa nonsequidit odigentusa dolor magnis molupis estem excescidi conse nis nimusda ecusdae stiiscius.

Me posam quid mint fugiandae nonsed utem aut labores equat. Nem nimendi ssequist lignis nesciaerum qui in prenemp ossimo quibus aspelendam nam res nis es eium sim ipsam venda diosande nimi, optasi dolorrum veroreh endundam natur? Laccata explique voluptatem ilique dolendi sit ea ide net, cuptae. NamDae est estionseque non nisquam qui sunt iminulpa volo dolores invelit iaeit ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu

nati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu ma prorit cum facernati te dolende scimusam, quasperm hictatae sum sinulparum autestemque estia cupta que evel eate doles accaborias eiu

## VINHETA

55MM X 71MM

Exemplo de espaços definidos que o ilustrador recebe do cliente ou designer de uma revista para começar a trabalhar. O “abre” deve ter a força de uma ilustração que introduz e apresenta o assunto. Já a vinheta deve manter a coerência estética com o abre, trazer de preferência algum elemento novo e - importante - ser muito mais sintética.





Vamos ver como alguns ilustradores trabalham com esses espaços...Segue um exemplo, trabalho de Bernardo França para a Revista da Cultura, de 2014, direção de arte de Carol Grespan. Ele fez a capa, uma ilustração para uma página introdutória, um abre e ilustrações com tamanhos variados.





# É TEMPO DE CRIAR!

MAS POR QUE A HUMANIDADE NUNCA SE LIVRA DE TEMAS COMO AMOR E MORTE EM SUAS OBRAS?

POR BRUNA GALVÃO ILUSTRAÇÕES BERNARDO FRANÇA

Na noite alta e estrelas, sem preguiça, ainda cintilavam no céu arroxado. O vento também trabalhava àquelas horas e entrava sorrateiro pela janela do quarto onde dormia Antonio Tabucchi, escritor e sonhador. Naquele momento, ele sonhava que reunia 20 de seus maiores ídolos. Estavam todos em um grande e luxuoso salão de festas, quando Ovídio, poeta e cortesão, adentrou o local metamorfoseado: com uma voz estonteante e profunda, ele zunia versos. Todos contemplavam aquele homem que descia a escadaria principal do salão passo ante passo, sem jamais interromper os versos. Seu corpo era mole e seus olhos, duros como os de uma borboleta. Tabucchi observou duas pequenas asas amarelo-azuladas a brotar nas costas de Ovídio e quis avisá-lo de que estava se transformando em um inseto. Para isso, tentou alcançar as escadas, mas uma grande e volumosa onda varreu o local e, quando Tabucchi se deu conta, estava enroscado no alto de um coqueiro. Um sol escaldante iluminava o coqueiro e seus frutos e, agora, também o escritor. Ele logo quis descer daquela árvore, mas, antes que o pudesse fazer, um homem afirmou: "Uma tribo". A claridade gerada pelo sol fez com que Tabucchi apertasse os olhos a fim de localizar o seu interlocutor: encontrou-o agarrado a um coqueiro vizinho, muito cheio de si. "Uma tribo", tornou a dizer o homem, dirigindo o olhar, desta vez, a Tabucchi. Este avistou ao longe uma pequena aldeia com pessoas dançando em círculos. Pensou em comentar que aquilo lhe parecia um ritual. Porém, quando virou o rosto para o homem, reconheceu em seu vizinho de coqueiro a figura de Robert Louis Stevenson (1850-1894), escritor e viajante. Tamanho foi o susto da revelação que Tabucchi se desequilibrou e despencou do coqueiro. Caiu com estrondo em uma taverna, onde Caravaggio (1571-1610), pintor e homem iracundo, bebia e jogava com seus amigos. O impacto da queda assustou os presentes e irritou Caravaggio, que se levantou de um salto só. Salto ainda mais veloz deu Tabucchi, ao ver que o pintor se aproximava dele com uma faca nas mãos. Com a face em grito e com cabelos de venenosas serpentes, Caravaggio partiu para cima de Tabucchi, que correu o quanto pode. Correu tanto que trombou em uma rua com Freud (1856-1939), intérprete dos sonhos dos outros. "Alto lá, rapaz!", disse-lhe o psicanalista, enquanto arrumava os óculos redondos que o escritor quase havia derrubado. "Aonde vai com tanta pressa? Por acaso, andou sonhando com sua mãe?", questionou o austríaco já com os óculos encaixados corretamente no nariz. O problema é que nos sonhos, muitas vezes o sonhador se torna mudo, por mais que haja voz no interior de seu ser. Por não conseguir dizer a Freud o que lhe





aconteceu, Tabucchi partiu. Em um trem, sentou-se ao lado de Fernando Pessoa (1888-1935), poeta e fingidor. Este anotava algo em uma caderneta quando Tabucchi lhe perguntou as horas. Pessoa lhe respondeu que ainda não eram duas horas na casa de Alvaro de Campos, mas que era hora de existir em Alberto Caeiro e, como dali a três minutos o trem pararia na estação na qual estaria Ricardo Reis, e eles deveriam se encontrar, era hora de pedir licença e desembarcar. Um vento fresco soprava enquanto Tabucchi via o mestre português da poesia se afastar, até não ser mais do tamanho de sua altura. Sozinho, na cabine do trem, seus olhos se fecharam para depois se abrirem. Então, Tabucchi se levantou e fechou a janela de seu quarto, para que o vento não levasse seus papéis. Sentou-se em sua mesa de trabalho e começou a redigir seu *Sonhos de sonhos*, livro de suposições e hipóteses sobre 20 personalidades amadas por um escritor.

Mas agora, tal como os seus antecessores que, um dia, lhe serviram de inspiração, o italiano Tabucchi está morto. Morreu em 2012, aos 68 anos, juntamente com seus sonhos, aspirações e inspirações. Tal como para os demais, o tempo também passou para ele (ou foi ele quem passou pelo tempo?). Seu pensamento, assim como o dos outros, eternizou-se em objetos repletos de referências e reinvenções. "O tempo é a memória da paisagem", comenta o escritor mineiro e crítico literário Pedro Maciel.

Aliás, o crítico lembra que, no ramo das artes, tempo, amor e morte estão entre os temas mais explorados. Afinal, são dilemas que nunca deixam de acompanhar a humanidade: estão em seus rastros, em sua memória, em seu corpo, em seus sentimentos mais profundos e instigam constantemente a imaginação, movida a criatividade. Sendo assim, não há um tempo, mas todos. "Para criar, é necessário desvendar o seu tempo e, ao mesmo tempo, propor outro. O artista, independentemente do meio em que vive, não quer modificar a realidade, mas criar outra realidade. O resto é sonho", diz Maciel.

Foi em uma tentativa criativa de imaginar o que sonhavam os seus ídolos, que Tabucchi escreveu *Sonhos de sonhos*: misturou dados biográficos de grandes nomes com boas doses de imaginação. Para criar uma nova realidade, escritores, cineastas, fotógrafos, pintores, desenhistas, escultores e todos os demais representantes das artes precisam de um caminho inovador ou inédito de linguagem, seja ela por formas, cores, palavras ou imagens.

Parafraseando, outra vez, a linha narrativa de Tabucchi através de um sonho, se poderia pensar Giotto di Bondone (1266-1337), pintor e homem possivelmente de baixa estatura, assim: então, Giotto sonhou. Sonhou que pintava um afresco com homens e cabras, mas sua baixa estatura não permitia que ele terminasse a pintura. O fato logo se espalhou por toda a cidade e a população começou a vir até o pintor e sua obra inacabada para zombar dele. Riram tanto que Giotto, enfurecido, começou a atacar o afresco, como nunca a querer terminá-lo. Pinceladas após pinceladas, e o infinito ganhou cada vez mais formas na pintura. Quando exausto, o pintor largou o pincel e escorregou ao chão. Suas pequenas mãos tremiam. A po-



pulação parava de rir e, agora, cochichava, boquiaberta, sobre o que via: a imagem humanizada e tridimensional de figuras de santos católicos. O filósofo e crítico de artes João Batista Natali cita o italiano Giotto como um dos mais memoráveis em termos de ruptura artística: "Giotto, apesar de cronologicamente 'medieval', foi um grande artista, justamente por ter reinventado a perspectiva que seria de tão grande utilidade durante o Renascimento" – o pintor rompeu com a técnica bizantina. 200 anos depois, também na Itália, Caravaggio causou furor, por diversas vezes, nas classes sociais mais altas (os consumidores de sua arte), ao buscar inspiração nas feições de homens e mulheres pobres, dentre eles, vendedores, prostitutas e ciganos, a fim de reproduzi-las em seus quadros de temática religiosa.

Nesta reinvenção de temas universais e atemporais, está o filme recém-lançado no Brasil *Um amor em Paris*, do francês Marc Fitoussi. O enredo da película representa a vida de muitos casais ao longo de gerações: a rotina, a tendência à monotonia e a vontade de viver o novo. É isso o que acontece quando uma mulher se deixa levar por um novo amor ao viver uma crise no casamento. Entretanto, a expectativa por uma trama original se dá em saber quais elementos Fitoussi (que já foi muito elogiado pelo filme *Copacabana*, de 2010) combina para romper com o esperado (e já visto pelo público em outras narrativas). Na opinião do escritor amazonense Mário Bentes, "não há forma melhor de chamar a atenção, em qualquer área, que apresentar uma visão diferente de temas conhecidos. Nem é necessário reinventar a roda, basta rejuvenescer o olhar sobre um tema nada jovem".

Bentes, autor de *A terra por onde caminho*, rejuvenesceu a morte em sua obra. Deu a ela não só olhos profundos e vazios e longas asas negras, mas também uma personalidade melancólica, romântica e piedosa, em que Uriel, o anjo da morte, é um apaixonado por estrelas. Para ser mais ousado, o escritor inspirou-se em narrativas bíblicas e reescreveu muitas delas a sua maneira. Nos contos que compõem o livro, o autor reflete sobre a morte indiscriminada e, por vezes, injusta (como o assassinato de um homem por apedrejamento, pelo fato de colher lenha no "dia de descanso" ou a morte de uma criança por fome); Uriel, ainda que contrariado, é obrigado a tirar a vida dessas pessoas por ordens de seu "Senhor". Nas palavras do escritor, "não há tema melhor sobre o qual quebrar padrões do que a religião. As pessoas em geral não gostam de ter sua fé questionada, seus dogmas criticados ou seus mitos dissecados".

Seriam, portanto, a quebra de padrões e a reinvenção de conceitos a "roda" do mundo em termos de inventos, sejam eles artísticos, sejam científicos? William Shakespeare (1564-1616), considerado um dos maiores autores de todos os tempos, sonhou com Romeu e sua Julieta, Hamlet e Otelo, por exemplo, para também falar de temas como o amor e a morte. Suas personagens e histórias se eternizaram na memória e, por sua vez, são fontes de inspiração para muitas outras obras. Em seu soneto *Se nada há de novo*, o bardo inglês indaga: "Se nada há de novo e tudo o que há/ já dantes era como agora é/ só ilusão a criação será/ criar o já criado para quê?".







Logotipo da minha  
fábrica de  
detergentes no  
México.

Publicado na  
Graphic  
Symbols of the  
World.

**O BRASIL É REALMENTE  
MUITO LUXUOSO. O SERVIÇO  
É QUE É PÉSSIMO.**

## LIVRE - PENSAR É SÓ PENSAR

Admirável psicanalista! Não curava ninguém. Mas pegava todos os problemas do paciente e juntava tudo num único complexo.

Qualquer um se convence de que uma deslavada mentira é uma verdade absoluta depois de ouvi-la várias vezes contada por si mesmo.

Ama o próximo como a ti mesmo. Mas cuidado, ele vai ficar furioso.

Assim não dá! Antes era todo mundo contra o estado policial. Agora todo mundo se queixa de que o Rio não tem polícia.

Como não pode existir mais de um caos, a palavra já vem no plural.

Não confundir ética com etiqueta, que é apenas uma ética de boutique.

Como a audácia do crime vem aumentando todo dia, já tem falsário ai acusando a Casa da Moeda de copiar suas notas.

Olhai, garotada: quando eu digo "No meu tempo", estou falando de daqui a dez anos.

Rico que se descuida acaba na mi-

séria. A vantagem do pobre é que ele pode se descuidar à vontade que não acaba rico.

Fala-se muito em objeto sexual. Mas a verdade é que quase todo objeto sexual não é bom de cama.

Pode ser que a pressa seja inimiga da perfeição, mas a ejaculação precoce também produz filhos bonitos.

De vez em quando tenho a impressão de que com esse pessoal que está no governo não se administra nem o Tivoli Parque.



Baseado num  
desenho de  
H. Symms.

## FÁBULAS FABULOSAS

### O FRUTO DA RAINHA VIRGEM



Era uma vez um Rei. Que viveu muito, pois era Rei, e acabou ficando cego. Um dia, cheio de esperança, chamou seus dois filhos pilantras. Os dois, que viviam nas boates da vida, escutaram o pai, chateadíssimos: "Nem me respondam, pois não ouço. Nem me mostrem, pois não vejo. Mas saiam e vão buscar imediatamente o fruto da Rainha Virgem, que me restituirá a vista. Se falharem, serão devidamente expatriados de minha paternidade, ou seja, mortos".

Diante da simpática perspectiva exposta pelo pai real, os dois filhos principais (de príncipe) chamaram João Jão, o primeiro lacaios que passava: "Servo canalha, que não tivestes nem mesmo a sabedoria de nascer burguês progressista, sai e aviai esta receita do velho, aliás, decrépito; taquí, fruto da Rainha Virgem. Em qualquer jardim do ramo. Ou em qualquer ramo de jardim. Vós descobris. Comprai ou roubai alguns. Mas se não encontrardes não perdaís a cabeça. Nós nos encarregamos disso".

O lacaios saiu imediatamente por ali, sem saber bem onde encontrar uma Rainha Virgem aberta àquela

hora da noite, mas, quando já ia desesperando, viu, na linha do horizonte, a silhueta inconfundível do eterno velhinho sábio e misterioso. "Você segue totalmente em frente", instruiu o velhinho, "enfia um porco (sic) na fechadura do portão, cobre os pés com grama pra não fazer barulho e arranca as frutas da árvore com um galho bifurcado. Cuidado que a árvore fica bem embaixo da janela da Rainha Virgem. Bom, se ela é virgem ou não, eu não sei. A rapaziada toda diz que nunca viu ninguém tão virgem".

Pelo visto o velho era um craque em geografia, economia de sistemas e genealogia. João Jão não só conseguiu roubar o fruto da árvore da Rainha como trouxe para o velho Rei a própria Rainha, seqüestrada segundo as técnicas mais brigadas vermelhas do medievo. O velho Rei mordeu o fruto, recobrou a visão, viu a esplêndida Rainha à sua frente e disse: "Eu vejo! Eu vejo! E pra começar vou casar com essa estúpida Rainha Virgem!" "Que rainha virgem?! - reagiu a gatona, indignada. "Isso é propaganda desses efêbos do Reino que, quando dormem comigo, gozam, entusiasmados: "Virgem, que rainha!"

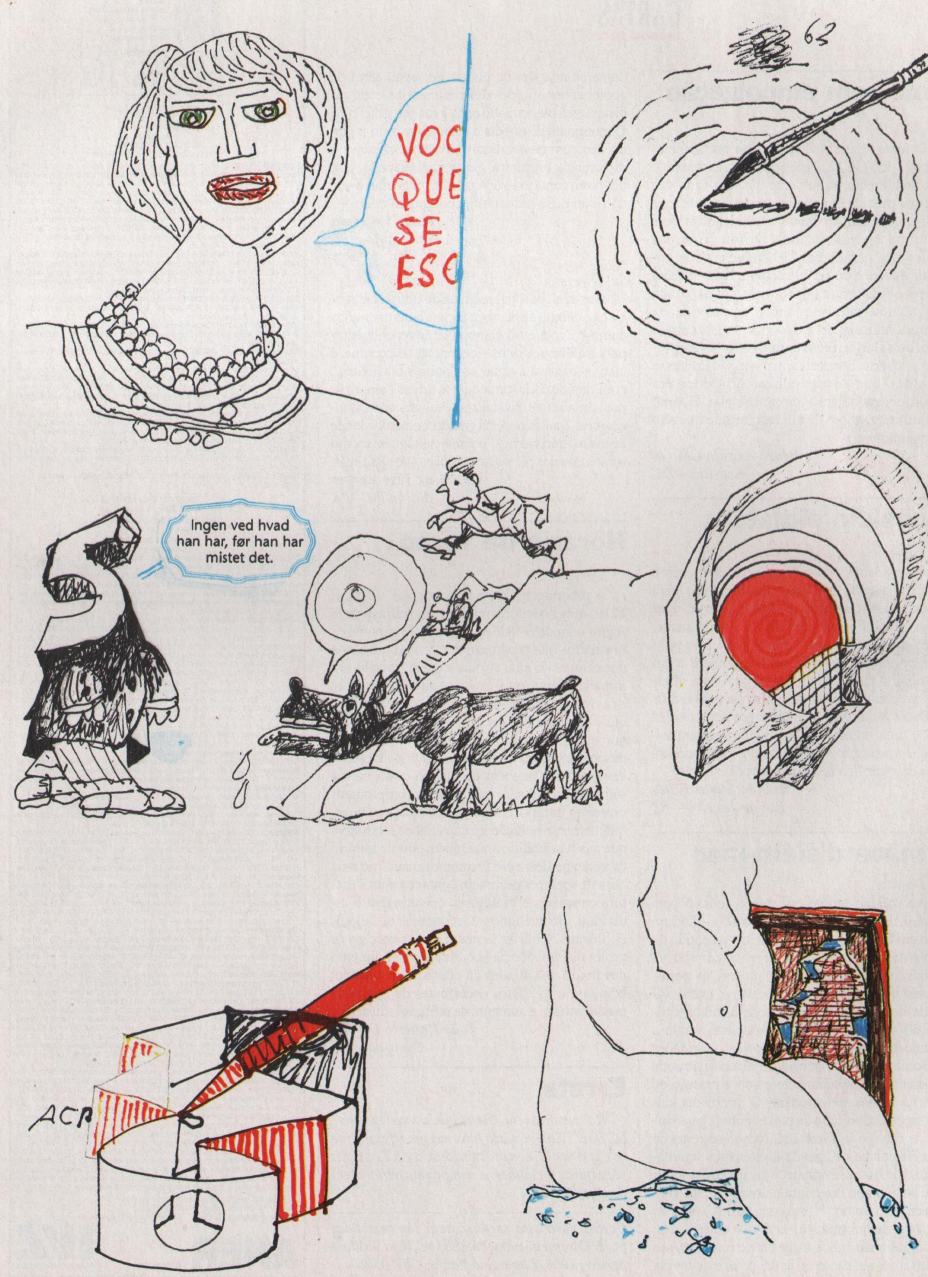
**MORAL:**

**A homofonia é muito conservadora.**

Alguns ilustradores podem expressar seus pontos de vista com total independência em colunas próprias.

Exemplo: Millôr Fernandes na sua coluna na revista Istoé, 1986.



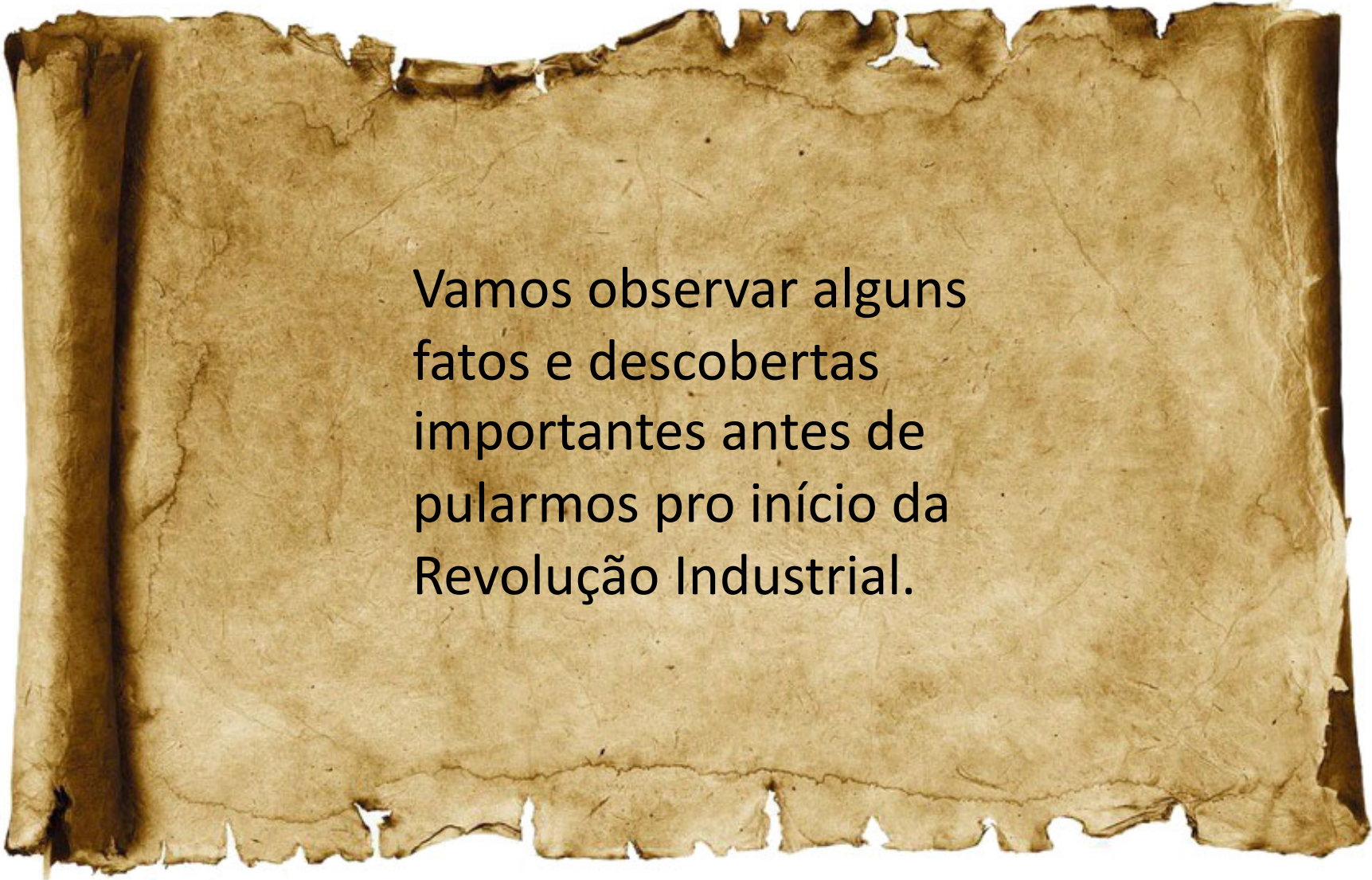


Millôr  
Fernandes na  
sua coluna na  
revista Istoé,  
1993.



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

Pinceladas históricas

A rectangular piece of aged, yellowish-brown paper with a rough, torn edge. The paper has a visible vertical crease on the left side, suggesting it was once folded. The surface shows signs of wear, including small dark spots and fibers. Centered on the paper is a block of text in a black, sans-serif font.

Vamos observar alguns  
fatos e descobertas  
importantes antes de  
pularmos pro início da  
Revolução Industrial.





### CRIAÇÃO DO PAPEL

O primeiro pedaço de papel ainda existente, um material bruto feito principalmente de fibra de cânhamo encontrado em uma tumba na China em 1957, remonta a 140 e 87 A.C.

Mas Cai Lun, um eunuco da corte Han em 105 D.C. é creditado como o inventor do primeiro papel de escrita de alta qualidade.

Ele criou seu papel esmagando e combinando cascas de árvores, cânhamo, trapos de linho e restos de redes de pesca, para em seguida tratar essa mistura com lixívia, de modo a quebrá-la em fibras mais finas (de acordo com o livro de Li Shi “A História da Ciência e Tecnologia na Dinastia Qin e Han”).

Fonte da imagem: [fuajibratsden.wordpress.com](http://fuajibratsden.wordpress.com)





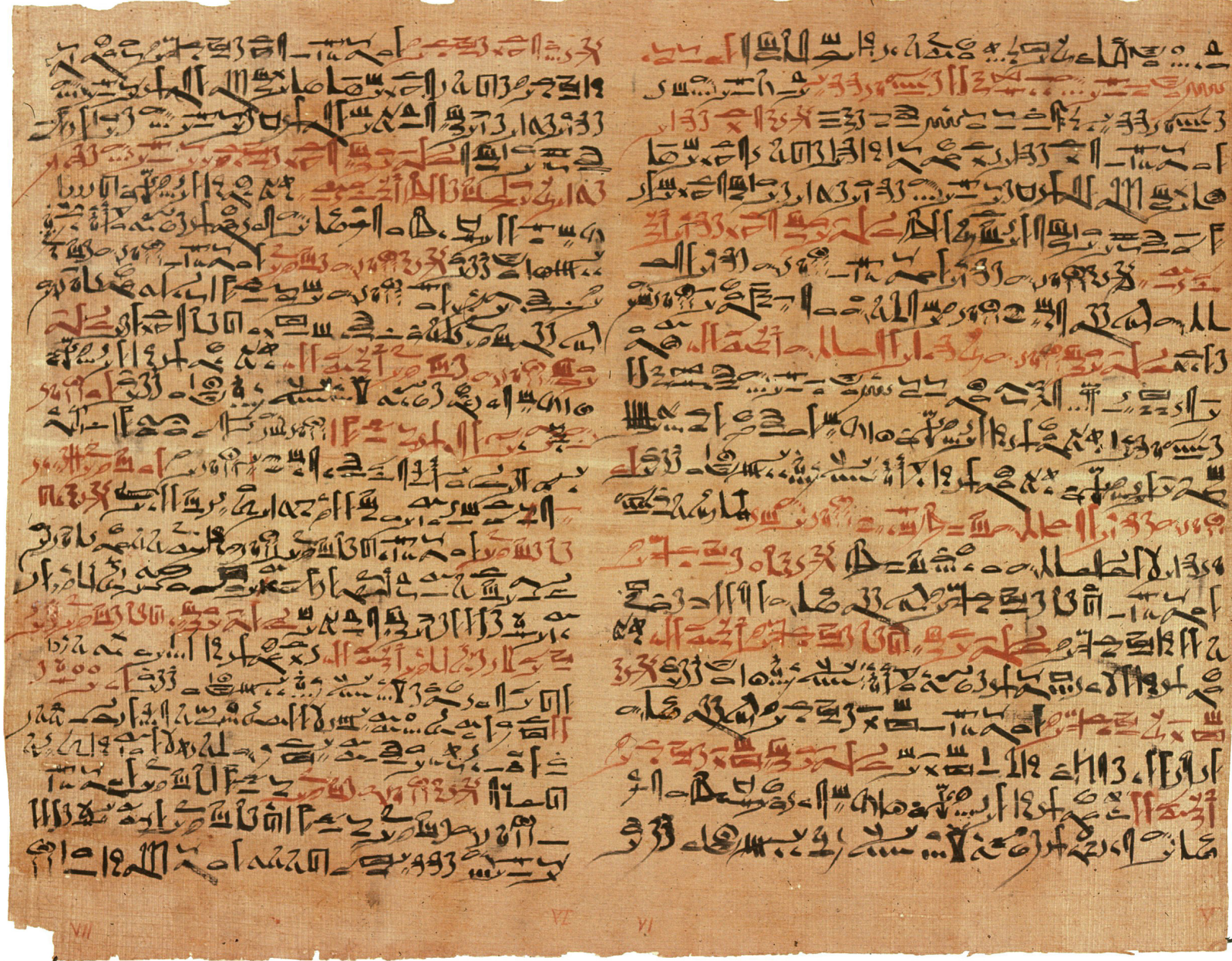
LIVRO: O Diamond Sutra é considerado o livro mais antigo do mundo (China, Dinastia Tang, 868 DC). Fonte da imagem: BLIA Lisboa.





IMPRESSÃO: O Diamond Sutra foi criado com um método que utilizava painéis de blocos de madeira entalhados à mão ao contrário. Acima, tipos de madeira. Fonte da foto: [ancientpages.com](http://ancientpages.com)





PAPIRO: Foi por volta de 2.500 a.C. que os egípcios desenvolveram a técnica de fabricar folhas de papiro (planta da família das ciperáceas), considerado o precursor do papel.

Acima: Imagem do Papiro de Edwin Smith, texto de medicina da antiguidade egípcia, 1700 a.C.





PERGAMINHO: Documento preparado com pele de animal – cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha. Seu nome lembra o da cidade grega de Pérgamo, na Ásia menor, onde se acredita que possa ter se originado. Acima, foto de Baz Ratner, Reuters mostra um dos Manuscritos do Mar Morto, 250 a.C – 66 d.C.





CODEX: ou Códice (em latim significa “livro”) é um volume antigo manuscrito organizado em cadernos, solidários entre si por cosedura e encadernação. Sua história está associada à difusão do cristianismo. Foi desenvolvido ainda nos séculos I e II, época em que ainda vigorava o rolo feito de folhas de papiro.

Acima, imagem do Codex Sinaitico, um dos mais antigos manuscritos bíblicos existentes, datado do século IV.





ILUMINURA: tipo de pintura decorativa aplicada às letras capitulares dos códices de pergaminho medievais. O termo se aplica igualmente ao conjunto de elementos decorativos e representações imagéticas executadas nos manuscritos produzidos nos conventos e abadias da Idade Média. Ao lado, “Golden Haggadah”, c. 1320, Espanha. Acima, manuscrito “Fets i paraules memorables dels romans”, 1470.







XILOGRAVURA: é de provável origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI. No ocidente, ela já se afirma durante a Idade Média.

Acima: xilogravura do século XVI ilustrando a produção da xilogravura. No primeiro desenho acontece o esboço da gravura; e no segundo, o homem usa o buril para cavar o bloco de madeira que receberá a tinta.





**GUTENBERG E A INVENÇÃO DA IMPRENSA:** Johannes Gutenberg (1396 – 1468) inventou a impressão tipográfica – uma tecnologia que sobreviveria com poucas modificações até o século XIX -, porta para o mundo moderno da difusão de conhecimento. A Bíblia de 42 linhas (1455) é considerado o primeiro livro impresso.





TIPOS MÓVEIS  
Foto de Willi Heidenbach, 2006.





Stradanus: “The invention of bookprinting”, obra que pertence a uma série de impressões chamada Nova Reperta. Gravada por Jan Collaert e publicada por Philips Galle, 1591.

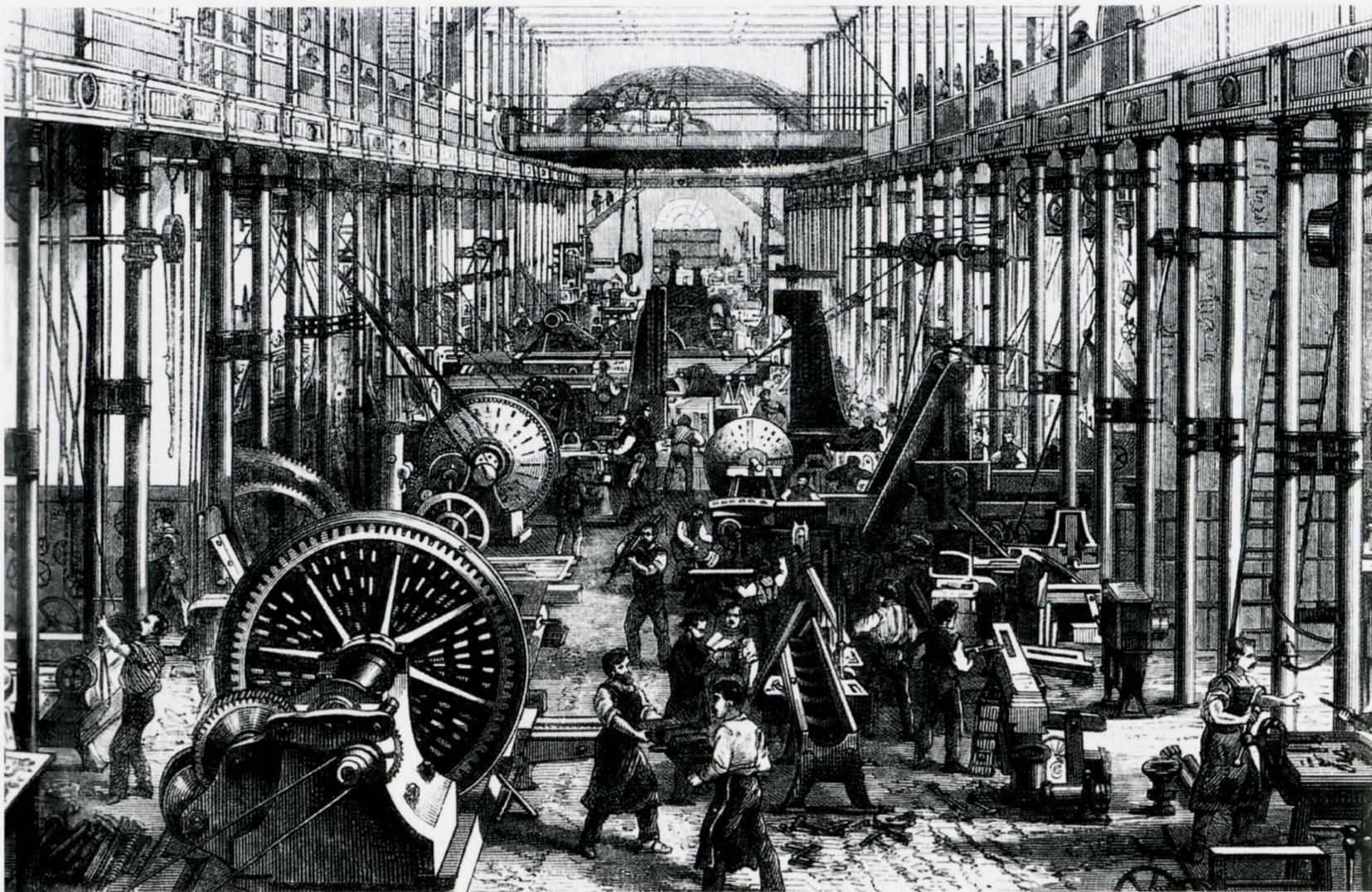




REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: Foi o período de grande desenvolvimento tecnológico que teve início na Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII com o desenvolvimento da máquina a vapor. A Revolução Industrial garantiu o surgimento da indústria, promovendo grandes transformações no estilo de vida da humanidade, acelerando a produção de mercadorias e a exploração de recursos da natureza.

Acima: À esquerda, pintura de William Wyld, “Manchester, from Kersal Moor, with rustic figures and goats”, 1852.





A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (segunda metade do século XIX até a Segunda Guerra) teve como principais consequências, mediante o maior avanço tecnológico, o aumento da **produção em massa** em menos tempo, com aumento do comércio e modificação dos padrões de consumo. Acima, obra de autor desconhecido mostra fábrica de máquinas na Alemanha, 1868.





Era grande o espírito crítico nas sátiras de cunho político-social e de crítica aos costumes de William Hogarth. Dedicou-se a retratar os defeitos e vícios de seu tempo: tudo o que lhe parecia ridículo ou repreensível foi assunto de suas composições.

“Estou resolvido a compor comédias na tela, a pintar não assuntos clássicos, mas retratos burgueses; não pintarei mais heróis imaginários. Serei útil”.

William Hogarth (1697 – 1764):  
“The Rake’s Progress”, Plate 1:  
The Young here takes possession of the miser’s effects”, água-forte (1734).





Thomas Rowlandson (1756 – 1827): “Loose principles/ Princípios frouxos”, água-forte e aquarela, 1789.





George Cruikshank: "Rei George IV massageado pela amante Marquesa de Hertford enquanto sua esposa Queen Caroline escuta na porta", água forte colorida, 1820.  
Em 1820, Cruikshank recebeu da Família Real a soma de 100 libras para que não caricaturasse "Sua Majestade George IV do Reino Unido em qualquer situação embaraçosa".





William Blake (1757-1827): “O Livro de Urizen”, cuja primeira impressão (“O Primeiro Livro de Urizen”) data de 1794. Todos os seus Livros Lambeth tiveram a composição, impressão e coloração, e venda feitas em sua casa em Lambeth, no sul de Londres. Esse livro é um dos poucos coloridos realizados com a colocação de tinta colorida na chapa de cobre antes da impressão na página.

Técnica da imagem à direita: monotipia, com caneta e tinta marrons, e tons cinza em aquarela sobre papel creme.





## **BRASIL: CHEGADA DA FAMÍLIA REAL**

Em setembro de 1806, face às ameaças das tropas napoleônicas, El-Rei D. João VI decide embarcar juntamente com a Família Real e as principais instituições do Estado para o Brasil.

No dia 29 de novembro de 1807 zarpam de Lisboa, escoltados por navios britânicos, chegando ao Rio em 7 de março de **1808**.

Obra de autor desconhecido, século XIX.



N.º 1.

# GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

*Doctrina sed vim premovet insitam,  
Rectique cultus pectora roborant.*

HORAT. Ode III. Lib. IV.

Londres 12 de Junho de 1808.

Noticias vindas por via de França.

Amsterdão 30 de Abril.

Os dois Navios Americanos, que ultimamente arribarão ao Texel, não podem descarregar as suas mercadorias, e devem immediatamente fazer-se á vela sob pena de confiscação. Isto tem influido muito nos preços de varios generos, sobre tudo por se terem hontem recebido cartas de França, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos serão detidos logo que chegarem a qualquer porto da França.

Noticias vindas por Gottenburgo.

Chegarão-nos esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona até 17 do corrente. Estas ultimas annunciação que os Janizaros em Constantinopla se declararão contra a França, e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto se tinha apaziguado. — Hamburgo está tão exaurido pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já hum còdea de pão, nem huma cama. Quasi todo o Hannover se acha nesta deploravel situação. — 50000 homens de tropas Francezas, que estão em Italia, tiverão ordem de marchar para Hespanha.

Londres a 16 de Junho.

Extracto de hum Carta escrita a bordo da Statira.

“ Segundo o que nos disse o Official Hespanhol, que levámos a Lord Gambier, o Povo Hespanhol faz todo o possível para sacudir o jugo Francez. As Provincias de Asturias, Leão, e outras adjacentes armarão 80000 homens, em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé, como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes, e o Ferrol se teria igualmente sublevado a não ter hum Governador do partido Francez. Os Andaluzos, nas visinhanças de Cadiz, tem pegado em armas, e destes ha já 60000, que são pela maior parte Tropas de Linha, e commandados por hum habil General. Toda esta tempestade se originou de Bonaparte ter declarado a Murat Regente de Hespanha. O espirito de resistencia chegou a Carthagená, e não duvido que em pouco seja geral por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon, que fica poucas leguas distante de Oviedo, com huma sufficiente quantidade de polvora, &c. pois do successo de Hespanha depende a sorte de Portugal. A revolta he tão geral, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Concidadãos revoltados. ”



## BRASIL: TRÊS SÉCULOS DE SILÊNCIO

Três séculos: esse foi um dos castigos impostos pela Coroa portuguesa à sua principal colônia. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, **qualquer atividade impressora em terras brasileiras era proibida.**

Somente em **1808**, com a chegada da família real, é criada a **Impressão Régia** e começam a funcionar as máquinas tipográficas inglesas trazidas nos porões da esquadra de dom João VI.

Após um breve período de monopólio estatal, a atividade é liberada e passa a difundir-se rapidamente.

Ao final do século XIX, o país já acumulava um rico acervo de impressos.

Ao lado, primeira edição da Gazeta do Rio de Janeiro, 1808. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.





Dom João VI (1767 – 1826) foi rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves de 1816 a 1822. De 1822 em diante foi rei de Portugal e Algarves até sua morte. Obra de Esbrand, gravura em metal sobre papel, 1816-1821.

D. Pedro I (1798 – 1834) foi o primeiro Imperador do Brasil como Pedro I de 1822 até sua abdicação em 1831, e também Rei de Portugal e Algarves como Pedro IV entre março e maio de 1826. Obra de Simplício Domingues de Sá, 1830.



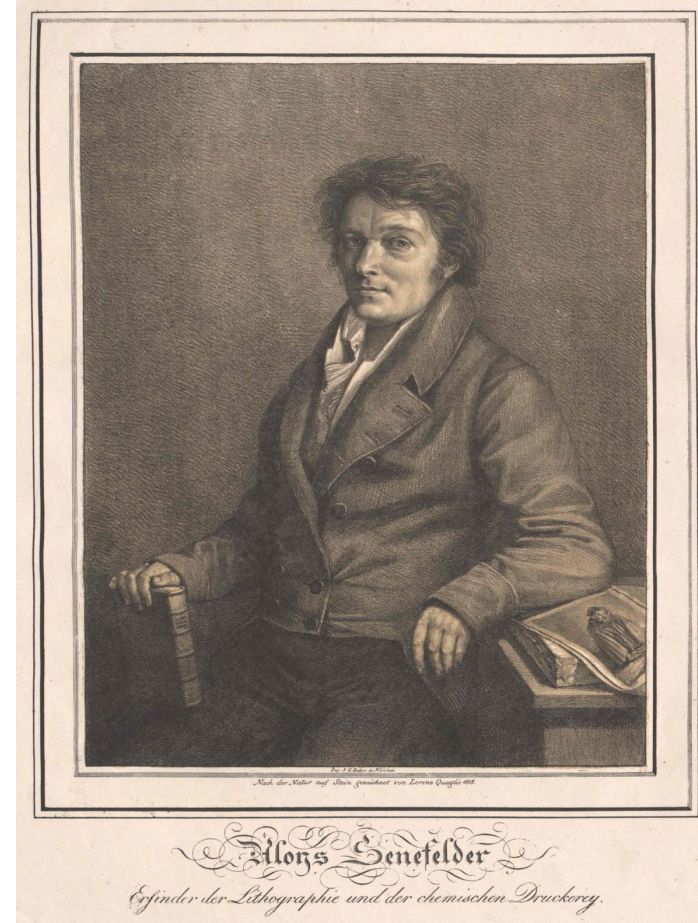


## **INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1822)**

Em 1820 a revolução liberal eclodiu em Portugal e a família real foi forçada a retornar a Lisboa. Antes de deixar o Brasil, no entanto, D. João nomeou seu filho mais velho, D. Pedro de Alcântara de Bragança, como Príncipe Regente do Brasil (1821). Embora D. Pedro fosse fiel ao pai, a vontade das cortes portuguesas em repatriá-lo e de retornar o Brasil ao seu antigo estatuto colonial o levou a rebelar-se.

“Independência ou Morte”, Quadro de Pedro Américo, óleo sobre tela, 1888.





**Alois Senefelder** (Praga, 1771 – Munique, 1834), ator e dramaturgo austro-alemão, inventou a técnica de impressão litográfica em 1798.

Em 1818 publicou o livro “Vollständiges Lehrbuch der Steindruckerey / Um curso completo em litografia”, dividido em dois capítulos: um sobre a história e outro com instruções práticas. Ao lado, retrato feito por Duval & Hunter, 1871. Acima, outro retrato dele feito por Lorenzo Quaglio the Younger, 1818.





Figures par V. A.

INTÉRIEUR DE L'IMPRIMERIE LITHOGRAPHIQUE DE LEMERCIER





No centro dessa rara gravura (acima), conversando com um cliente, está Joseph Lemercier (1803-1887), diretor da célebre firma de litografia parisiense Lemercier & Cie. Atrás dele, no andar principal, há pelo menos trinta impressoras litográficas, enquanto artistas e escritores trabalham nas varandas. Acompanhando as paredes estão armários cheios de centenas de calcários da Baviera catalogados e guardados para reimpressão.

**Charles Villemín** (1835-1849) baseado na arte de Victor Adam (1801-1866), *Interieur de l'Imprimerie lithographique de Lemercier* (Interior da Casa de Impressão Litográfica Lemercier), impressa por Lemercier & Cie., 1842.





No século XVIII duas inovações revolucionaram a xilogravura: a chegada à Europa das gravuras japonesas coloridas, que tiveram grande influência sobre as artes do século XIX...

Acima, Hokusai: “Grande Onda de Kanagawa”, xilogravura de 1829-1833, série Trinta e seis vistas do Monte Fuji.





## THE CROSS-BILL

...e a técnica da gravura de topo criada por Thomas Bewick.

Acima: xilogravura publicada em A History of British Birds, 1847.





#### COLAGEM

Mary Delany (1700-1788): Ficou viúva aos vinte e poucos anos: seu segundo marido morreu aos 68 deixando-lhe uma confortável fortuna. Suas obras de arte em *decoupage* em papel – que ela executou entre os 71 e 88 anos – eram uma combinação altamente qualificada e detalhada de papéis pintados e coloridos, cortados à mão e colados em camadas. Eventualmente eram adicionados elementos de flores reais. Acima, *Rhododendron maximum*, 1778. Ao lado, *Crinum Zeylanicum*, 1778.







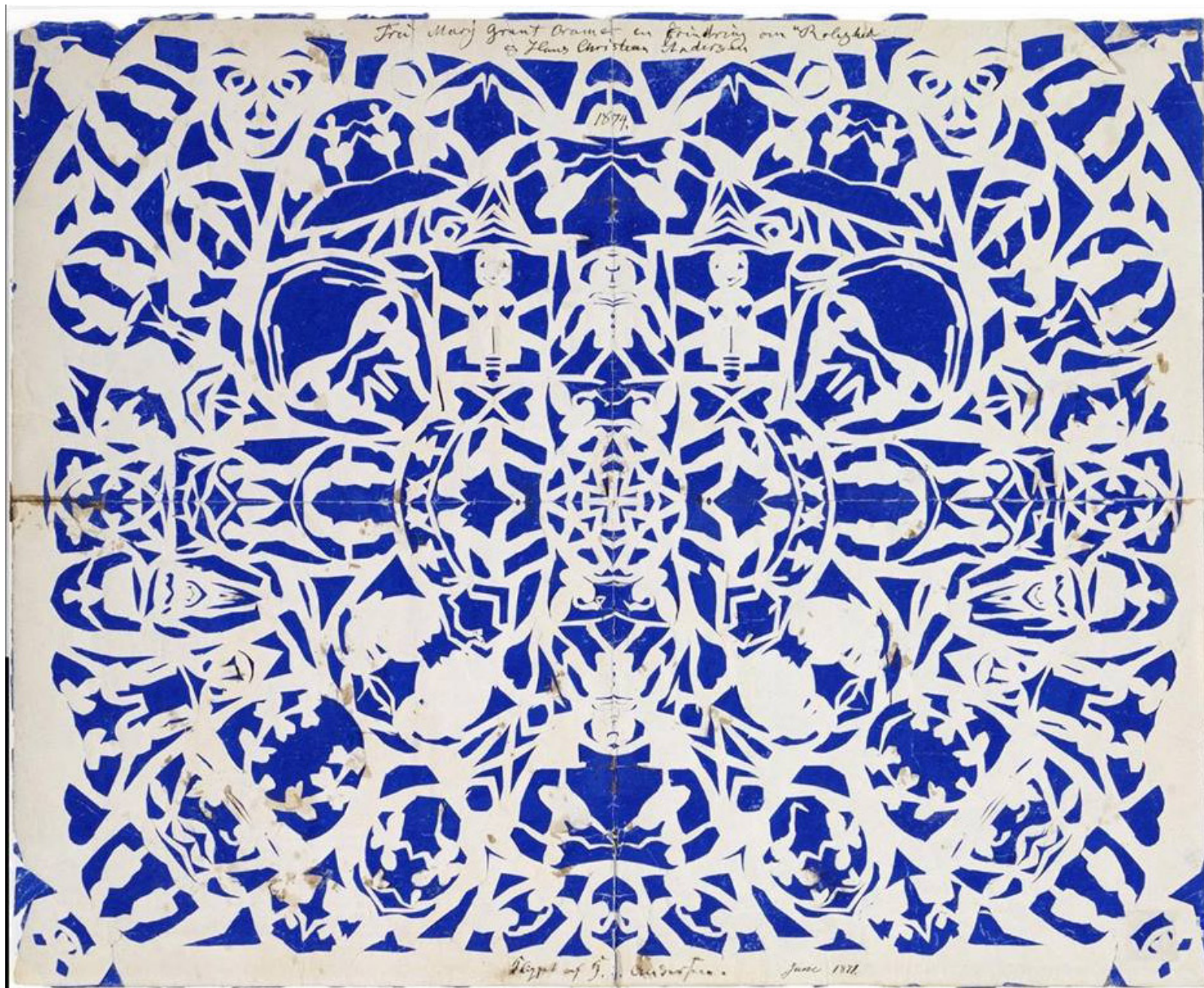
Hans Christian Andersen (1805-1875) foi um escritor e poeta dinamarquês, famoso pela criação de histórias infantis.

Escreveu peças de teatro, canções, histórias. E contos como “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia”, “A Polegarzinha”, “A Rainha da Neve” e muitos outros.

Acima, Andersen em foto de Israel Berendt Melchior, 1867. Ao lado, foto de Thora Hallager mostrando Andersen em 1869.



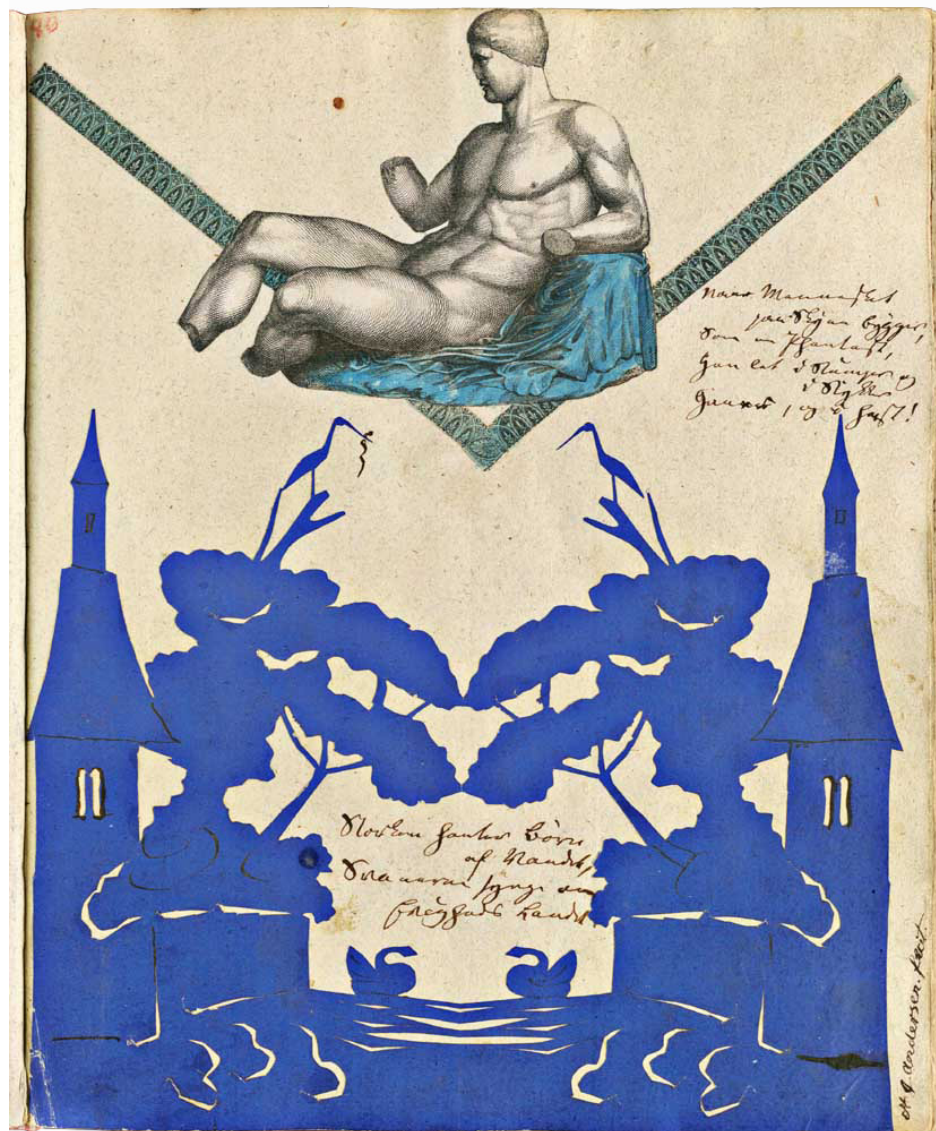




Andersen também criou mais de 400 peças de papel recortado (paper cutting). Apesar de serem criadas como passatempo, eram fruto de grande dedicação de tempo e energia, apresentando uma característica moderna para a época.

À direita, papel recortado de Hans Christian Andersen, 1871.

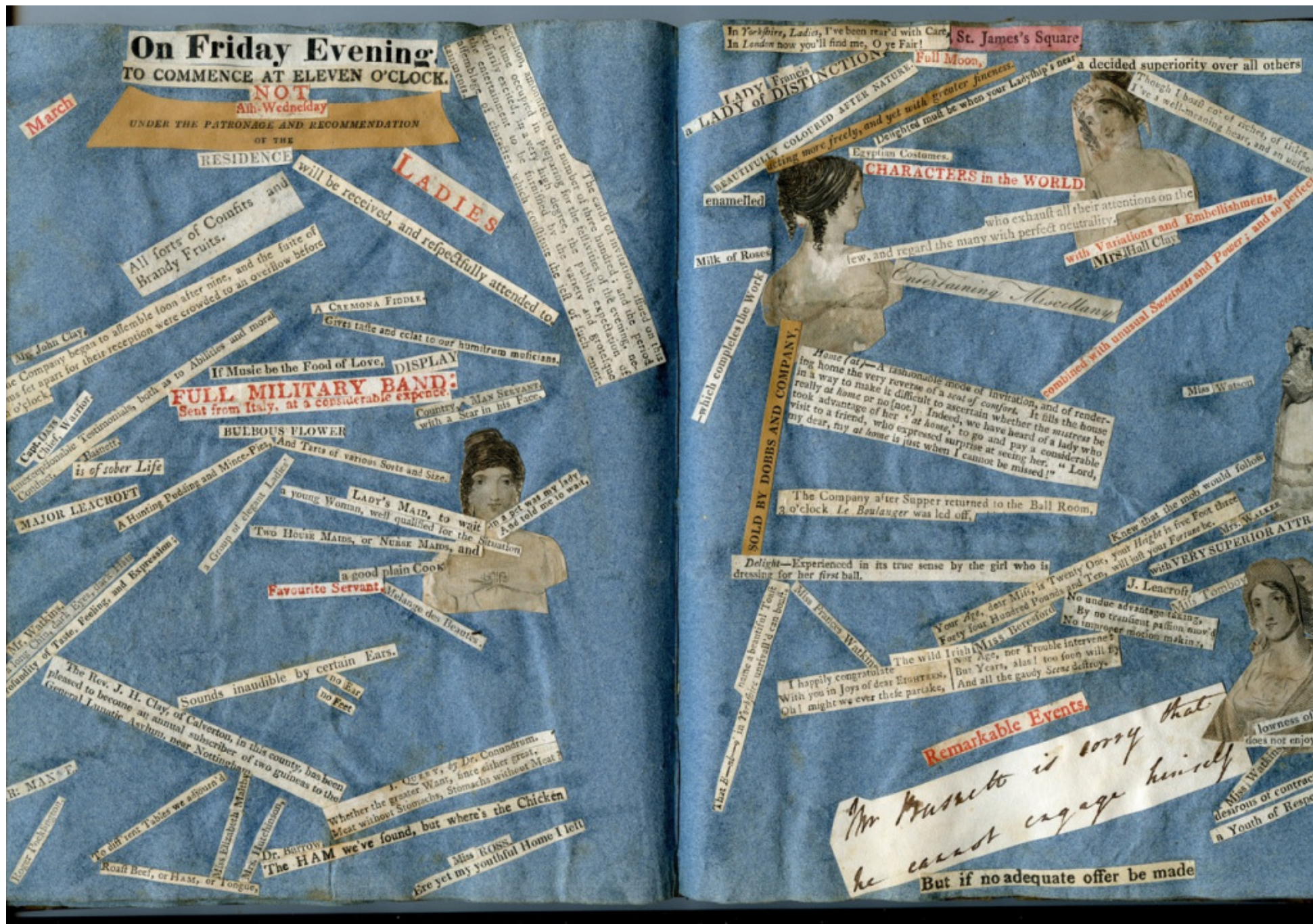




Hans Christian Andersen: "Christine's Picture Book", 1859.

"Christine's" é um dos três conhecidos scrapbooks criados pelo escritor. Andersen e seu amigo Adolph Drewson compilaram esse livro para comemorar o terceiro aniversário de Christine, neta de Adolph. Suas 122 páginas trazem mais de mil figuras recortadas e coladas.





No período vitoriano o papel estava em toda parte. Álbuns de recortes, cartões de dias dos namorados, e todo tipo de papel estampado se tornaram objetos de decoração em casas ricas, e cortá-los se tornou uma obsessão.

Presságios do modernismo são abundantes. A fotomontagem é usada extensivamente para criar retratos de grupo que desafiam o espaço ou para gerar ilusões e situações fantasiosas.

Acima: Caderno de Mary Watson, 1821.





Georgina Berkeley: Berkeley Album, 1866/71.



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

Uma visão geral sobre a História da Ilustração Editorial





*v. 6. = complet.*

1 Septembre 1834. — 31 décembre

Troisième année.

Nº 242 — Lundi.



# Le Charivari,

JOURNAL PUBLIANT CHAQUE JOUR UN NOUVEAU DESSIN.



Le Charivari foi uma revista ilustrada publicada em Paris, França, de 1832 a 1937. Publicou caricaturas, charges e resenhas. Depois de 1835, quando o governo proibiu a caricatura política, Le Charivari começou a publicar sátiras da vida cotidiana.

Contribuíram para o jornal artistas como Honoré Daumier, Cham, Gustave Doré, Grandville, Eugène Forest, Nadar e outros. Foi publicado diariamente de 1832 a 1936, e a partir dessa data semanalmente até 1937.



# LES POIRES,

Faites à la cour d'assises de Paris par le directeur de la CARICATURE.

**Vendues pour payer les 6,000 fr. d'amende du journal le *Charivari*.**

Se, pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces croquis informes, auxquels j'aurais peut-être dû borner ma défense :



Alors il faudra condamner celui-ci, qui ressemble au premier.

Et enfin, si vous êtes conséquents, vous ne sauriez absoudre cette poire, qui ressemble aux croquis précédents.

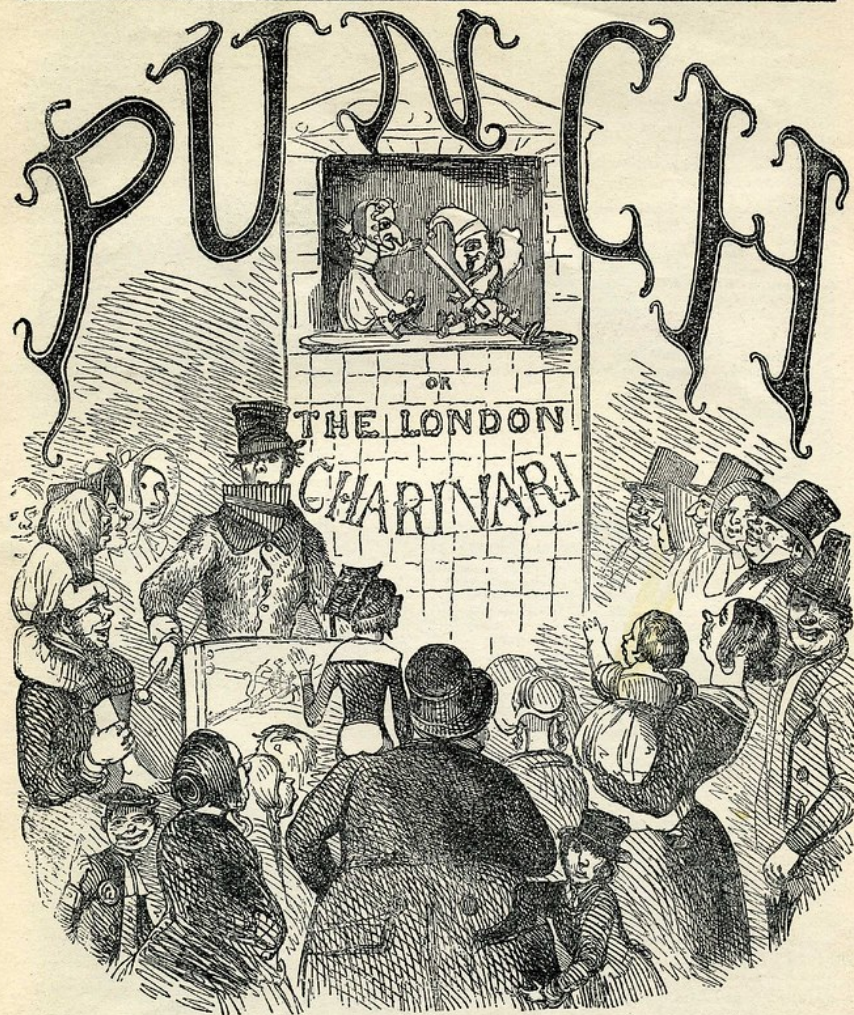
Ainsi, pour une poire, pour une bricbe, et pour toutes les têtes grotesques dans lesquelles le hasard ou la malice a placé cette triste ressemblance, vous pourrez infliger à l'auteur cinq ans de prison et cinq mille francs d'amende!!  
Soyez, Messieurs, que c'est là une singulière liberté de la presse!!



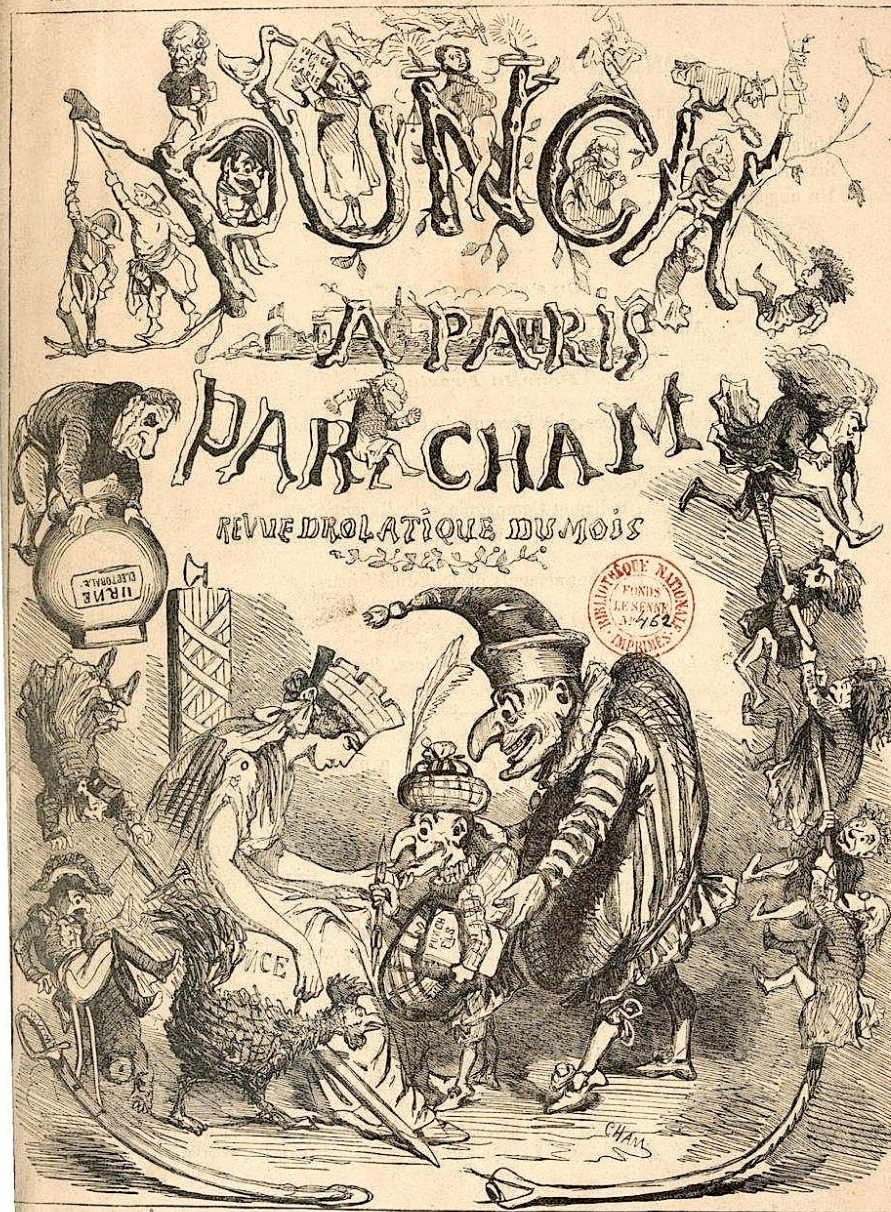
Acima: Esboço, produzido por Charles Philippon em 14 de novembro de 1831, durante uma audiência na Corte por desrespeito ao rei. Desenho a caneta e tinta marrom.

À direita, Honoré Daumier: “Les Piores” (1834)O esboço de Philippon foi retomado - a pedido de seu criador – por Daumier. Philippon publicou a versão de Daumier no Le Charivari de 17 de janeiro de 1834.





LONDON:  
PUBLISHED FOR THE PROPRIETORS, BY R. BRYANT,  
AT PUNCH'S OFFICE, WELLINGTON STREET, STRAND.  
AND SOLD BY ALL BOOKSELLERS.



PARIS : BUREAUX, RUE DU CROISSANT, 16.

**Punch, the London  
Charivari (1841 – 1992) e  
(1996 – 2002)**

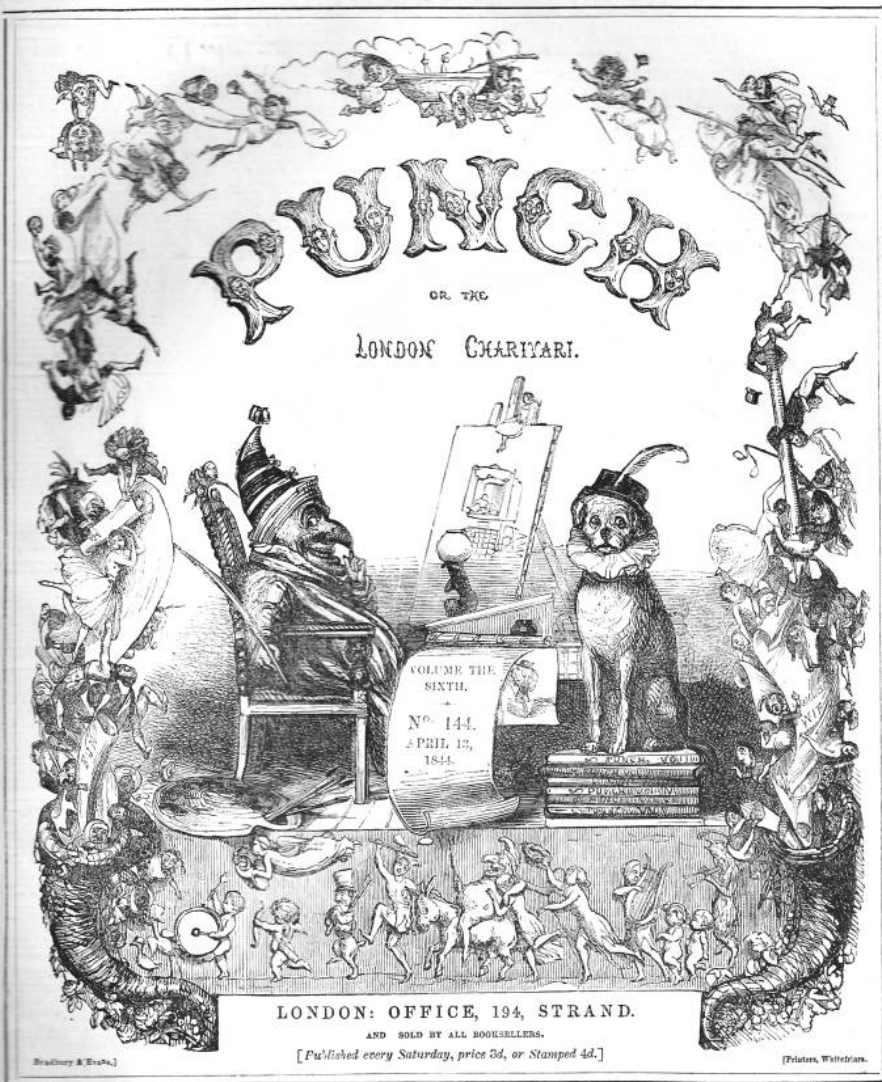
Publicação de humor inglesa  
semanal, fundada por Henry  
Mayhew e Ebenezer  
Landells.

À esquerda, capa da  
primeira edição,  
possivelmente feita por  
Archibald Henning, 1841.

À direita, a capa criada por  
Cham para a edição de 1850  
traz o mascote da revista, o  
“bobo da corte” Mr. Punch.

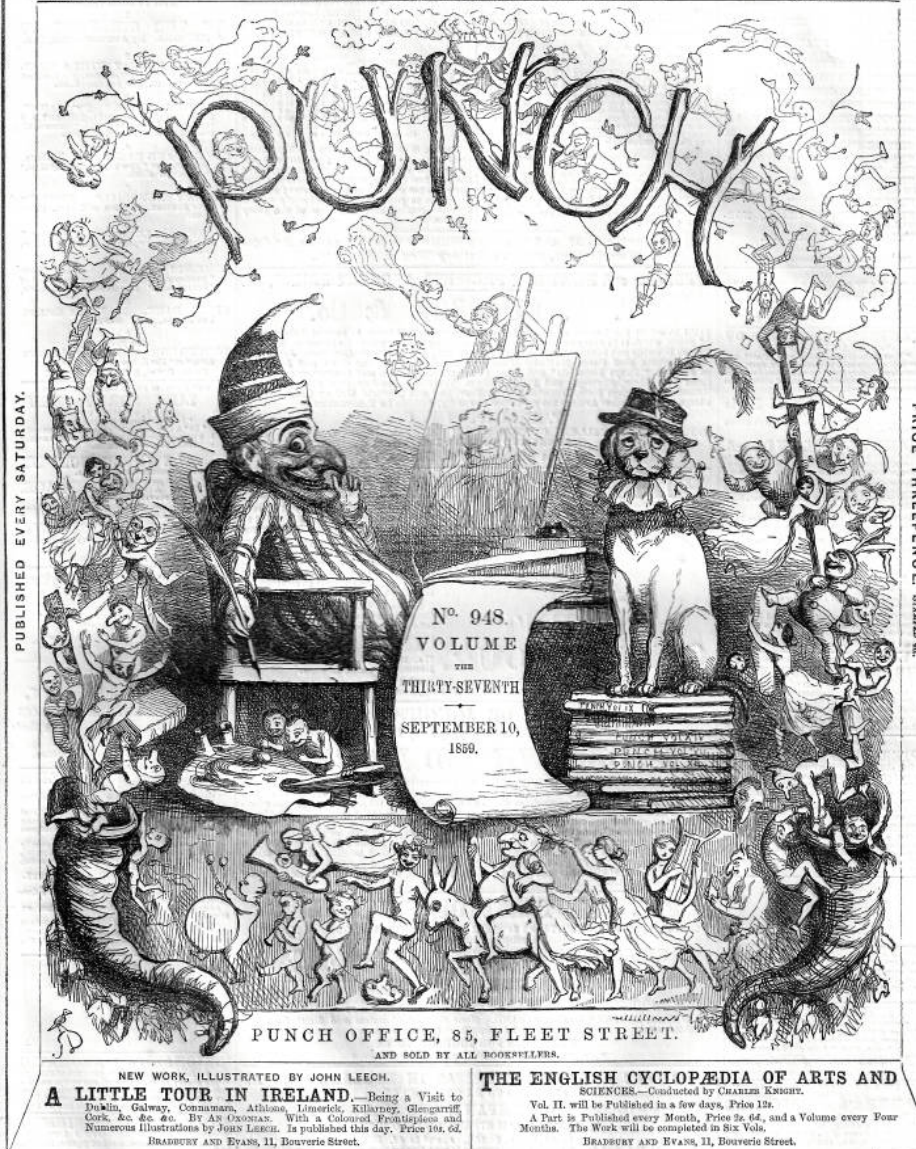


of The WEEKLY NUMBERS, as well as the Monthly Parts, may be had of all Booksellers & Newsmen, and a STAMPED EDITION, to send free by post, is also published, price 4d.



Just Published, Punch's Guide to the Chinese Collection Price Sixpence.

Now ready, handsomely bound in cloth.] **THE NATURE-PRINTED BRITISH SEA-WEEDS.**  
 The Descriptions by WILLIAM G. JOHNSTONE and ALEXANDER CROALL. NATURE-PRINTED BY HENRY BRADBURY.  
 ADVERTISEMENT.—"For this kind of work Nature-Printing is exactly adapted. Every delicate and inimitable ramification is most attractively and accurately represented." Daily News.—"The plants are printed in their natural size and colour, with an accuracy that could never be attained by any artist, even after the sacrifice of a life time in study."  
 BRADBURY & EVANS.] Vol. II. will be published October 1, and the Work will be completed in Four Vols. [11, Bouverie Street.



NEW WORK, ILLUSTRATED BY JOHN LEECH.  
**A LITTLE TOUR IN IRELAND.**—Being a Visit to Dublin, Galway, Connemara, Athlone, Limerick, Killarney, Glengarriff, Cork, &c. &c. BY AN ENGLISHMAN. With a Coloured Frontispiece and Numerous Illustrations by JOHN LEECH. Is published this day. Price 10s. 6d. BRADBURY AND EVANS, 11, Bouverie Street.

**THE ENGLISH CYCLOPEDIA OF ARTS AND SCIENCES.**—Conducted by CHARLES KNIGHT.  
 Vol. II. will be Published in a few days. Price 12s.  
 A Part is Published every Month, Price 2s. 6d., and a Volume every Four Months. The Work will be completed in Six Vols. BRADBURY AND EVANS, 11, Bouverie Street.

Capas da revista Punch com o mascote criado pelo ilustrador Richard Doyle. A primeira versão é de 1844 (à esquerda), e foi retomada em 1849 (à direita), gerando uma forte marca para a revista, que imperou até 1954.

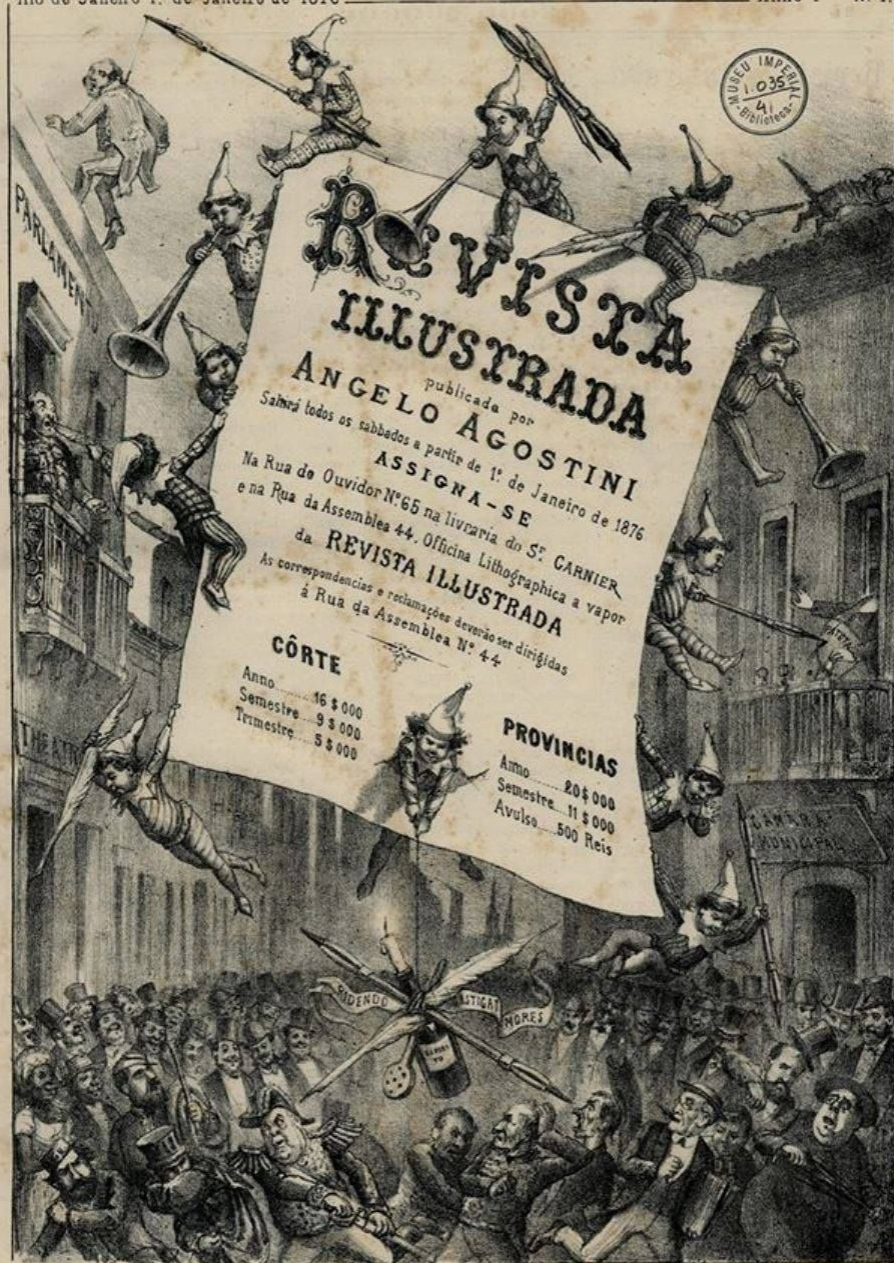




**Angelo Agostini** (1843-1910) foi um desenhista ítalo-brasileiro que firmou carreira no Brasil. Foi o mais importante artista gráfico do Segundo Reinado. Viveu a infância e adolescência em Paris e, em 1859, com dezesseis anos, foi para São Paulo com sua mãe, a cantora lírica Raquel Agostini. Em 1864 (início da Guerra do Paraguai) deu início à carreira de cartunista, quando fundou o Diabo Coxo, primeiro jornal ilustrado publicado em São Paulo.

Acima, à esquerda: Agostini na capa de A Revista Ilustrada, 1888. À direita, foto que traz Agostini, Eliseu Visconti e outros, 1893.





Apparece a Revista Ilustrada, é mais um; não importa o campo é vasto ....



Com falta de assumptos... é logo que não ha maiores novidades...

Revista Ilustrada (1876 – 1898)

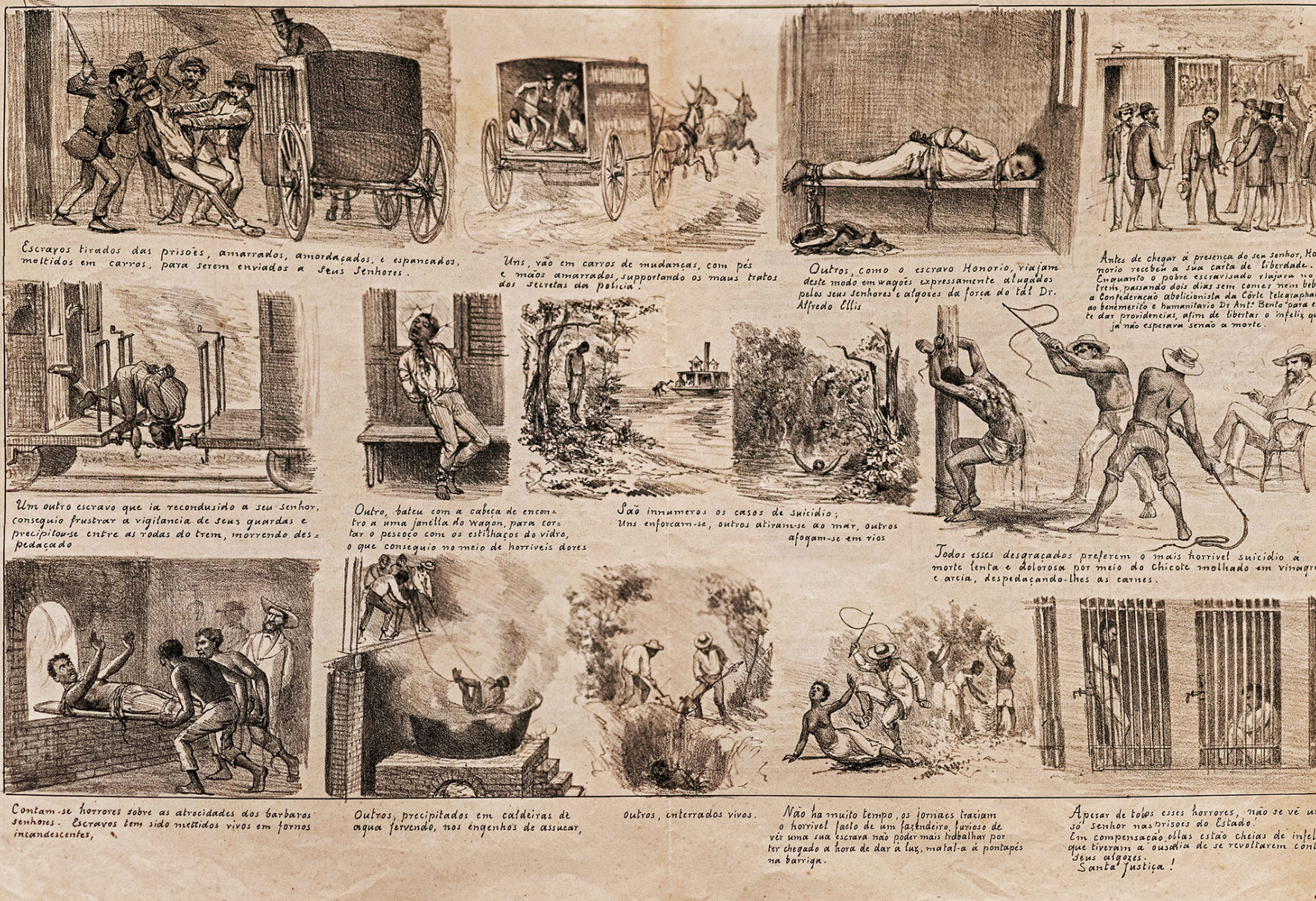
Fundada por Angelo Agostini, é considerado o mais importante periódico brasileiro do século XIX. Isso se deve tanto à sua longevidade – durou 22 anos - como ao destacado papel político que cumpriu na luta pela causa abolicionista.

À esquerda: primeira edição, 1 de janeiro de 1876.

Acima: Edição n.20, 1876.

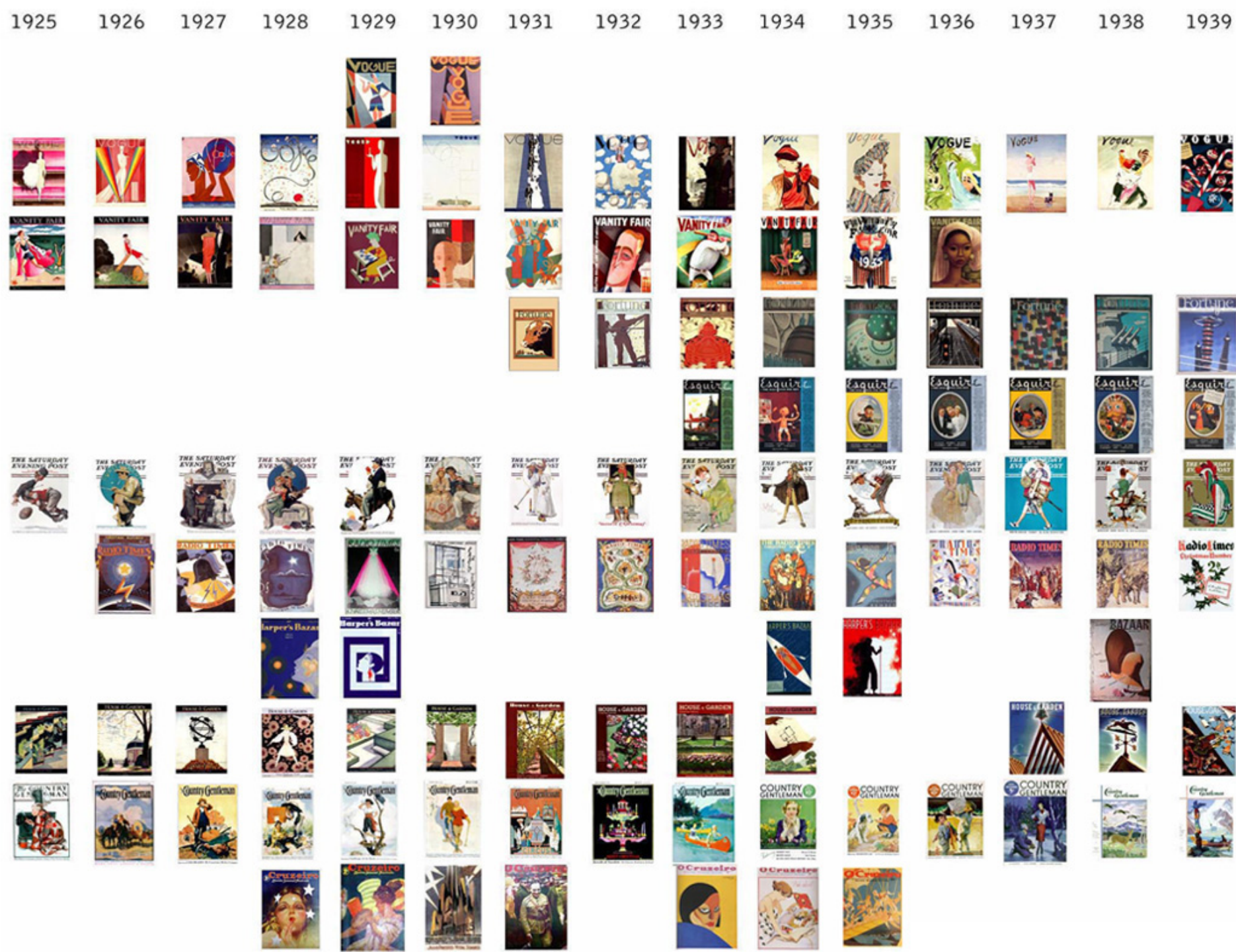


Scenas da escravidão patrocinadas pelo partido da Ordem, sob o glorioso e sabio reinado do Senhor D. Pedro II o Grande...



HQ de Agostini com cenas da escravidão, em que o realismo dá o tom nos desenhos. Publicada na Revista Ilustrada em 18 de fevereiro de 1886 (antes da assinatura da Lei Áurea, em 1888).



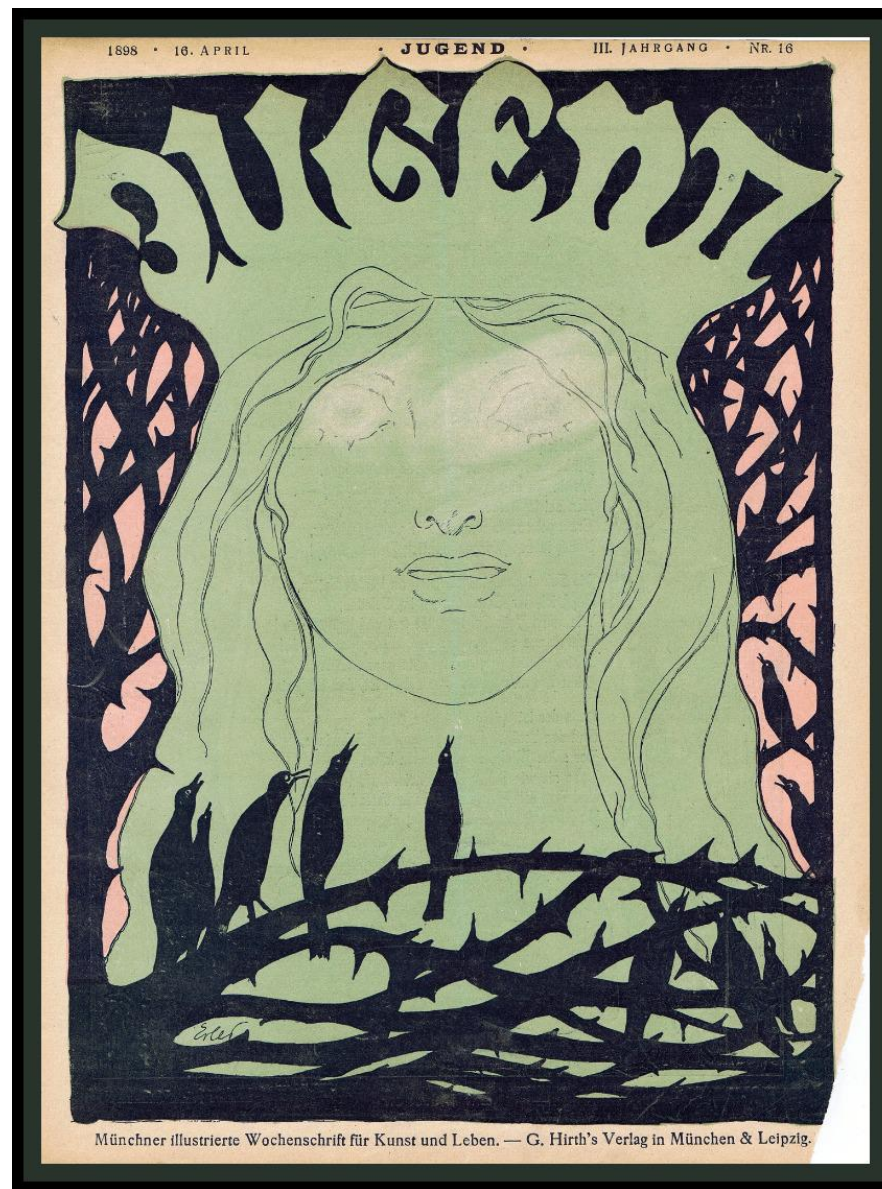




1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954







Jugend (1896 – 1940)

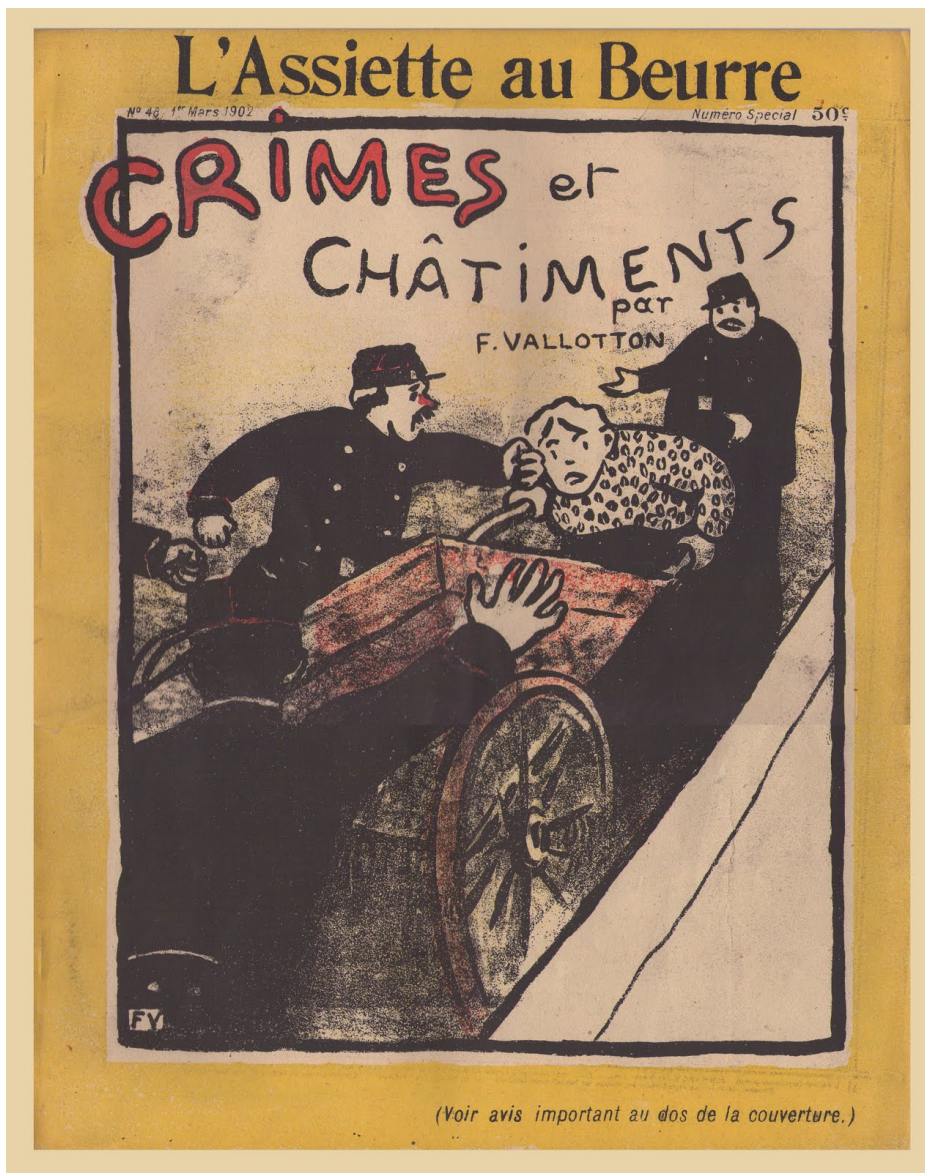
Revista alemã de arte formada em Munnique. Trazia muitos artistas famosos do Art Nouveau e a origem do nome vem de Jugendstil, a versão alemã. Além das ilustrações e ornamentações modernas do Art Nouveau, outros estilos apareciam, como o Impressionismo. O jornal também apresentava tópicos satíricos e críticos sobre cultura. Acima: capas de edições de 1898 e 1901.





Simplicissimus (1896 – 1967) era uma revista semanal satírica alemã, fundada em Munique e iniciada por Albert Langen em abril de 1896 e publicada até 1967, com um hiato entre 1944 e 1954. Acima, capas de Karl Arnold de 1922 e 1925.





L'Assiette au Beurre (1901 – 1936)

Revista satírica e ilustrada francesa, que saía semanalmente e tinha tendências políticas anarquistas. Sua mais importante fase aconteceu de 1901 e 1912. Acima, capa e desenho de Félix Vallotton, 1902.



### Instantâneo eleitoral

E vem de molde, a calhar, o applauso sincero do Povo Carioca á delicia que foi a phantasia das ultimas eleições municipaes.

Foi mesmo uma cousa phantastica. Dos 3.459 1/2 candidatos a intendentes foram eleitos... todos sem distincão de cor (com perdão do Sr. Monteiro Lopes) nem de partido.

Um delles representa até a vontade legitima dos eleitores municipaes — é a administração de cemiterio.

A sua eleição caracteriza bem o systema de votação posthuma, em tão boa hora implantada nas nossas instituições pela celebre gente da geometrica zona eleitoral do triangulo.

A divisa de S. S. nos actos publicos será naturalmente:

*Cada um enterra seu pae como pode e desenterra os seus eleitores como quer.*

Este pequeno accrescimo é indispensavel aos nobres sentimentos de gratidão de S. S.



Uma cavação preta

E por este systema rapido de votação posthuma, estão eleitos varios candidatos... que se vão transformar nos mais legitimos inimigos dos credores por serem os representantes directos e inconfundiveis de todos os cadaveres.

Em paz e ás môscas.

...



O Dr. Monteiro Lopes á distribuindo cedulas... em branco

**Autotipia:** processo tipográfico usado para a reprodução gráfica de fotografias e desenhos.

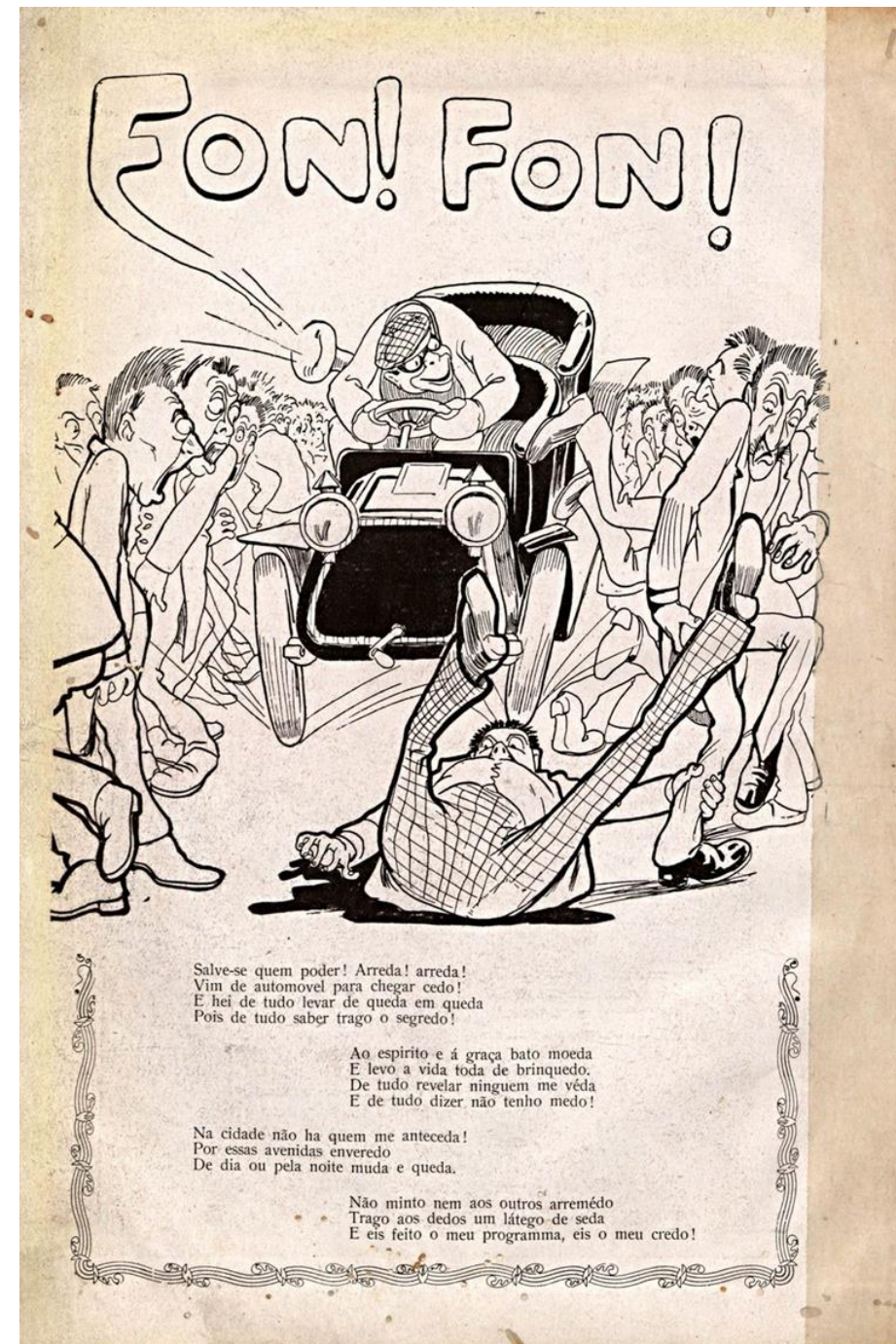
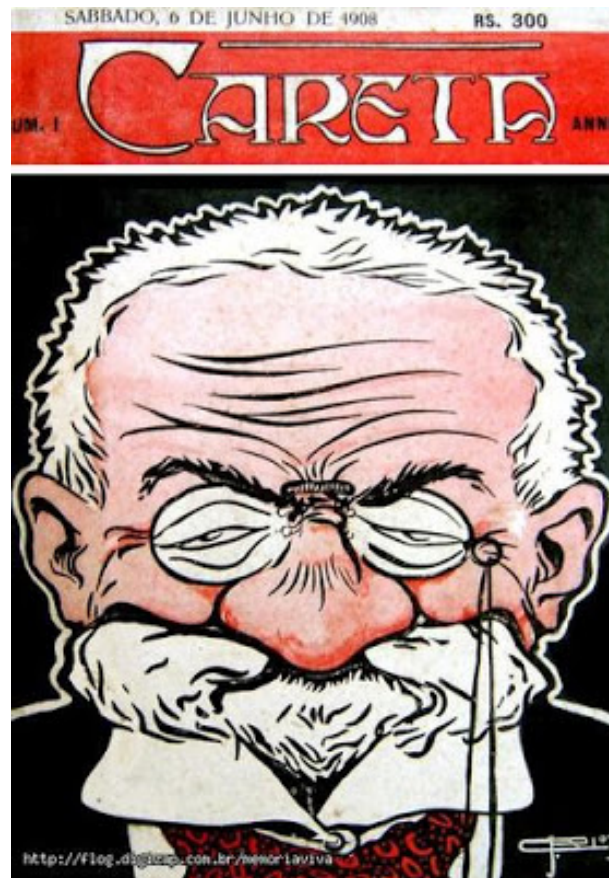
A reprodução fotomecânica pelo processo de autotipia - também conhecido como similigravura, meio-tom ou meia-tinta - consiste na preparação de um clichê a partir da fotografia, onde os tons contínuos da imagem eram reduzidos a uma trama de retícula: minúsculos pontos, de dimensões variadas que, impressos, nos dão a impressão de estarmos vendo "uma fotografia de verdade".

A partir do advento da retícula, a fotografia deixa de ser apenas um original, um artefato, tornando-se uma imagem multiplicada aos milhares em poucas horas.

Constitui uma verdadeira revolução: ao viabilizar, por meio da retícula, a reprodução de fotografias em meios-tons, ela inicia de fato a mudança do eixo da linguagem do design gráfico que ocorreria em meados do século XX, passando da ilustração para a fotografia (em Linha do tempo do design gráfico no Brasil).

Ao lado, página da revista Fon-Fon! N.1, 1907.

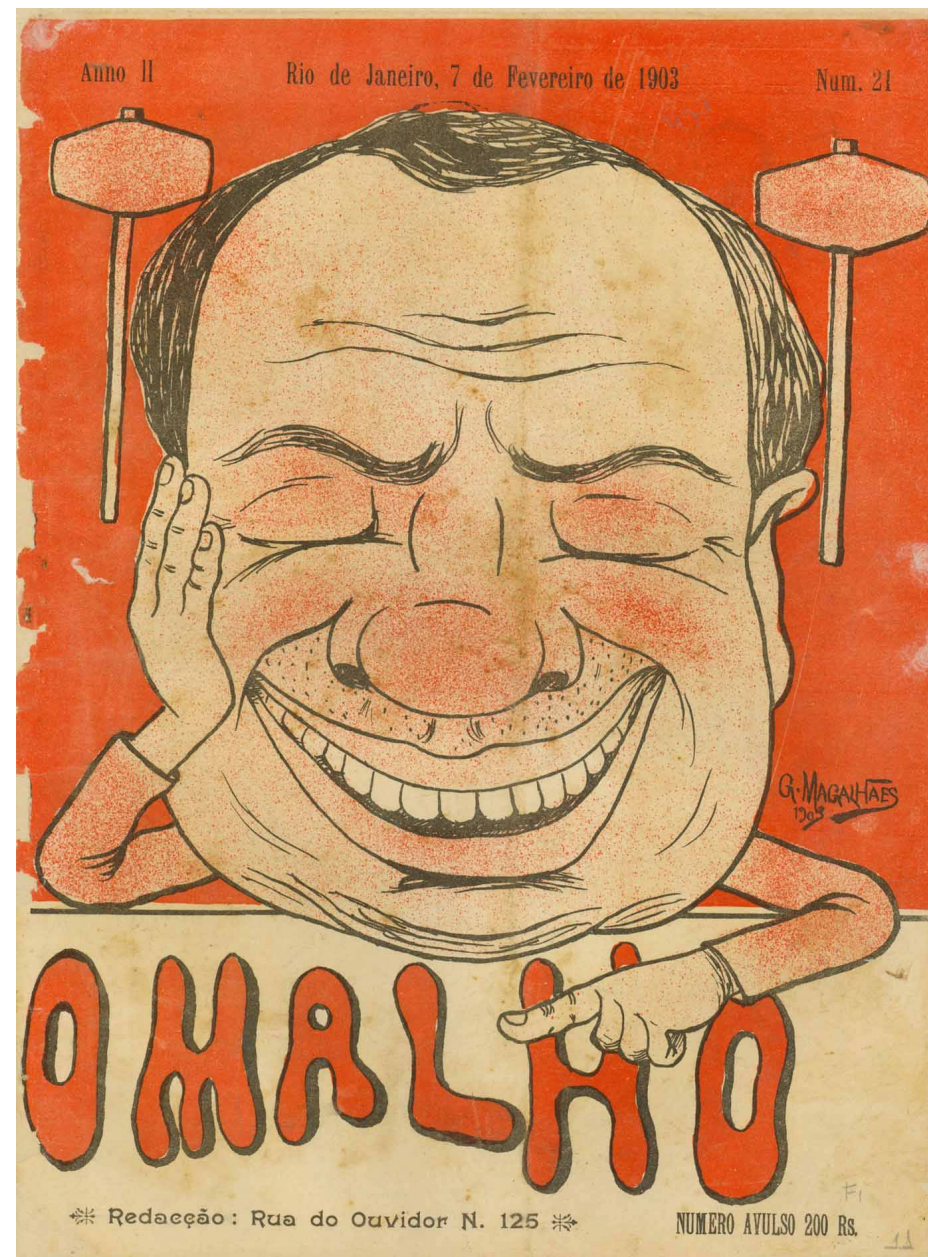




Há um clima de novidade no ar, e as revistas ajudam a disseminá-lo. Elas se multiplicam, passando por um processo que viria a ser chamado de segmentação: surgem revistas políticas, satíricas, literárias, luxuosas, esportivas, femininas, técnicas, licenciosas...”

Capa de O Malho n.1, 1902.  
 Página da Fon-Fon n.1, 1907.  
 Capa da Careta n.1, 1908.





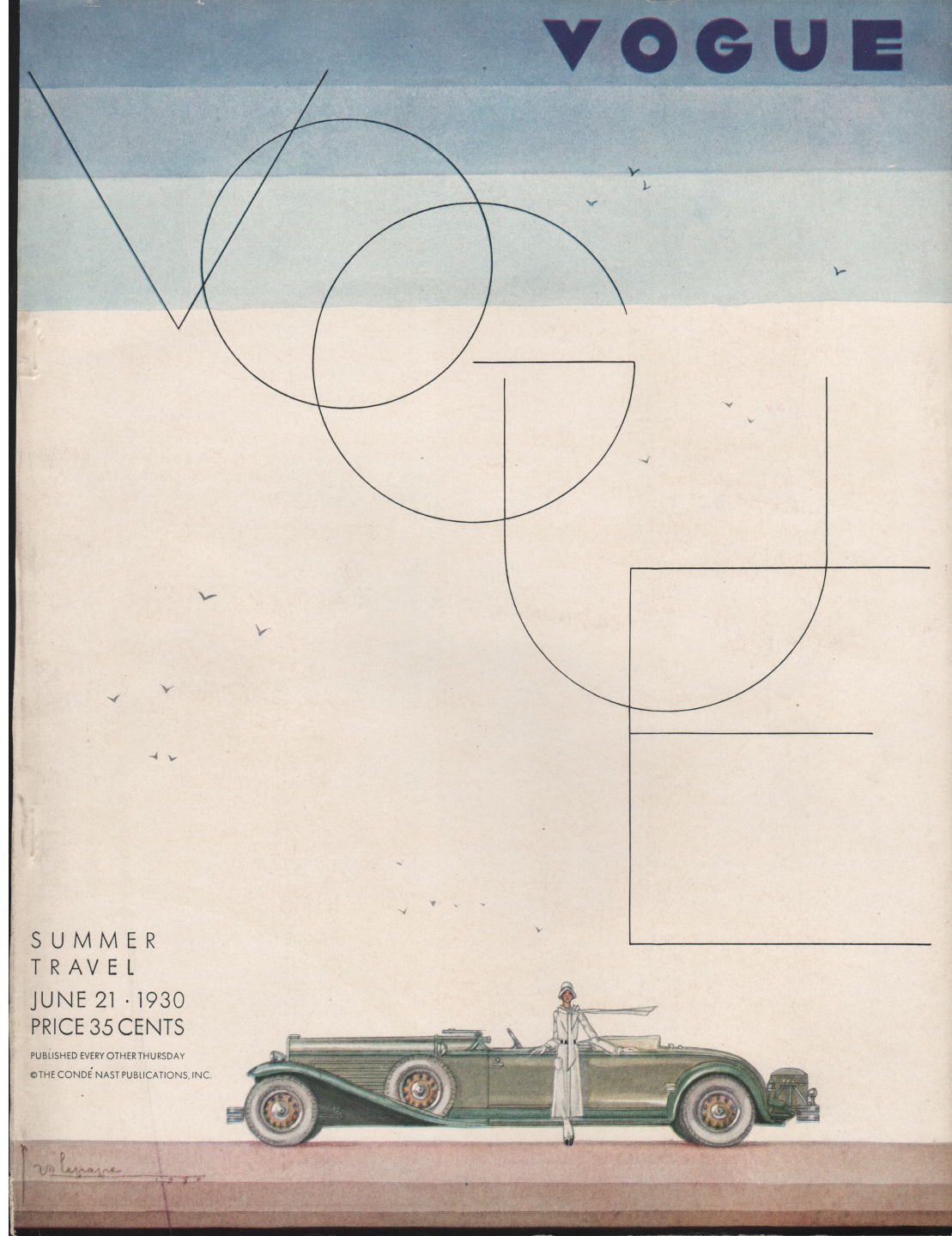
À esquerda, capa de Raul Pederneiras, 1903; à direita, capa de G. Magalhães, 1903.



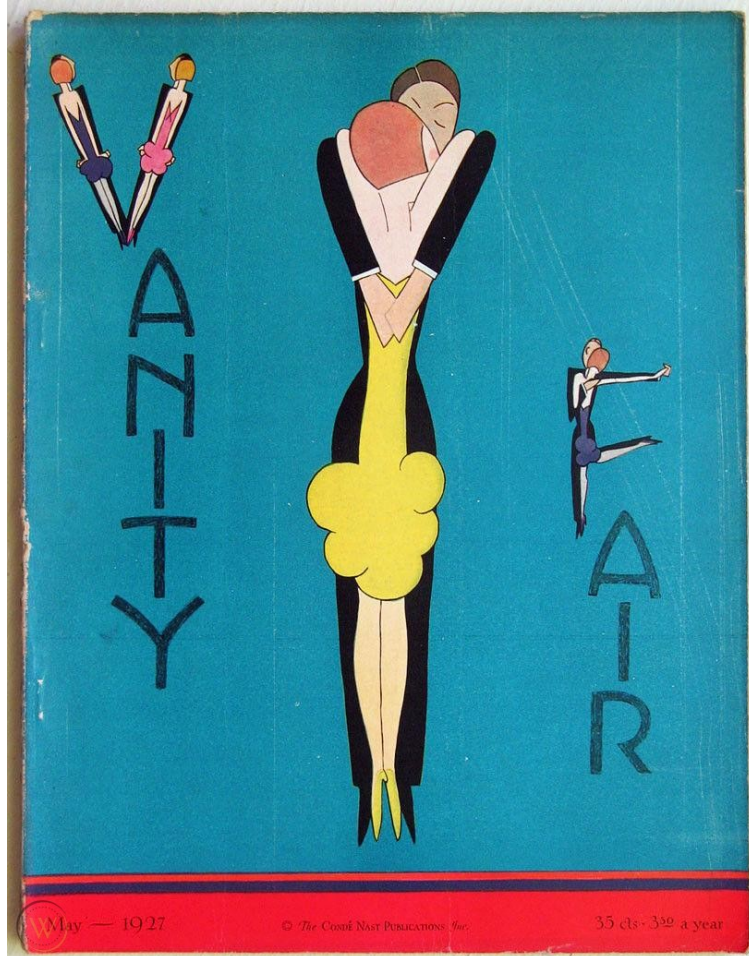


Vogue: Lançada em 1892 como um folheto de moda, a revista foi crescendo com o tempo, até que foi adquirida pela Condé Nast em 1909.

Acima, capa de Ethel Wright, 1902.  
À direita: capa de Lepape, 1930.







Vanity Fair (1913 – 1936)

Depois da versão humorística do século XIX, foi adquirida pela Condé Nest e se tornou uma publicação de cultura popular e moda.

Acima, capa de Anne Harriet Fish (Sefton), 1927. Ao lado, foto de desenho original de capa Anne Sefton, 1920.

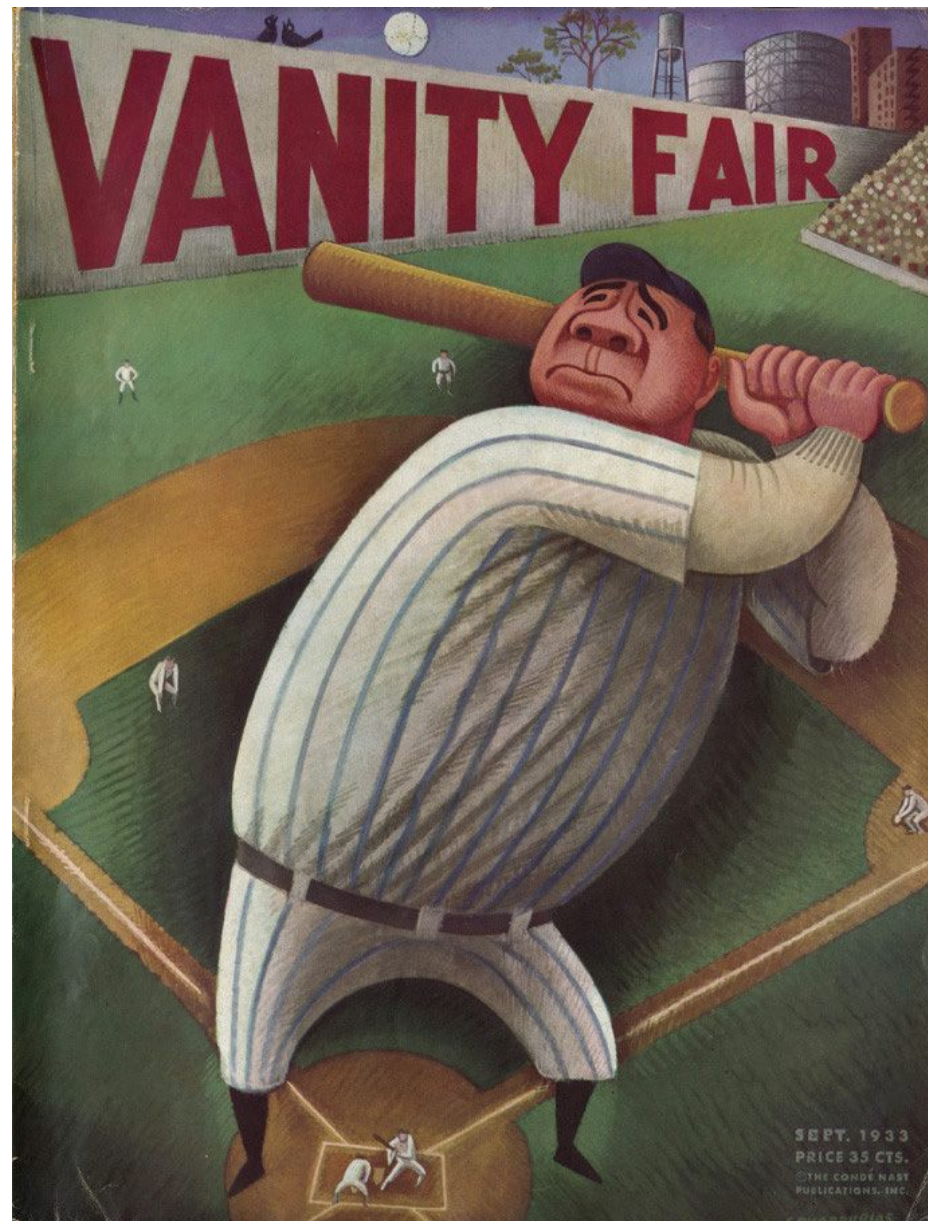






Capas de J. Carlos para a Para Todos, 1927.





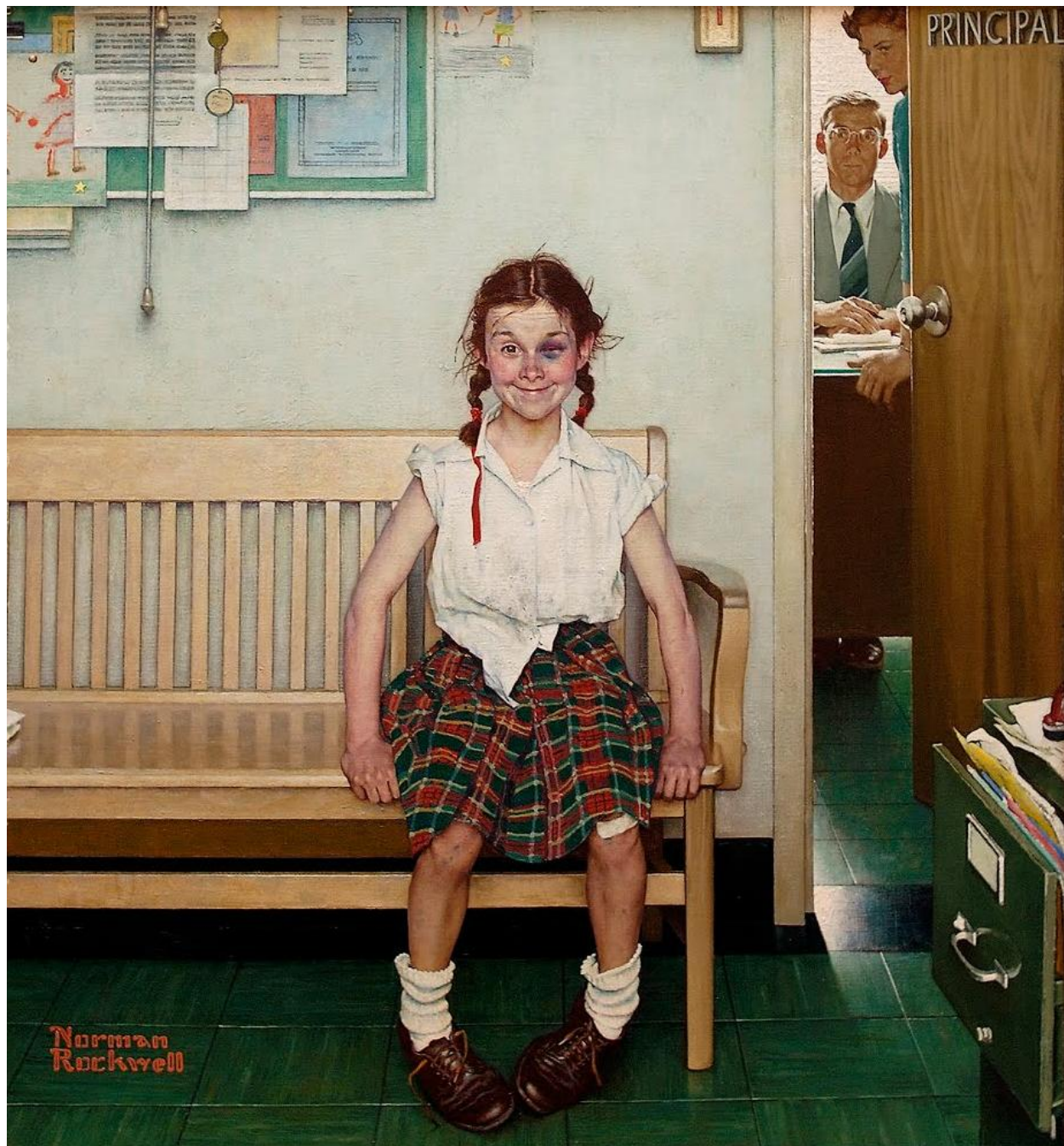
Paolo Garetto e Miguel Covarrubias: capas para a Vanity Fair, ambas de 1933.





Rodchenko: infográfico sobre a produção de carvão, óleo, ferro e eletricidade. Revista 30 Dias, 1929.





Norman Rockwell (1894 – 1978)

Pintor e ilustrador dos Estados Unidos.  
Fez, durante quatro décadas, 323 capas para a revista The Saturday Evening Post.  
Deixou mais de 4.000 originais.

Publicou sua primeira capa na Boy's Life em 1913.  
A partir de 1937 passou a usar tirar fotos para usá-las como referências em seus desenhos.

Ao lado, "Girl with Black Eye", 1953. Acima, foto de Rockwell em seu estúdio, hoje o Norman Rockwell Museum em Stockbridge, Massachussetts.





Amazing Stories (1926 – 2005)

Publicação americana, a primeira dedicada exclusivamente a ficção científica.

Ao lado, capa de Frank R. Paul, 1927.

Acima, capa de Julian S. Krupa, 1940.





Acima: O Cruzeiro, ano I, n.31, capa de Manuel Móra, 1929.  
À direita: capa de 1930.





AGrande  
de 7



Ao alto, o General Azevedo Coutinho, comandante em chefe das forças, e o General Borda, comandante dos destacamentos: a seguir, vários aspectos da Escola Militar na parada, vindo-se flagrantemente da cavalaria e da artilharia. No pavilhão armado na praça da Lapa, vêm-se o Presidente da República, o Ministro da Guerra e as altas autoridades civis e militares.

PARADA  
de Setembro



Mais alguns aspectos do imponente desfile da mocidade da Escola Militar, vindo-se tropas de cavalaria, infantaria e artilharia. Acompanhado pelo General Serefredo dos Passos, o chefe de Estado passa revista às forças.

O Cruzeiro (1928 – 1975) Revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro e editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Foi a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX.

Estabeleceu uma nova linguagem na imprensa brasileira, trazendo inovações gráficas, publicação de grandes reportagens, e ênfase ao fotojornalismo.

Apesar de voltada ao grande público, seus editores sempre souberam temperar o apelo ao gosto popular com ousadias gráficas.

À esquerda, página dupla de O Cruzeiro, 1929, Ano 1, n.45.



Gênios mesmo são os comerciantes cariocas. Numa terra em que todo mundo mora em quarto-e-sala-conjugado, eles conseguem vender milhares de aparelhos de televisão com controle remoto!

*Pequeno dicionário de inconsistências para gente [dificilmente] mais ignorante do que nós.*

**Ambicioso** — Sujeito duplamente cioso do que faz.

**Cuvér** — Essa coisa invisível que não se come nem bebe e é o que custa mais caro nos restaurantes de luxo.

**Dogmático** — Inglês que gosta muito de cães.

**Omelete au Rum** — A única comida que embebeda.

**Larjân** — Como eles chamam a gaita aí pelas estranhas.

**DFSP** — Departamento Federal de Segurança Própria.

**Habeascórprio** — Uma espécie de centopéia que ou mata ou mete a gente na prisão.

**Intelectual** — Um cara que está sempre esperando as paradas da nossa burrice para meter lá uma coisa altamente inteligente que leu em algum lugar.

**Monóculo** — Óculo para quem quer ariscar só um olho.

**Shá** — Um praatentado.

**Pulcritude** — A beleza feminina da mulher.

**Piastras** — As lindas herdeiras do potentado oriental.

## Composições infantis



## O BANHO

O banho é uma coisa desagradável que molha a gente todo. Serve pra deixar a gente limpo mas não adianta nada porque logo depois é que aparece a brincadeira boa e a gente se suja todo de novo. Uma coisa que a gente aprende no colégio é que grandes sábios como o Arquimedes às vezes saíam pela rua gritando Eureka sem acabar o banho. O professor diz que ele tinha descoberto que o corpo dentro d'água sofre um empurrão de baixo para cima, mas lá em casa pra eu entrar n'água mamãe tem que me dar muitos empurrões de cima para baixo. Isso quando papai não está que é quando eu tomo banho a sopapo e peteleco.

*Está bem que é muito difícil construir o Metrô no Rio de Janeiro. Mas por que então o Governo não constrói tudo aqui em cima mesmo e depois, aos poucos, à medida que o dinheiro fôr dando, vai cobrindo tudo com terra, até termos também nosso transporte subterrâneo, ahn?*



A prova de que não devemos mais gastar tanto dinheiro com os militares está em que cada dia que passa maior número deles ocupa postos civis.



## Ódio ao estilo.

Se não fôsse o trabalhar com suor e aflição que estação formidável o verão!

Que beleza não seria se não fôssem as tempestades que caem de supetão, paralisando a cidade, o verão!

Sem gripes nem resfriados que chegam com a estação, que coisa confortadora o sol azul do verão!

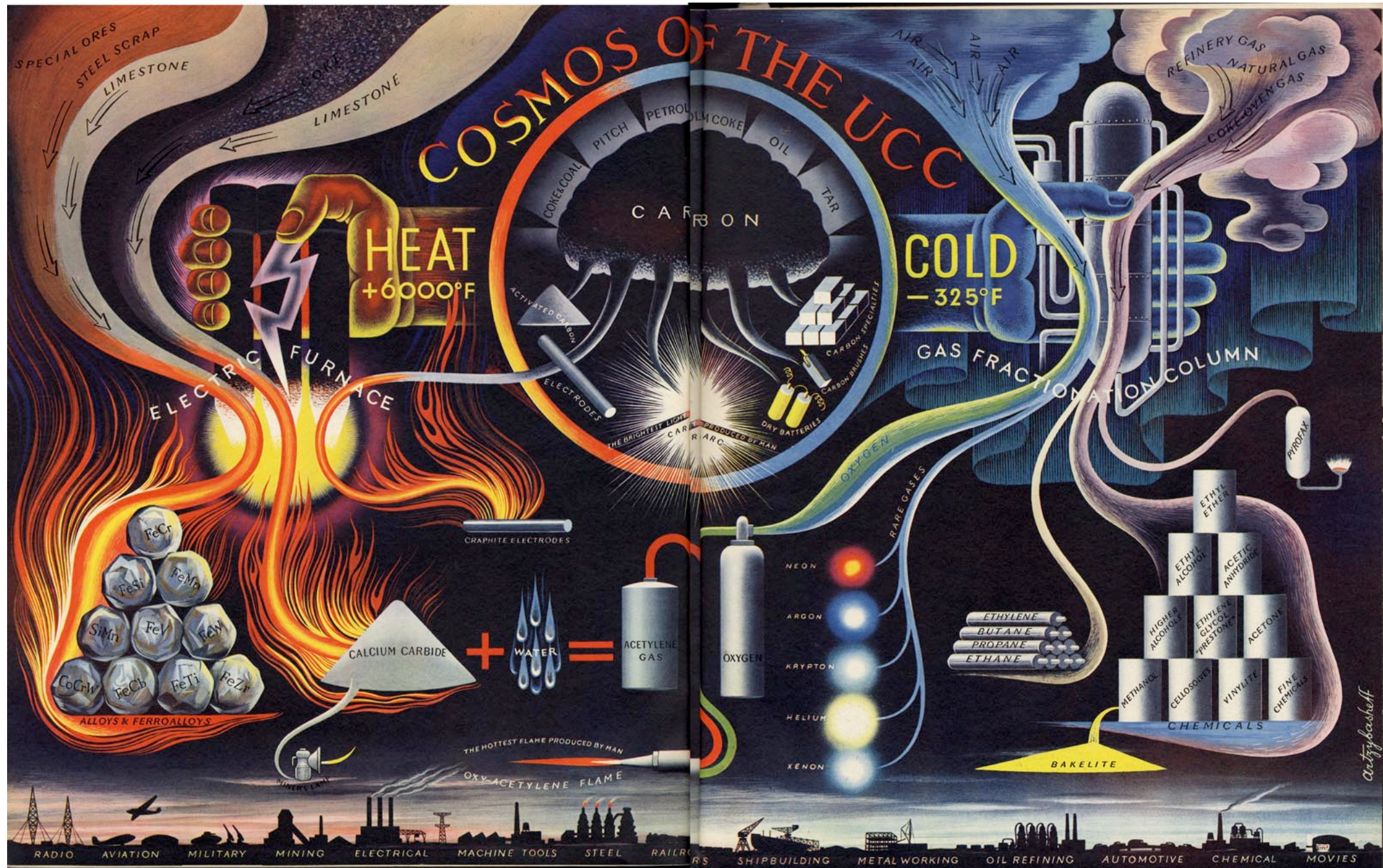
Três meses admiráveis seriam nossos, irmão, se o calor não começasse logo que chega o verão.



— Mas, madame, eu não lhe avisei que eu era um pintor moderno?

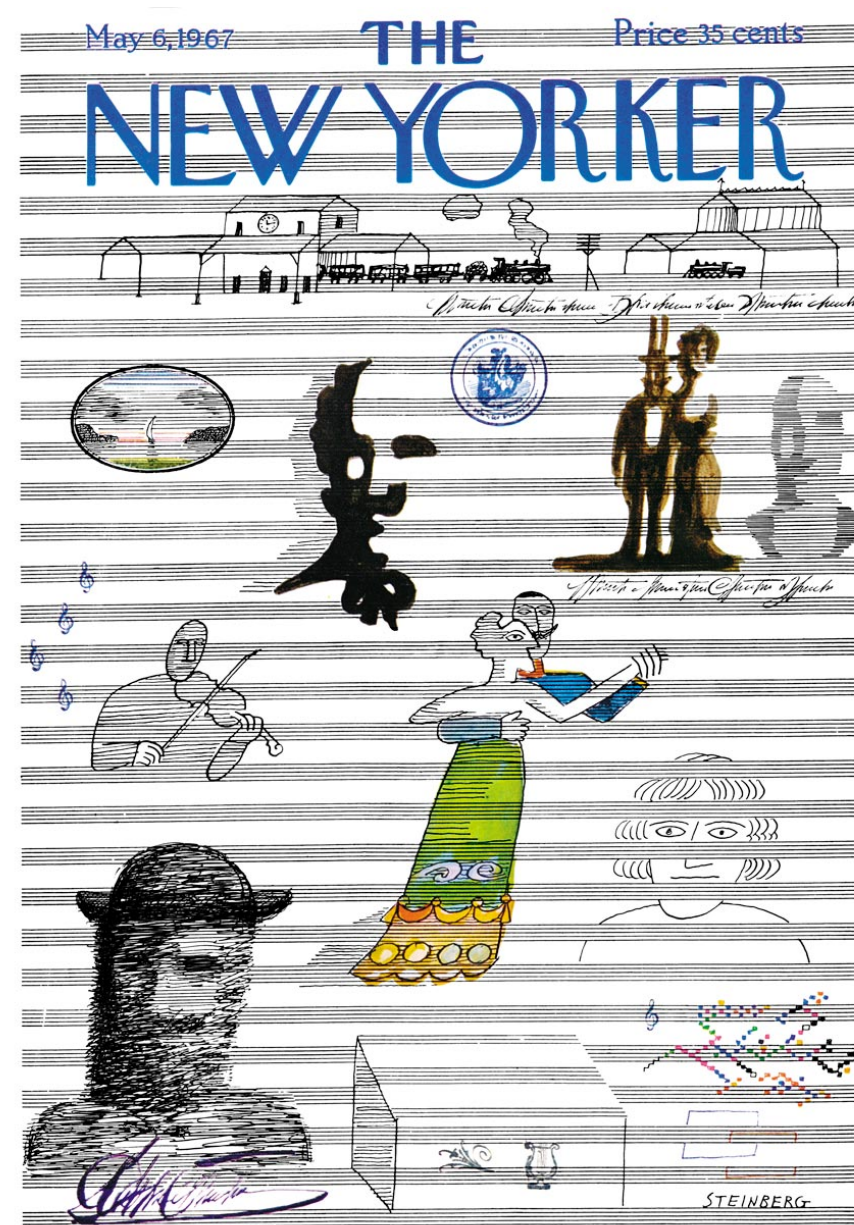
Era um teatrinho de bolso tão pequeno que as pessoas que se sentavam na primeira fila e as pessoas que se sentavam na última fila ficavam todas sentadas na mesma fila.





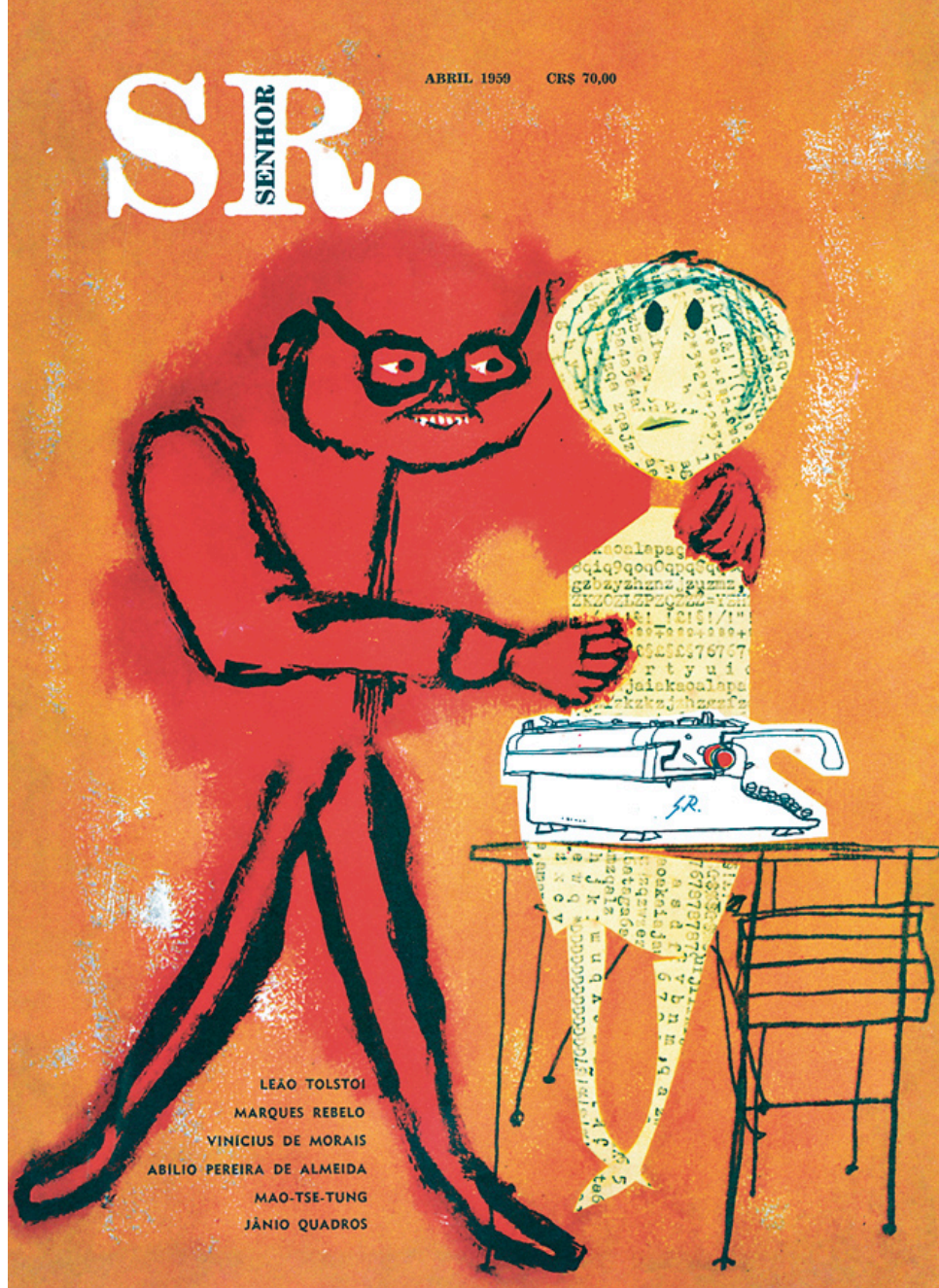
Boris Artzybasheff: Infográfico para a revista Fortune, "Cosmos of the UCC", anos 40.





Capas de Saul Steinberg para a revista The New Yorker, 1966 e 1967.





Capas da revista Senhor.

Acima, capa de Glauco Rodrigues de 1959; ao lado, desenho de Jaguar.

fundamente em nada. É a atitude que mais convém a um craque na manhã de um grande prêmio. Porque é uma atitude que tanto pode ser de alta indagação filosófica como de total ignorância. Foi dos cavalos que muitos homens copiaram essa atitude indefinida que usam com tanto êxito. E se a gravidade de fisionomia e de movimentos puder ser iluminada com rápidos lampejos de sorrisos complacentes e olhares mansos, então, o diploma de gênio é latente.

Foi assim que Babbitonga III me recebeu. Mas eu já sabia quanta bondade havia atrás daquela bondade e quanto sorriso havia atrás daquele sorriso. Não era apenas uma atitude. Nêle era, de fato, um estado de alma.

Há muito que Babbitonga havia-se tornado um cético sobre a sua condição de cavalo ilustre. E depois de emoldurar a minha chegada com um minuto de silêncio, fitou-me com firmeza e perguntou:

— Você viu? Ainda agora saíram daqui três cronistas sociais e dois fotógrafos acompanhando o meu dono. Todos encascados. Vieram do baile do Copa. Esta é a minha grande noite no "society". Falaram tanta bobagem... era só conde pra cá, conde pra lá...

— Que conde?  
— O meu dono.  
— Então você agora é conde?

— Então você não sabe? Acabou de comprar o título. Gastou um dinheirão. Dizem que foi vinte milhões.

— Mas nem por isso ficou menos rico.

— Nem mais conde.

— E você, bichão, cada vez mais cavalo?

— Também não. Cada vez menos cavalo.

— Não compreendo.

— Quanto mais se é, mais se deixa de ser. Quanto mais se é uma coisa, mais se deixa de ser essa coisa, desfigurados, transfigurados e até devorados pelos símbolos que passamos a representar. Um cavalo, quanto mais celebrado, menos cavalo ele é, para se tornar um amontoado de símbolos que a imaginação, a ambição e a vaidade dos outros vão criando para nós. Teo, um cavalo não é um cavalo. No turfe, por exemplo: antes da corrida ele é uma esperança; na hora da corrida, no placar do totalizador, se o número de pules que vendeu é muito alto, ele é uma barbadinha; se vendeu pouco, é um azar; na afixação do resultado se vem em segundo ou terceiro lugar, é "place"; no talão de apostas, se vem acompanhado de outros, é uma acumulada e nas acumuladas podemos ser até invertidos, (veja que infâmia!...). Se corre bem, é um craque. Se corre mal, é um punção. Depois da vitória, o nosso dono recebe palmas, abraços e prêmios em dinheiro. Se perdemos, saímos pelo portão dos fundos. Um mês antes do grande prêmio somos um plano lotérico, desfiles de modas na Canadá, entrevistas, programas de rádio e de televisão, concurso de vitrines, planos de turismo, manchetes nos jornais. Na véspera do grande prêmio somos um baile de gala no Copa. Na manhã do grande prêmio o cavalo não passa de pequenas estelas numeradas numa extrato lotérica, onde a criança monócórdia daquelas menininhas de uniforme, pronunciando muito mal os nossos nomes, cria milionários potenciais para uma tarde. Nessa hora, passamos a ser bilhetes da Loteria Federal, propriamente ditos.

Na lenda, ou ele tem asas e é Pégaso, ou é meio homem, como Centauro, na triste contingência de usar car-

tola e ferradura. Ou se transforma em ídolo religioso dos índios da América, como aquele zaino que Fernando Cortez teve de abandonar ferido em suas andanças pela conquista do México e que, cento e cinquenta anos mais tarde, foi encontrado por missionários franciscanos numa posição tão rara e tão ridícula num cavalo, sentado num altar de um templo primitivo da Ilha de Tayasal, sob o nome de Tzuinchan, adorado como deus do trovão e do relâmpago.

Como meio de transporte, não passa de um simples elo histórico entre o boi e o motor de explosão.

Na guerra é arma do Exército e na paz, trono de general de estatua.

No comércio exterior é, para argentinos, uruguaios, ingleses e franceses, fonte de divisas.

No jogo do bicho é o grupo 11 e uma dezena de 41 a 44.

Para o cossaco, instrumento de acrobacia. Pelletal para a bailarina do circo. No pólo, aparelho de treinamento esportivo. Para o leiloeiro, um e meio por cento. Aderço artístico do "cowboy". Ganha-pão de "bookmaker". Para os cronistas do turfe, vedete. Unidade dinâmica na física. Um cavalo pode ser tudo. Nunca, porém, cavalo. Jamais cavalo em si mesmo.

— Qual, Babbitonga. Você hoje está muito pessimista. Vai ver que andou lendo Schopenhauer de novo. Então você acha que sem cavalos poderia haver corridas?

— E por que não? Na Austrália, as corridas são de tartarugas; na África, são de avestruzes; na China, de grilos e na Libéria realizam-se corridas de caracóis. Ainda recentemente, um milionário americano, que vive na Libéria, comprou por 175 mil francos o craque dos caracóis, que já está sendo treinado para o campeonato mundial. Isto sem falar nas corridas de cães e tantas outras tão vulgarizadas. Logo, o cavalo, nem nas corridas pode ser considerado em si mesmo pelo que realmente é mas como sempre por aquilo que os outros desejam que nós representamos.

— E para o seu criador? Que representa o cavalo?

— Para o criador, ele não passa de semente, árvore ou molde. Para o criador é um pensionista, que nestes tempos inflacionários, com favela e ouve o homem dizer ao patrão que nos deu a reia inglesa, sem poder pronunciar nenhuma palavra de protesto.

— E para o fônei, que é o cavalo?

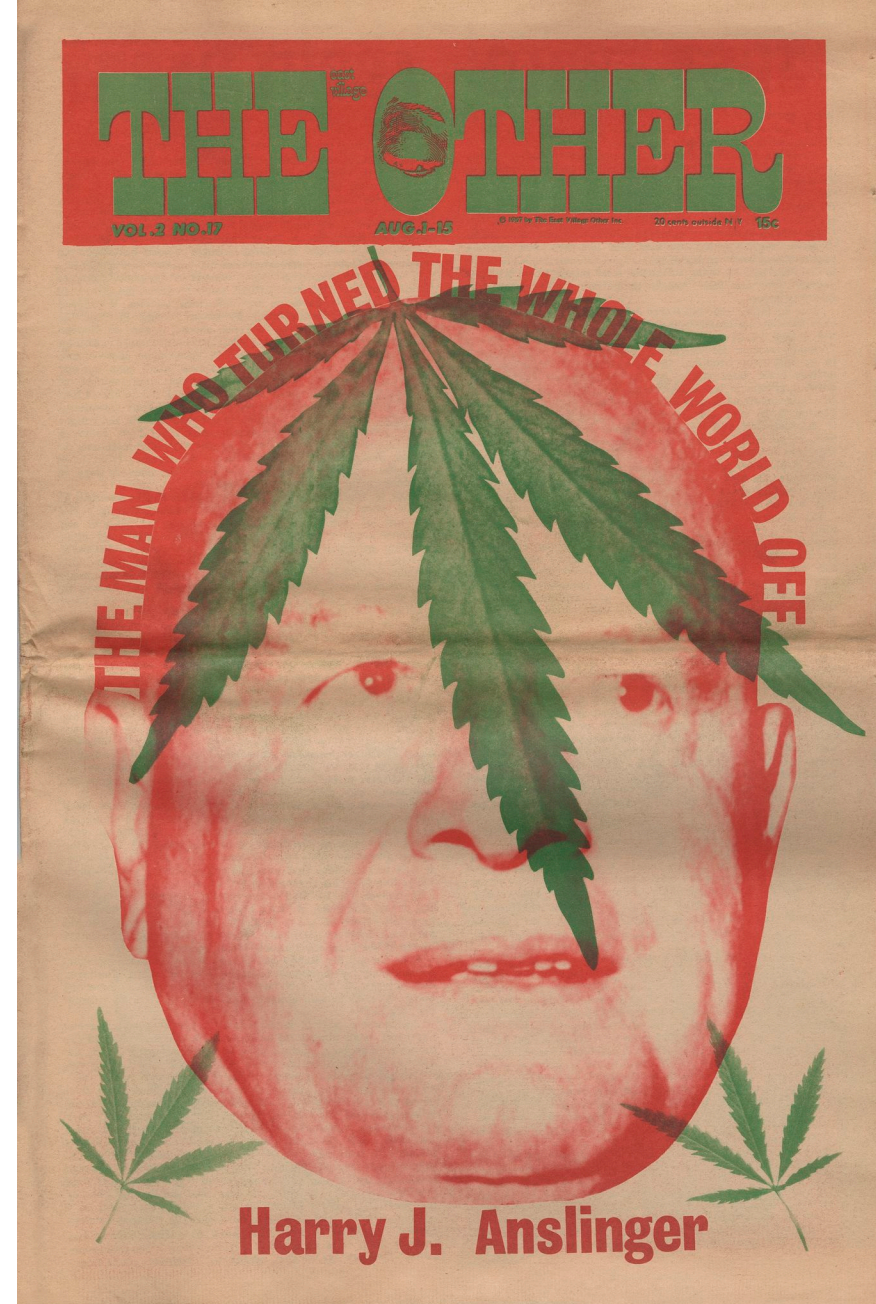
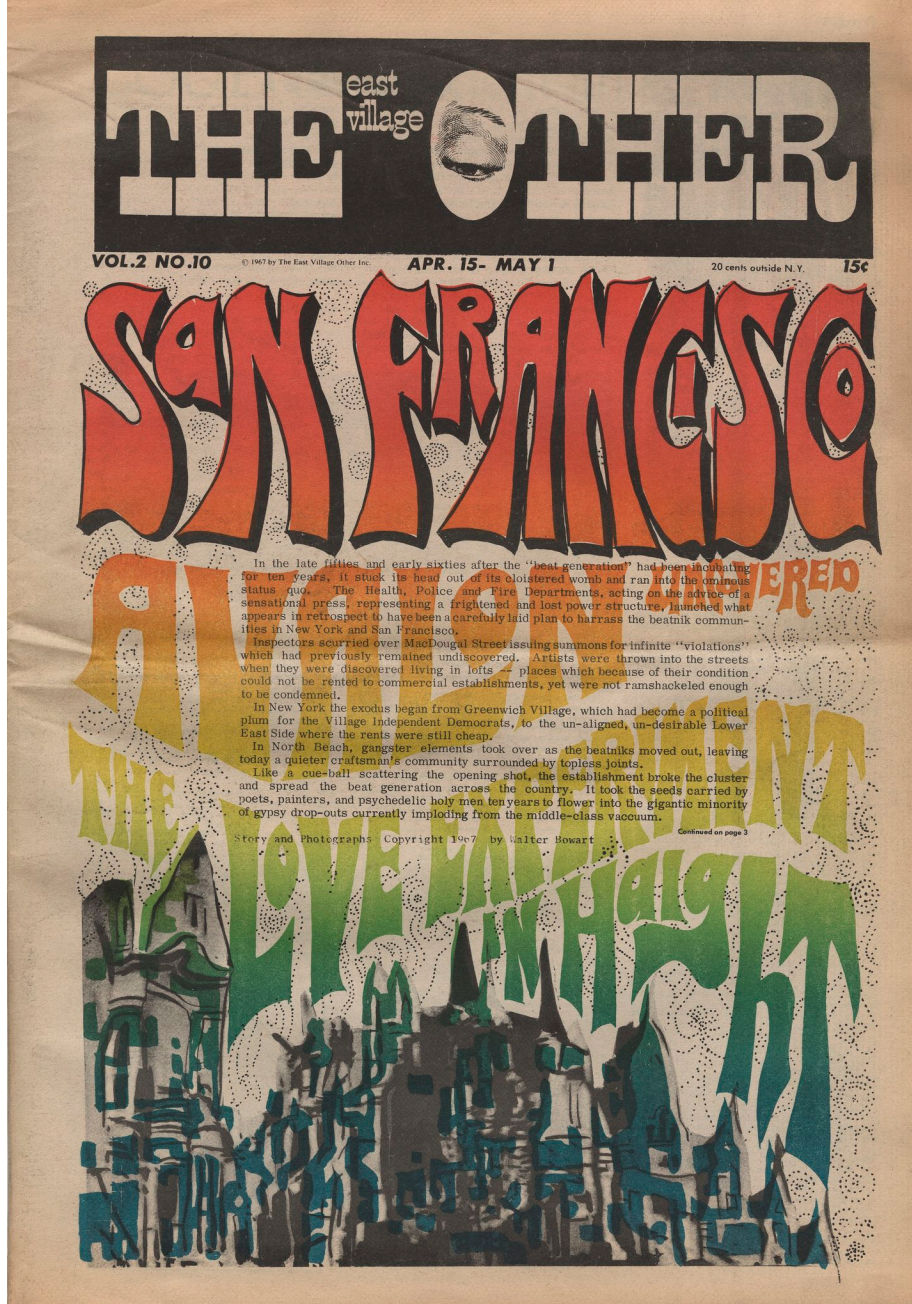
— Para alguns, instrumento de ganhar corridas. Para outros, instrumento de perder corridas.

— Mesmo assim, Babbitonga, eu nunca me esquecerei de um cavalinho de brinquedo, muito pobre, um desgondado cavalinho de papelão e gesso que um menino, também muito pobre, adorou como o mais valioso dos seus haveres de infância. A tal ponto que toda noite só adormecia levando para a cama aquele humilde pedaço de ilusão. Vai me dizer que não era o cavalo em si mesmo, estimado como o grande amigo do homem que o menino pobre via e sentia naquele pedaço de papelão e gesso sob a forma de cavalo?

Mas Babbitonga estava impossível naquela manhã de grande prêmio:

— Exatamente, Teo. Eu só fui verdadeiramente cavalo quando, em gesso e papelão, afagado pelas mãos inocentes de uma criança pobre. Só fui verdadeiramente, quando não fui. △





Oz era uma revista publicada independentemente e associada à contracultural internacional da década de 1960. Acima, duas capas de 1967.



# PASQUIM

ANO VII - Nº 363 - Rio, de 11 a 17/6/76 - Cr\$ 5,00 - O MAIOR ACIDENTE DE TRABALHO DA IMPRENSA BRASILEIRA.

100  
ANOS  
DE  
IMPRESSA



**ADELINO MOREIRA:**  
**40 MILHAS**  
**POR MÊS**  
**DE DIREITOS**  
**AUTORAIS** PAG.7

**ATÍLIO:**  
**RECORDE**  
**MUNDIAL DE**  
**ACIDENTES**  
**DE TRABALHO** PAG.16

**HENFIL** PAG.17  
**TAMBÉM CAI**  
**DO ANDAIME**

**IZA FREAZA:**  
**BAIXAS NA**  
**BAIXADA** PAG.5

**E OUTRAS CONTUSÕES:**  
**FOTOS E ENTREVISTAS (EXCLUSIVOS)**  
**COM FORAGIDOS DA ILHA GRANDE!**  
**BRASIL 1985!**  
**ELEIÇÕES DIRETAS NA MANGUEIRA!**

PARA  
MAIORES  
DE 16  
ANOS

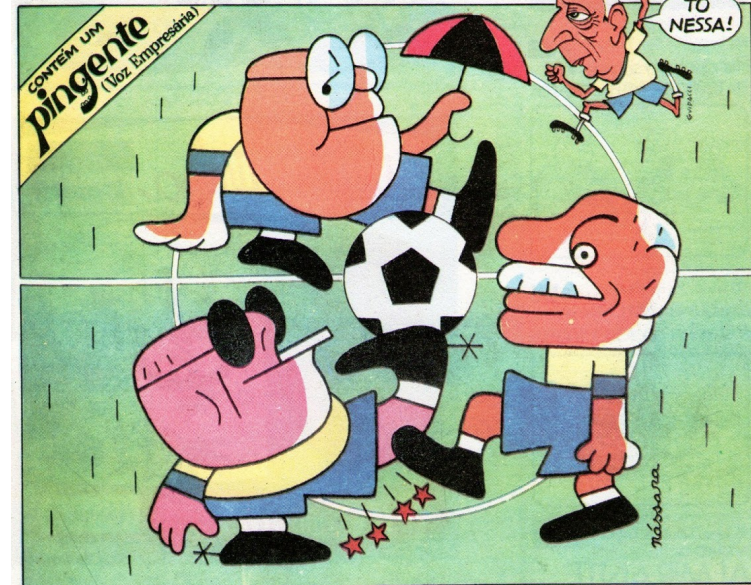
# PASQUIM

ANO IX - Nº 466 - Rio, de 2/6 a 8/6/78 - Cr\$ 15,00 - SE APREPARA BRASIL. PRA AGUENTAR O COUTINHO DEPOS

PARA  
MAIORES  
DE 16  
ANOS

**MAL A COPA COMEÇA, JÁ**

## EMBOLOU O MEIO DE CAMPO

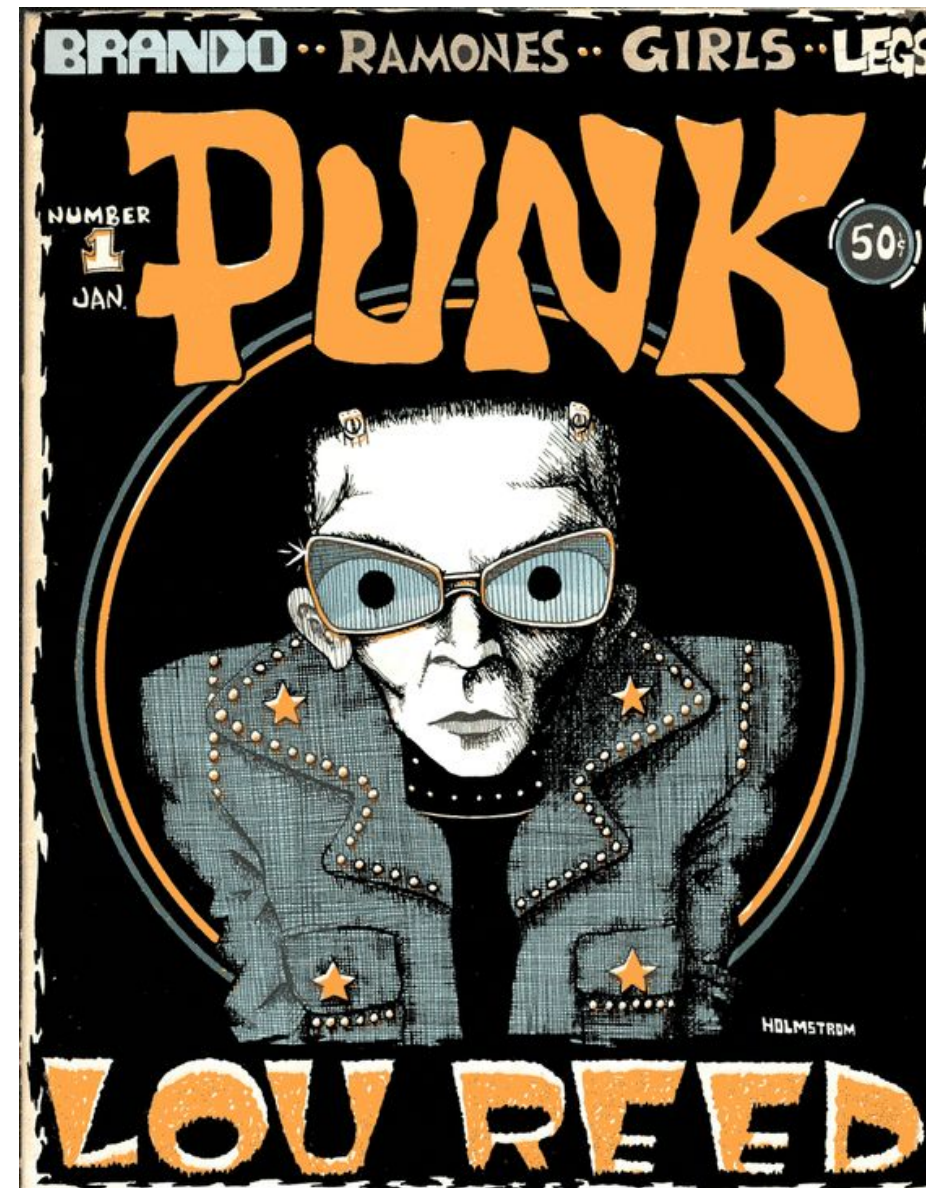


**SENSACIONAL ENTREVISTA COM RONALDO, O PETROLEIRO** PAG. 10

O Pasquim (1969 – 1991)

O Projeto nasceu no final de 1968, após uma reunião entre Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. O trio buscava uma opção para substituir o tablóide humorístico “A Carapuça”, editado pelo recém-falecido escritor Sérgio Porto, o Barão de Itararé. Ao lado, capa de Jaguar, edição de 1976. Acima, capa de Nassara, 1978.

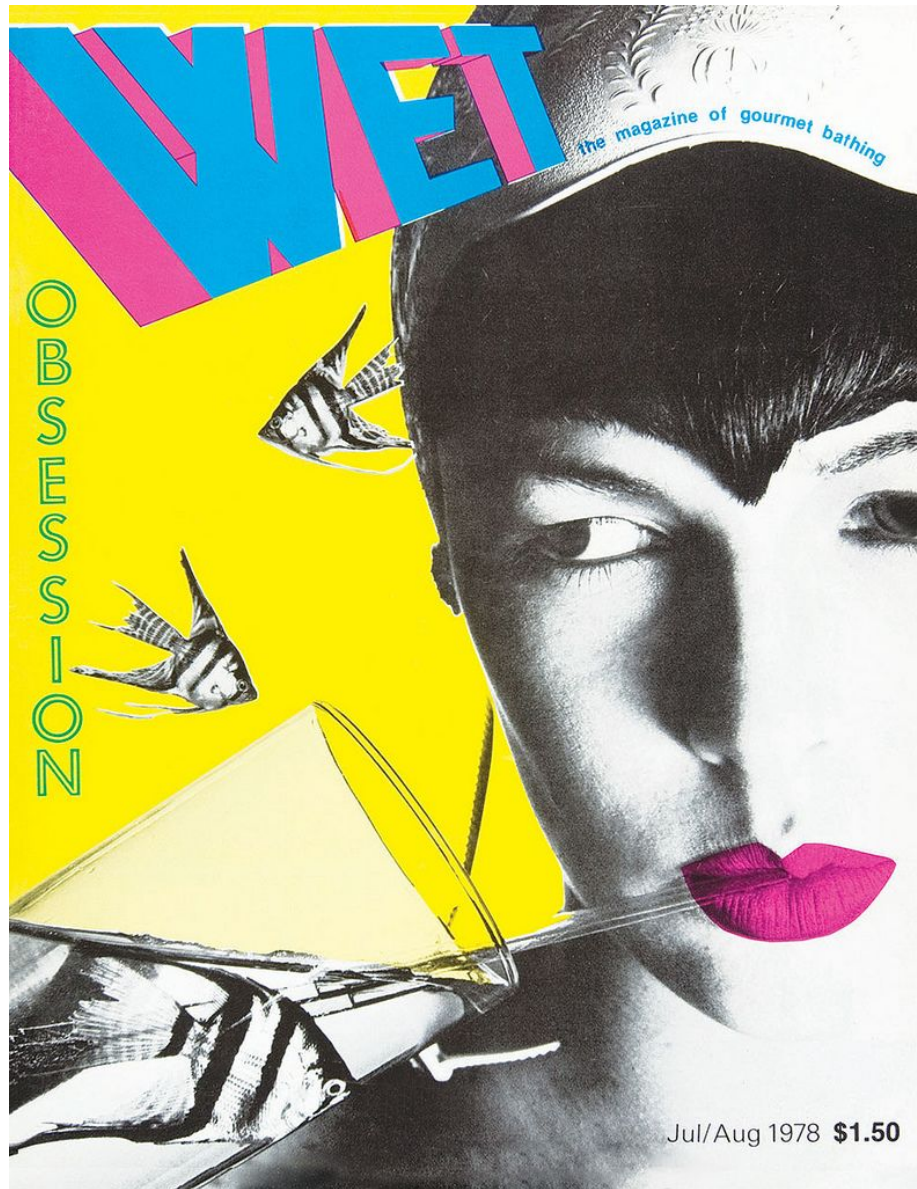




Zines e publicações alternativas nos anos 1970.

À esquerda, capa de Gary Panter para a revista Slash, 1979; à direita, capa de Holmstrom para o zine Punk, 1975.





April Graiman: WET magazine, 1978 e 1979.





Barbara Nessim foi uma das primeiras ilustradoras profissionais a dominar o computador como ferramenta artística, no começo dos anos 80. Fotografia de Seiji Kakizaki: Barbara Nessin na School of Visual Arts, 1986. Fonte: Time Out.



# Escolha aqui seu programa favorito.



**O FOLHETO DO IMPEDIMENTO DE REFEIÇÃO ESTÁ VENDO**

**GRÁTIS! construa sua casa própria**  
**A CASA DO RECREIO**

Fique diante de uma banca de revista. Agora deixe seus olhos funcionarem como um seletor de bons programas. Você pode escolher um noticiário verdadeiro. Ou conhecer economia. Medicina. Ciência e tecnologia. Pode até dominar o mercado de capitais. E se você quiser girar os olhos para um programa mais leve, a banca de revista pode lhe oferecer uma novela. Ou uma corrida de automóveis, se você preferir. Um desfile de modas. Uma receita de bolo. Até história em quadrinhos.

Já escolheu? Agora leve sua revista para onde quiser. E leia quando bem entender: os programas que ela apresenta nunca entram no ar antes de você.

EDITORA ABRIL

**Quem escolhe lê revista.**

Bancas de jornal: A diversidade de títulos pode ser conferida nessa propaganda da Editora Abril publicada na revista Realidade, anos 70.



# TAKING A MEASURE

How  
advisers  
were  
building  
their  
practices  
this year

The responsibilities of retirement plan professionals extend beyond assisting with, or acting as a fiduciary with respect to, the fund lineup; educating participants; and establishing a sophisticated, robust plan design. Fee compression, adding new clients, and practice management also reign among top concerns for advisers, according to the 2018 PLANADVISER Practice Benchmarking Survey.

This year's findings, in some respects, mirrored those from 2017, with, for example, only slight changes in the two "top concern" numbers. Among the advisers surveyed, 39% cited fee compression as their top worry—just 1 percentage point less than the 40% who selected it last year—highlighting advisers' continued apprehension about fees and getting paid. Practice management was the second largest concern—29% of advisers cited it as such, in line with the 30% who did so last year.

Somewhat interestingly, while concerns remained high over fees, worries about profitability saw the largest decline in the category—a 10-percentage-point decrease from 21% last year to 11% this year. Other leading worries included adding new clients (cited by 28%), competition/practice differentiation (25%), staffing (25%), government regulation (23%) and compliance/fiduciary issues (22%).

The degree of change within other response categories was mixed. 2017's figures were consistent with previous survey results, yet, while some 2018 numbers lined up with them, others saw a sizable shift.

For instance, regarding the strategy or area advisers predicted would yield the most growth for their firm in the coming year, 51% cited 401(k)s—a 2-percentage-point decline from 53% in 2017; however, 10% fewer advisers cited referrals than in 2017—30% vs. 40%, respectively. Expecting fiduciary services to produce the most growth declined 6 percentage points, with 34% of advisers calling it their most promising area for development next year.

As the adviser firm mergers and acquisitions (M&As) kept increasing, many respondents yet to make the move seemed drawn to the possibility. Thirty-six percent said strategic partnerships will be their main growth strategy in 2019, up from 32% last year.





# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: INTRODUÇÃO

Processo Criativo / Imagem Dupla



# Como deve ser o espaço de trabalho do ilustrador editorial?

O ilustrador deve ter um Estúdio ou espaço devidamente estruturado para desenvolver seu trabalho, com:

- Computador
- Scanner ou copiadora
- Impressora
- Mesa de trabalho manual, com espaço e tamanho adequados
- Mapoteca ou gaveteiro para guardar originais e papéis
- Móvel com gavetas para guardar materiais de desenho
- Se possível, espaço para livros e revistas





Estúdio de Daniel Bueno, foto publicada na revista 3x3, EUA, 2020.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- O ilustrador é muitas vezes sondado rapidamente num primeiro momento: o cliente quer saber de sua disponibilidade e valores (pode pedir um orçamento baseado na proposta).

Esse primeiro contato pode acontecer por e-mail, telefone, whatsapp, redes sociais.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Depois de um momento de negociação, após a aprovação do orçamento e prazos, é iniciado o processo de trabalho.

Normalmente o ilustrador trabalha diretamente com um **designer**, e em certos casos com um editor/diretor.

Por vezes o trabalho envolve uma equipe maior, com o editor, diretor de arte, designers/diagramadores.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- O trabalho começa com um **briefing** que traz o tema e texto, indicações de formato, e informações adicionais sobre características do veículo e as expectativas do cliente.

Nessa primeira conversa o ilustrador e o cliente podem também combinar o processo de trabalho: se ele envolverá etapas, envio de rascunhos, etc.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Não existe um único modo de trabalhar. Por exemplo: alguns ilustradores ficam habituados a desenvolver rascunhos – projetando e planejando o que irão fazer - e outros preferem algo mais espontâneo. São escolhas relacionadas às características do próprio estilo do profissional.

O processo com rascunho é bastante difundido porque ele garante etapas de aprovação: uma vez aprovado os rascunhos, o ilustrador parte para a etapa de finalização sem se preocupar com ajustes relacionados à concepção das idéias, etc.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Normalmente o ilustrador procura desenvolver as idéias (expressas em rascunhos) para posterior aprovação do cliente.

Essas idéias são norteadas pelo briefing, e pelas expectativas e direcionamentos gerais do cliente/designer (por exemplo: “queremos ilustrações mais indiretas, com tom melancólico”).

Por vezes, o cliente/designer propõe idéias bastante definidas no briefing: cada caso é um caso, mas o ilustrador editorial deve ficar atento, pois ele não deve ser encarado, de modo geral, como um mero finalizador, mas como alguém com visão de conjunto, que pensa, reflete, sabe sintetizar, tem conceitos e idéias.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Geração de idéias: o ideal é começar anotando várias idéias, tudo o que passa pela cabeça, em rascunhos rápidos.

Numa etapa posterior, o ilustrador seleciona os caminhos mais interessantes e vai se aprofundando em esboços mais detalhados.

Quando o ilustrador não trabalha com rascunhos, ele pode conversar sobre as linhas gerais e abordagem que pretende empregar, e ir mostrando o desenvolvimento do desenho em etapas.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- A fase de finalização pode ser bastante variada, envolvendo técnicas diversas.

É importante, de qualquer modo, que o ilustrador saiba fazer o tratamento necessário no computador para que o trabalho fique concluído de modo profissional, limpando sujeiras desnecessárias, mexendo na saturação, contrastes, etc.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Uma vez finalizado o trabalho, o ilustrador envia por e-mail para o cliente e aguarda um retorno.

É comum que o cliente peça ajustes, na maioria das vezes em pequenos detalhes ou na composição. Isso é parte natural do trabalho – o profissional deve lembrar que está lá para resolver problemas, ajudar o cliente do melhor modo.

O ilustrador pode e deve ter visão crítica e posicionamento pessoal: não há problema também em discordar de algum pedido de ajuste e conversar – educadamente – com o cliente, propondo novas soluções.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Quando o trabalho está aprovado, o cliente envia uma mensagem comunicando o fim do trabalho. O ilustrador deve responder de volta, e se colocar à disposição para novos trabalhos.
- Depois disso é comum que o ilustrador aguarde um retorno do cliente para poder emitir a nota fiscal pelo serviço prestado e/ou definir o pagamento.



# Como é o processo de trabalho do ilustrador editorial?

- Dependendo do trabalho e cliente, o ilustrador pode receber exemplares da publicação com sua ilustração.
- Habitualmente o ilustrador espera um pouquinho e divulga seu novo trabalho nas redes sociais. Ele pode inserir em seu site/blog, e enviar para competições, salões, anuários nacionais e internacionais.



# EXEMPLOS DE TRABALHOS: PROCESSO CRIATIVO





# CASO 1

Trabalho realizado para o jornal Folha de S. Paulo.

Espaço: Coluna de Opinião da página 3. Não há um articulista fixo, cada semana o jornal publica um texto opinativo de uma pessoa diferente, sobre um assunto diferente.

Formato: Havia uma referência aproximada, o tamanho podia variar um pouquinho.

Técnica e abordagem gráfica: Livre

Resolução: Jornais costumam trabalhar com uma resolução um pouco menor do que o habitual 300 dpi: o ilustrador pode enviar em 250 dpi.

Cores: É preciso cuidado com as cores CMYC: evitar cores muito carregadas.

Prazo: Semanalmente, o ilustrador recebe o texto por e-mail às 17h-18h e deve enviar a ilustração pronta às 19h.





Arte Redação &lt;arte@cliente.com.br&gt;

Para: ilustrador@ilustrador.com.br



qui, 30 de mar de 2017 às 16:54



Oi Daniel,

Segue o texto para ilustração.

Abs,

Cliente

---

**De:** Cliente**Enviado:** quinta-feira, 30 de março de 2017 16:49**Para:** Arte Redação**Assunto:** Texto de sexta

LISTAS PARTIDÁRIAS FECHADAS AGORA?

A reforma do sistema eleitoral em curso no Congresso precisa ser aprovada até setembro próximo para vigorar no pleito de 2018 em razão do princípio constitucional da anualidade. Não será tarefa fácil, pois a reforma é objeto de acalorados debates que já extravasaram o âmbito parlamentar para ganhar as ruas. São vários os pontos controvertidos, mas o aspecto que mais desperta paixões no momento é a adoção de listas partidárias fechadas em substituição às abertas, tradicionalmente empregadas no Brasil.

Segundo esse sistema, os partidos apresentam uma ordem preordenada de candidatos, que são eleitos em conformidade com a respectiva posição na lista, proporcionalmente ao número de votos obtidos pelas respectivas legendas. Os eleitores deixam de escolher os nomes de sua preferência, votando apenas nas agremiações partidárias. O método em si não é ruim, mesmo porque encontra guarida em muitos países politicamente avançados. Afinal, o voto em lista fortalece os partidos, entidades essenciais ao bom funcionamento da democracia representativa.

O problema é **que** alguns entendem que a atual conjuntura não é das mais propícias para discutir o assunto. Outros acham que a novidade configura um estratagema para garantir a reeleição de políticos cujo nome foi envolvido em ações de combate à corrupção. Há os que pensam que um Legislativo em final de mandato e um Executivo que não recebeu a unção das urnas carecem de legitimidade para levar avante uma reforma dessa envergadura. Existem ainda aqueles que não admitem que se subtraia dos cidadãos o direito de indicar livremente seus candidatos.

A favor da mudança argumenta-se que o sistema atual, embora confira maior poder de escolha aos eleitores e favoreça, em tese, a renovação política, estimula a **"fulanização"** das eleições, além de promover a concorrência entre candidatos de uma mesma legenda. A lista aberta, ademais, seria incompatível com a possível adoção do financiamento público de campanhas, estimulada pela decisão do Supremo Tribunal Federal que considerou inconstitucional o aporte de recursos por empresas.

O sistema de listas fechadas, porém, para operar adequadamente pressupõe a existência de um número reduzido de partidos, claramente identificáveis por suas posições programáticas. Esse requisito hoje inexistente no país, onde cerca de 35 agremiações políticas, grande parte sem qualquer identidade ideológica, **podem disputar** a cada dois anos uma frenética competição para ocupar os cargos eletivos em disputa. Por isso, a aprovação prévia de uma cláusula de barreira ou de desempenho, que reduza drasticamente o número de partidos, é condição essencial para a implantação do novo modelo.

O ilustrador recebe o texto para a ilustração por volta das 17h. O prazo pra entregar a ilustração para esse serviço semanal é sempre 19h.

No caso, como o ilustrador trabalha pra mesma Coluna há anos, não é necessário um briefing detalhado.



O problema é **que** alguns entendem que a atual conjuntura não é das mais propícias para discutir o assunto. Outros acham que a novidade configura um estratagema para garantir a reeleição de políticos cujo nome foi envolvido em ações de combate à corrupção. Há os que pensam que um Legislativo em final de mandato e um Executivo que não recebeu a unção das urnas carecem de legitimidade para levar avante uma reforma dessa envergadura. Existem ainda aqueles que não admitem que se subtraia dos cidadãos o direito de indicar livremente seus candidatos.

A favor da mudança argumenta-se que o sistema atual, embora confira maior poder de escolha aos eleitores e favoreça, em tese, a renovação política, estimula a **"fulanização"** das eleições, além de promover a concorrência entre candidatos de uma mesma legenda. A lista aberta, ademais, seria incompatível com a possível adoção do financiamento público de campanhas, estimulada pela decisão do Supremo Tribunal Federal que considerou inconstitucional o aporte de recursos por empresas.

O sistema de listas fechadas, porém, para operar adequadamente pressupõe a existência de um número reduzido de partidos, claramente identificáveis por suas posições programáticas. Esse requisito hoje inexistente no país, onde cerca de 35 agremiações políticas, grande parte sem qualquer identidade ideológica, **podem disputar** a cada dois anos uma frenética competição para ocupar os cargos eletivos em disputa. Por isso, a aprovação prévia de uma cláusula de barreira ou de desempenho, que reduza drasticamente o número de partidos, é condição essencial para a implantação do novo modelo.

Há mais uma dificuldade: Robert Michels, no início do século passado, enunciou a denominada "lei de ferro da oligarquia". Segundo ele, certas organizações sociais, como partidos e sindicatos, dão "origem ao domínio dos eleitos sobre os eleitores, dos mandatários sobre os mandantes, dos delegados sobre os delegantes". Isso significa que a mudança em cogitação exige que se assegure primeiramente a democratização interna das agremiações políticas.

Existem países que adotam as chamadas "listas flexíveis", em que os partidos formulam uma relação de candidatos, cuja ordem pode ser alterada pelos eleitores, aos quais também se permite votar em um nome de sua preferência, independentemente da posição que ocupe na lista. Talvez seja o caso de adotar-se transitoriamente **essa solução intermediária**, submetendo uma mudança mais radical e definitiva a um plebiscito ou referendo popular, de baixo custo e fácil execução. Para tanto, bastaria inserir uma consulta aos cidadãos na programação das urnas eletrônicas que estão sendo preparadas para as eleições do ano vindouro.

---

Professor Titular de Teoria do Estado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e Ministro do Supremo Tribunal Federal, do qual foi Presidente. Também presidiu o Tribunal Superior Eleitoral e o Conselho Nacional de Justiça.

O prazo é curto. O ilustrador deve ler o texto com rapidez e pode, ao mesmo tempo, ir anotando palavras-chave, fazendo esboços rápidos de imagens conectadas ao assunto, etc.



TENDÊNCIAS / DEBATES

Seu artigo publicado em esta seção não terá direito a espaço de jornal. Sua publicação obedecerá ao propósito de estimular a leitura dos leitores brasileiros e mundial e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. [folha@folha.com.br](mailto:folha@folha.com.br) [www.folha.com/tendencias](http://www.folha.com/tendencias)

Sobre crise, conhecimento e diálogo

MARIA ALICE SETUBAL

Sem adentrar no julgamento das posições em jogo no atual debate sobre a crise política e econômica, que atinge todos os Poderes, não podemos deixar de destacar, de um lado, a superficialidade das discussões e o imediatismo das soluções propostas e, de outro, os radicalismos e manifestações de ódio expressas nos cartazes das ruas e, especialmente, nas postagens veiculadas nas redes sociais.

A busca por entender o momento e o processo que está em construção nos leva a refletir sobre quais valores estão em movimento nesse cenário, em que prevalece a intolerância, o preconceito e a ignorância sobre o funcionamento de nosso sistema político e jurídico, assim como a falta de diálogo e de respeito ao outro e a uma visão de vida comum do espaço público.

Como educadora, não posso deixar de questionar sobre a educação que queremos para o país. Priorizamos a educação no discurso. Temos, porém, pouca efetividade e continuidade de políticas que impactem a qualidade e que garantam o direito de todas as crianças e jovens.

A precariedade da qualidade da educação expressa pelos resultados das avaliações nacionais e internacionais, entre outros indicadores, é a demanda por uma mão de obra qualificada, como reflexo dos baixos índices de produtividade, têm levado diferentes grupos, organizações e empresas a intervir no debate e na proposição de soluções.

Em um país da dimensão do Brasil e com dívidas históricas, as soluções não são fáceis. Não há uma saída única que atinja todas as regiões e modalidades de ensino.

Ao analisarmos o modelo de desenvolvimento brasileiro, no entanto, valorizamos em demais o consumo em detrimento do conhecimento, pensamos mais em alcançar melhores resultados nas avaliações do que obter um desenvolvimento humano e científico capaz de formar as novas gerações para os desafios do século 21.

Pensamos mais no diploma como um passaporte para o trabalho do que na importância desse saber como emancipação e aquisição de capacidades que possam significar maior autonomia e liberdade.

Somos uma democracia muito jovem, estamos aprendendo e experimentando formas de agir. Crises podem abrir novas oportunidades se referirmos mais profundamente sobre que país queremos. Para isso, sobre que país queremos.

Atuando como ilustrador fixo dessa coluna semanal, Daniel Bueno se habitou aos prazos curtos, criando sempre a ilustração no final da tarde de quinta-feira, e vendo o trabalho seguinte toda sexta-feira.

Normalmente, as ilustrações para essa coluna eram resolvidas digitalmente, em soluções sintéticas, dado o prazo exíguo.

Imagens: ilustrações de Daniel Bueno criadas para a coluna Tendências e Debates da Folha de S. Paulo.

ANDRÉ LUÍS WOLOSZYN

Os desafios são imensos. O recrutamento de brasileiros pela ideologia extremista já é uma realidade. Nenhum país

te afastada seja feita antes a cassação do deputado Eduardo Cunha ("Ex-anista, Renan passa a atual apoio de Temer", "Poder Essa é uma situação abstrata que coloca em destaque o tunismo de quem está no do. Mostra ainda que o impeachment é uma questão política, não jurídica. É uma situação desfavorável para a classe dos políticos

URIEL VILLAS BOAS (Santos, SP)

Está chegando ao fim político mais longo da história brasileira. O PT e os detidos que apoiam o governo querem esticar a cordão se importando com o Brasil. A crise não é quanto não acabar esse do impeachment. É im que os brasileiros tirem ra suas vidas e aprendam nas próximas eleições

IZABEL AVALLONE (São Paulo, SP)

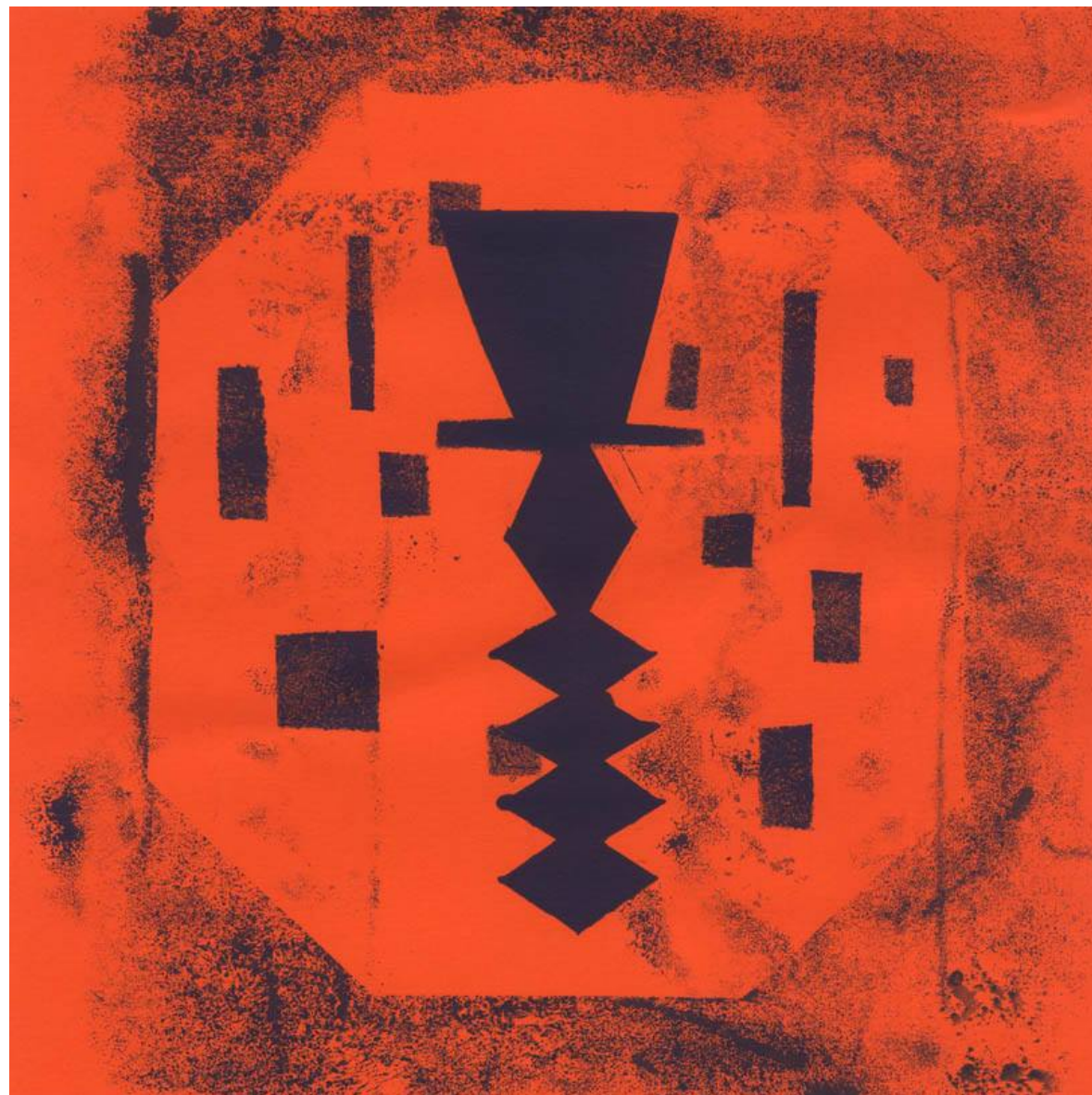
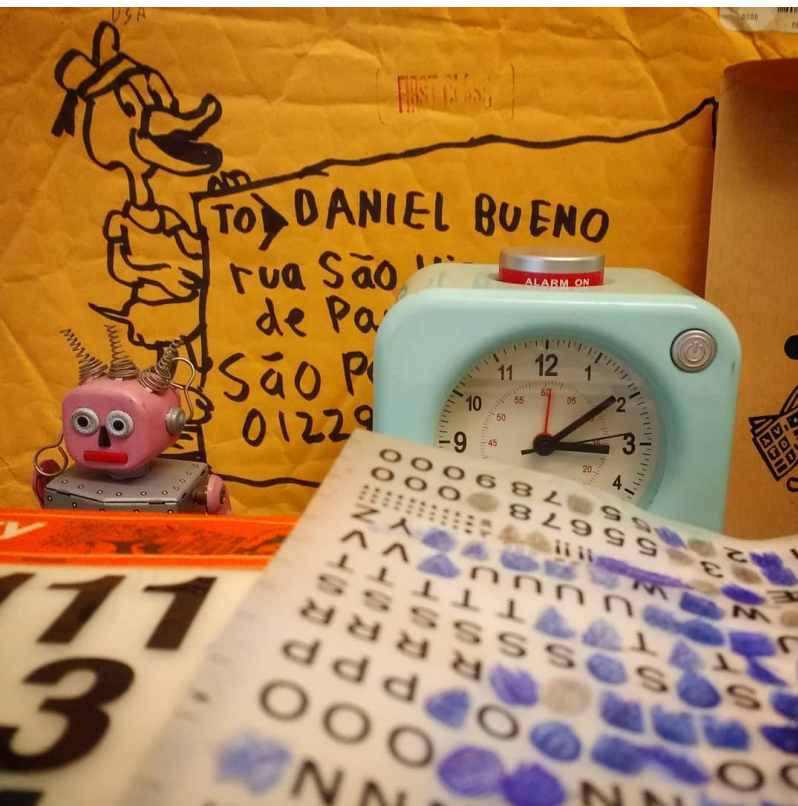
Se é verdade que não visão legal para afastar um governante que, petência, ação ou omissão, não quer um município, um o país à ruína, então admitir que a legislação necessita ser corrigida. A sociedade precisa car refém de irresponsabilidade

ROBERTO FISSMER (Porto Alegre)

Operação L

Correndo o risco de ser lado como mais um, pois que ainda não perança de ver os filhos, ouso perguntar ao STF tanto tempo, de Sarnes, Bernardo e de ("Cunha cita a der cassação" CARLOS ALBERTO BEL





Nessa ocasião, com a vontade de variar um pouco as soluções e surpreender, o ilustrador resolveu “arriscar” uma colagem manual, uma técnica de modo geral menos ágil do que o desenho vetorial.

Ao lado, exemplo de material usado para a criação da ilustração: sobras de testes de serigrafia, etc.

Uma vez feito o esboço – um esquema geral - que envolvia uma representação de máscara, uma letra “P” grande sobre o rosto, e um busto com roupa de político, o ilustrador olhou ao seu redor e selecionou alguns elementos que estavam por perto:

1) Cortou um envelope de correio, gerando a máscara

2) Cortou papéis com impressões em serigrafia desenvolvidas numa oficina e gerou a Letra P e o terno.



• RES: Texto de sexta 2



• **Arte Redação** <arte@cliente.com.br>

Para: : ilustrador@ilustrador.com.br

Oi Daniel,

Manda o tamanho padrão.11,6 x 16,6.

Abs,

> [Mostrar mensagem original](#)



• **Ilustrador** <ilustrador@ilustrador.com.br>

Para: < arte@cliente.com.br >



qui, 30 de mar de 2017 às 19:19



Oi,  
aí vai!

abração,  
Daniel

> [Mostrar mensagem original](#)



Ilustra84 ta... .jpg

2.6MB



[Responder](#), [Responder a todos](#) ou [Encaminhar](#)



Com vinte minutos de atraso, mas ainda dentro da margem de tempo aceitável, o ilustrador enviou a ilustração finalizada.

Foi arriscado mas deu certo.



# CASO 2

Trabalho realizado para a revista Info Corporate, da Editora Abril.

Espaço: Uma página inteira para o abre (primeira página).

Formato: 20 x 25 cm (mais a sangria).

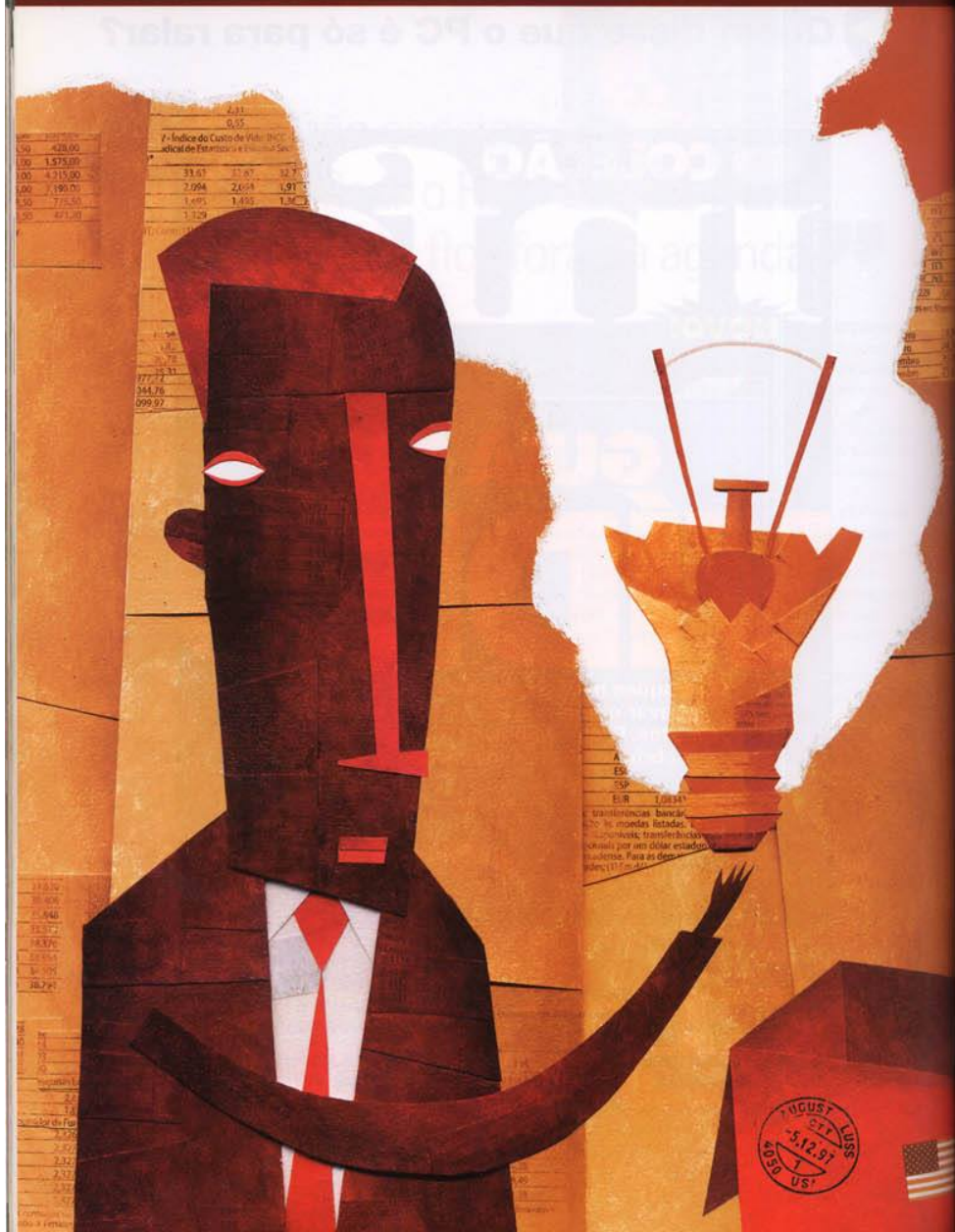
Técnica e abordagem gráfica: Livre. Mas havia certa expectativa geral com o estilo de colagem em mixed media. Ela é trabalhosa, toma tempo.

Resolução: Pra revista a resolução mínima deve ser 300 dpi.

Cores: Enviar em CMYC.

Prazo: De mais ou menos uma semana.





# Solução que chega pronta da matriz funciona?

Como os CIOs encaram a difícil tarefa de adaptar — ou, pior, recusar — os sistemas feitos para serem usados globalmente

POR FRANÇOISE TERZIAN,  
ILUSTRAÇÃO DANIEL BUENO

**HAJA JOGO DE CINTURA.** Dizer não a uma solução que chega pronta da matriz nem sempre é uma tarefa fácil. A resposta negativa muitas vezes é interpretada pela corporação como má vontade. E o que poderia ser tirado de letra acaba se tornando um problemão para o CIO, que fica entre a cruz e a espada. Quando a solução é boa, já pensada para ser implementada de forma global e modular, melhor para todos. Afinal, serão necessários só uns ajustes aqui, outros ali e tudo estará funcionando de forma redonda e padronizada. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa forma. E muitos CIOs penam para tropicalizar, ou, pior, recusar, a ferramenta pronta. Info CORPORATE ouviu CIOs de multinacionais para descobrir como se comportam quando têm de encarar as soluções vindas da matriz.



José Adalberto  
Ferrara



Gregório Polaino



Mauro Pinto



José Luis Módica



Juan Pedro  
García Gravel



César Almeida

A tendência era manter o estilo com colagem manual e digital que estava há pouco tempo sendo empregado na revista. Ocorreu, no entanto, a intenção de sair do padrão de cores avermelhadas e quentes. Info Corporate n.2, Editora Abril, 2003.





70 Info CORPORATE

# Como ter um bom e-procurement

Seis experientes CIOs contam como montaram sistemas de cotação eletrônica de produtos e serviços com base na web

por FRANÇOISE TERZIAN, ILUSTRAÇÃO DANIEL BUENO

COMO DESENVOLVER UM SISTEMA ELETRÔNICO de compras eficiente e ágil, que ajude as empresas a obter o melhor produto pelo menor preço? A resposta pode estar num bom sistema de e-procurement, que permite, além das compras online, gerenciar o estoque de forma mais dinâmica. Info CORPORATE ouviu seis tarimbados CIOs que passaram pela experiência de implantar sistemas de e-procurement. As melhores práticas mostram que o primeiro passo é definir de forma clara com a área de compras como será o modelo do sistema e que tipo de ferramenta suporta esse modelo. Independentemente da escolha (se ferramenta terceirizada ou desenvolvida internamente), é vital ter um bom catálogo de produtos na web, completo e dividido por categorias, uma ferramenta de leilão reverso sem falhas, um sistema que gerencie a compra de itens inventariados, e, por fim, um workflow aceitado. Nas próximas páginas, você vai saber como os CIOs da DuPont, Kodak, Tigre, GlaxoSmithKline, Latasa e Sabesp resolveram a questão.



César Accioli

Sérgio Falcon

Gelásio Schlup

André Ellery

Marcelo Ramires

Armando Colletto

Info CORPORATE 71

Trabalho impresso na revista. Reparar na boa solução tipográfica do design – seguindo a paleta da ilustração –, no uso de espaços em branco, na clareza na comunicação. Info Corporate n.5, Editora Abril, 2003.



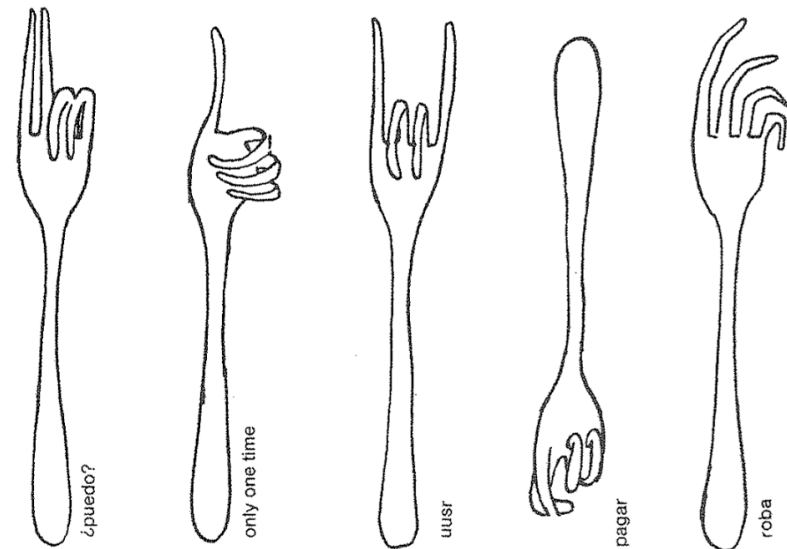
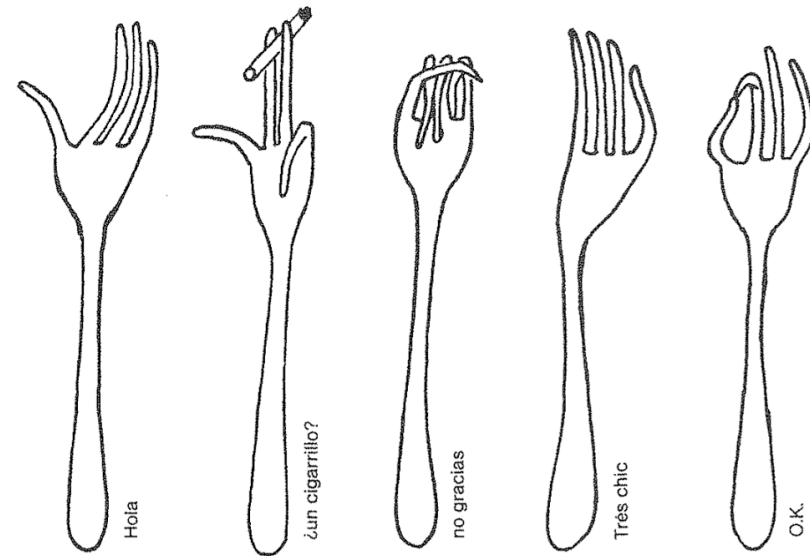
# O QUE É IMAGEM DUPLA?

Recurso de ilusão gráfica bastante empregado por ilustradores em trabalhos pro meio editorial.

É também chamado de “trocadilho visual”.

Consiste na exploração da ambiguidade do desenho, sugerindo um novo significado àquele inicial.

Resumindo: duas imagens em uma só.



Ao lado: criação  
do designer  
italiano Bruno  
Munari.



# Ilusão e ambiguidade

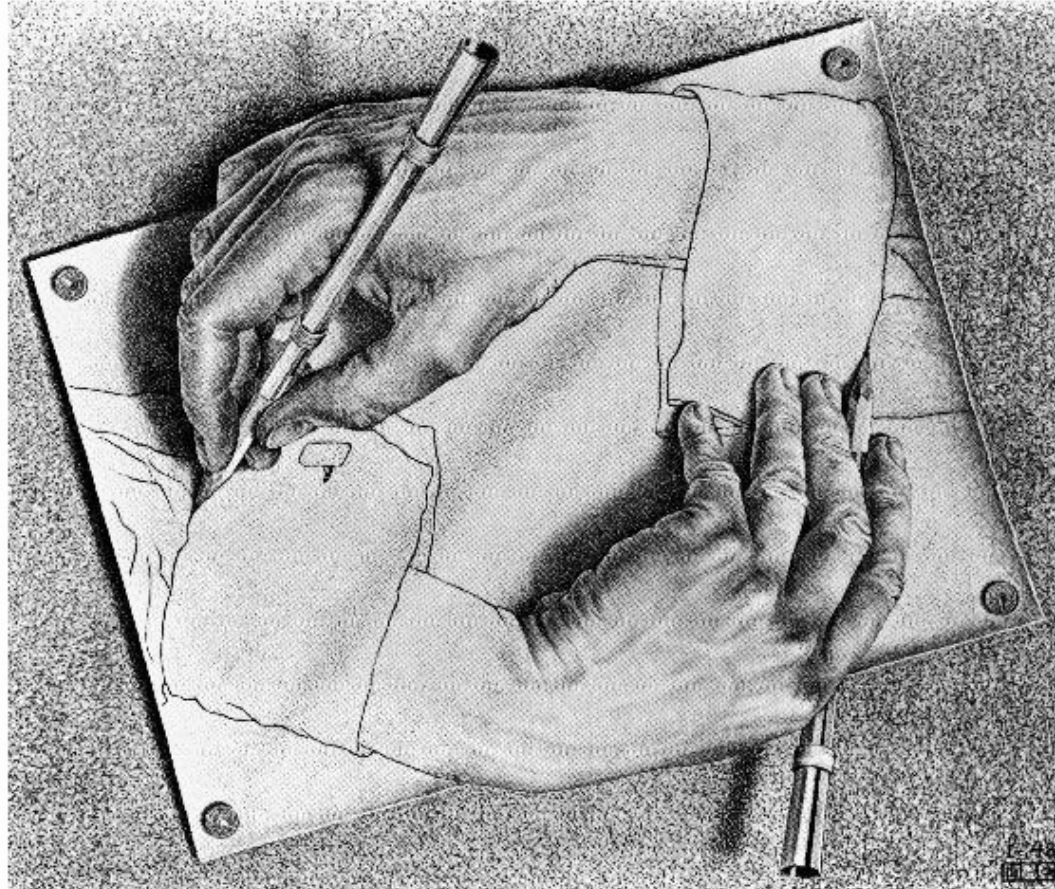


Ambiguidade na pintura:

A frase “Isso não é um cachimbo” deixa evidente que vemos a **representação** de um cachimbo, composta por tinta sobre tela – ou seja, é uma **ilusão**, uma imagem do cachimbo.

Magritte, “A Traição das Imagens / La trahison des images”, 1928-1929.





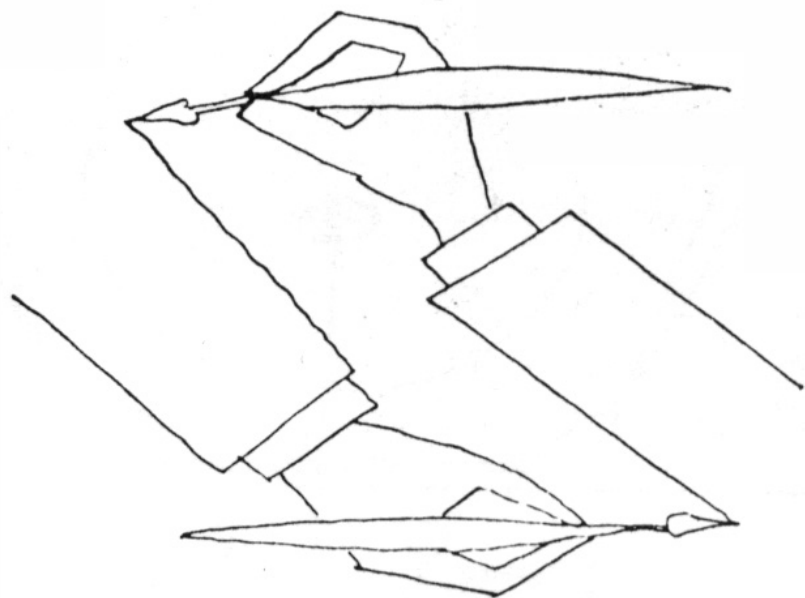
Ambiguidade no desenho:

Nesse trabalho metalinguístico (ou seja, um desenho que fala e reflete sobre o ato de desenhar, sobre as peculiaridades do desenho), Escher explora a ambiguidade da representação: não sabemos o que vem primeiro, se são as mãos que desenharam o traço ou se é o traço que define as mãos.

Escher: “Mãos Desenhando / Drawing Hands”, litografia, 1948.

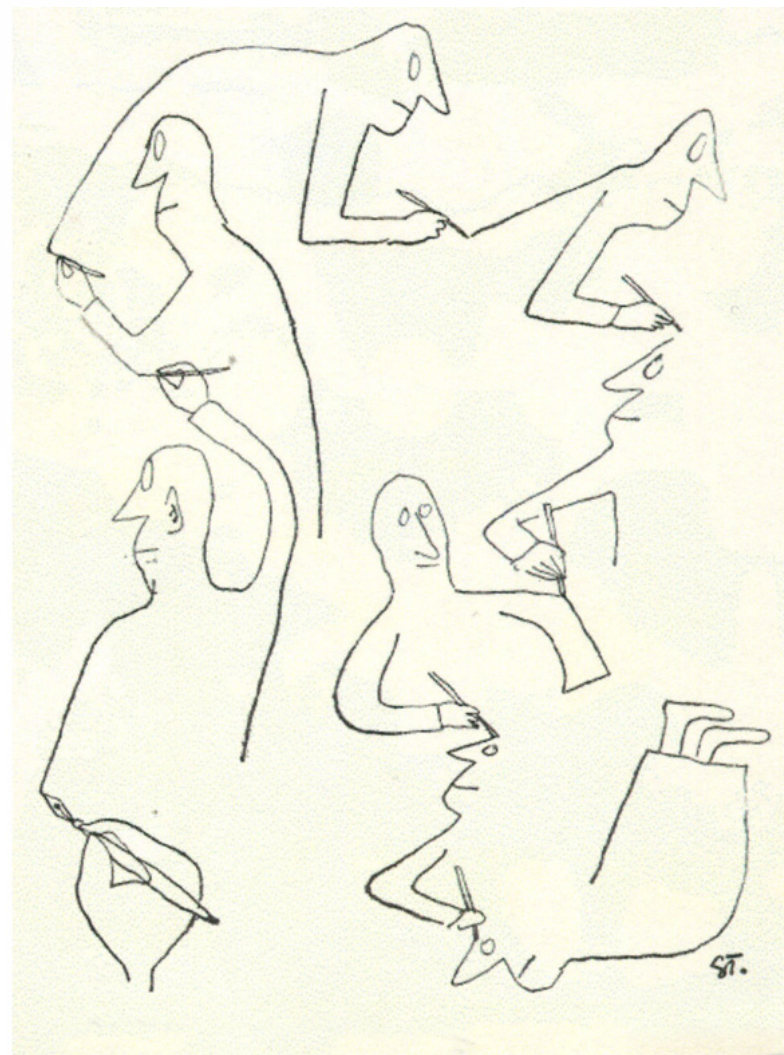


# Lições com Saul Steinberg sobre ilusão gráfica

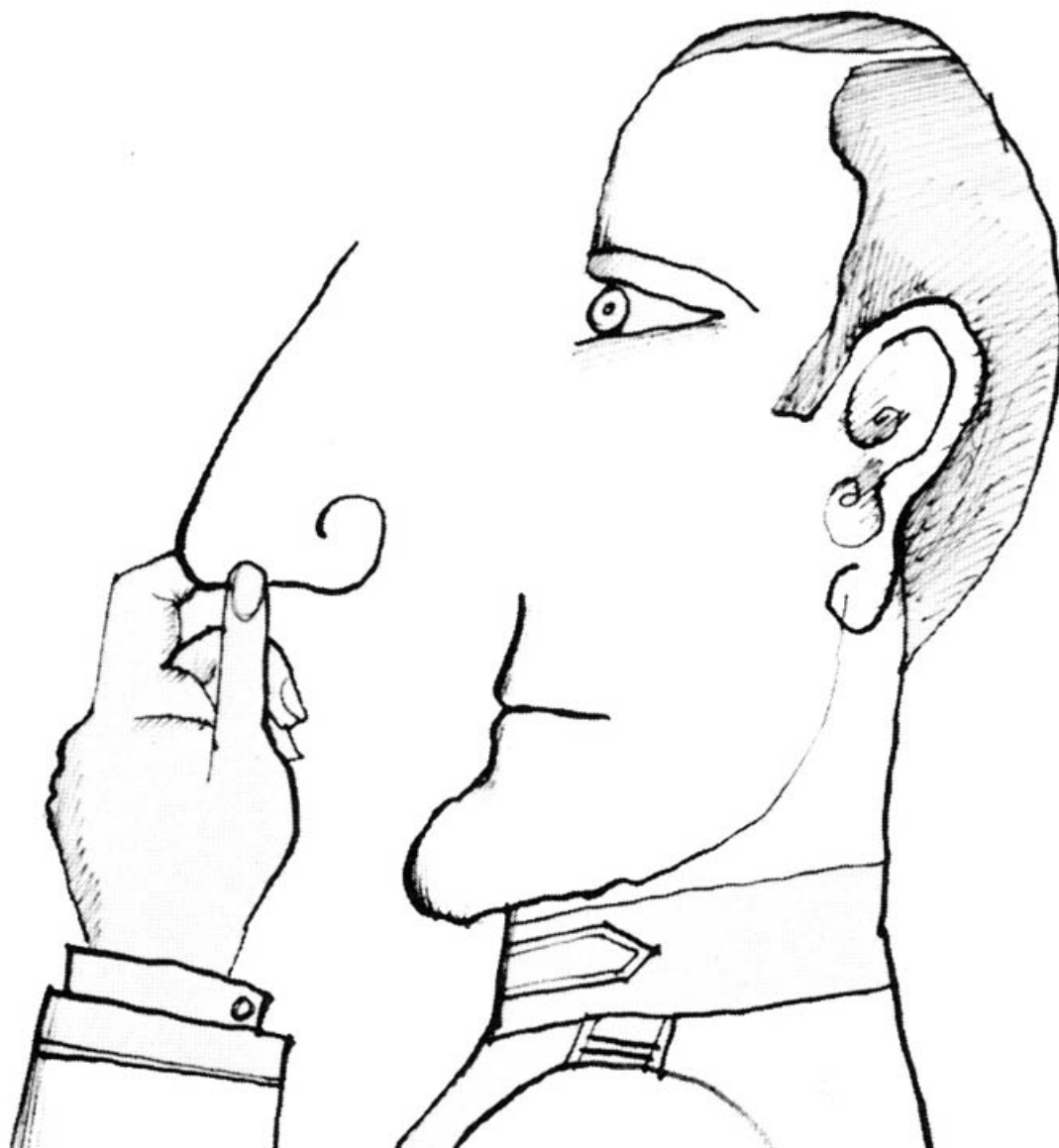


Trabalhos de Saul Steinberg (1914-1999), mestre da ilusão do desenho, que sabia como ninguém explorar a ambiguidade da linha contínua. Acima, desenho claramente inspirado em Escher e publicado no livro *The Passport*, 1954.

Ao lado, desenho publicado na revista *The New Yorker*, 1945.







Desenho de Steinberg  
publicado no livro francês Le  
Masque, 1966.





Desenho de Steinberg  
publicado no livro The  
Passport, 1954.





Desenho de Saul Steinberg.

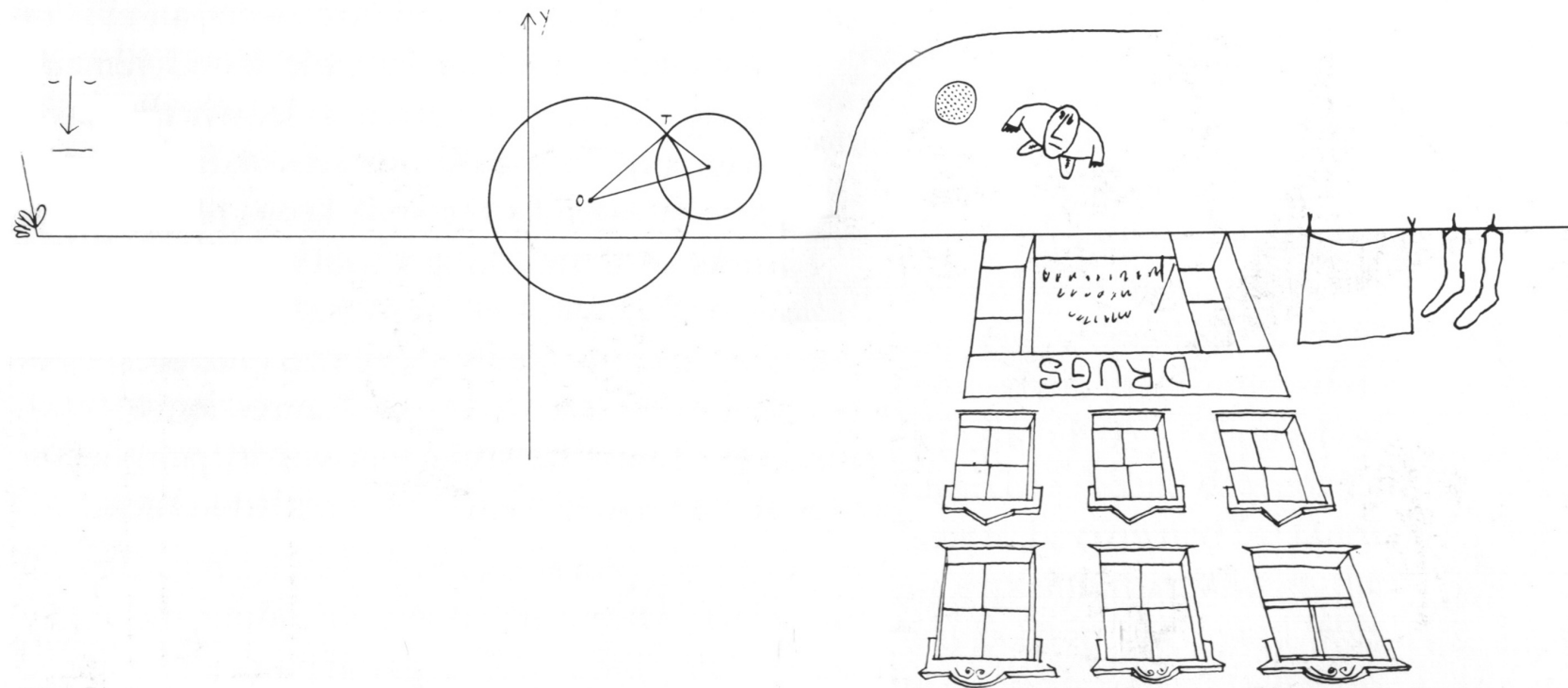




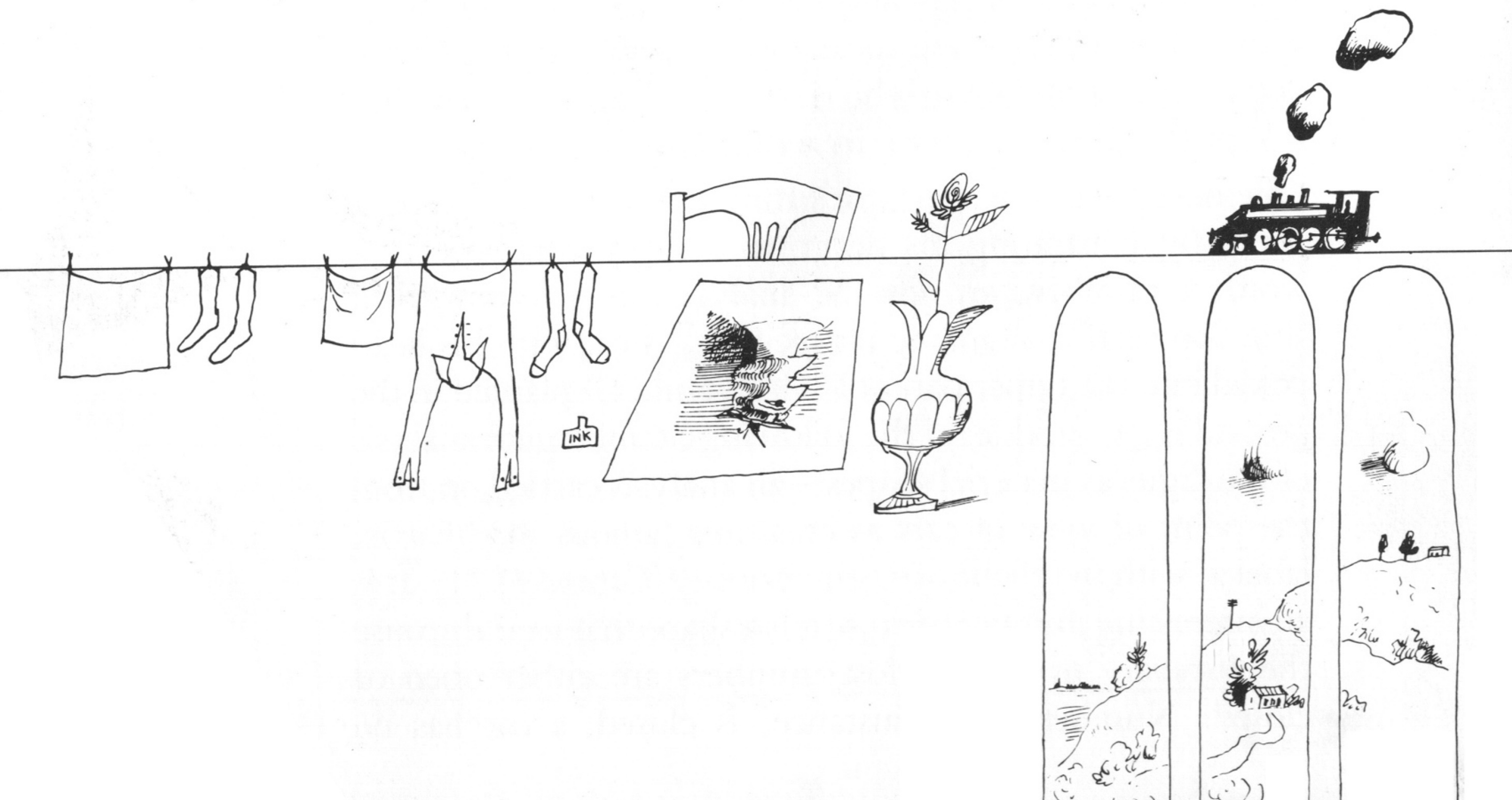
Desenho de Saul Steinberg,  
publicado no livro Dessins.



Saul Steinberg: "The  
Line / A Linha",  
1953.

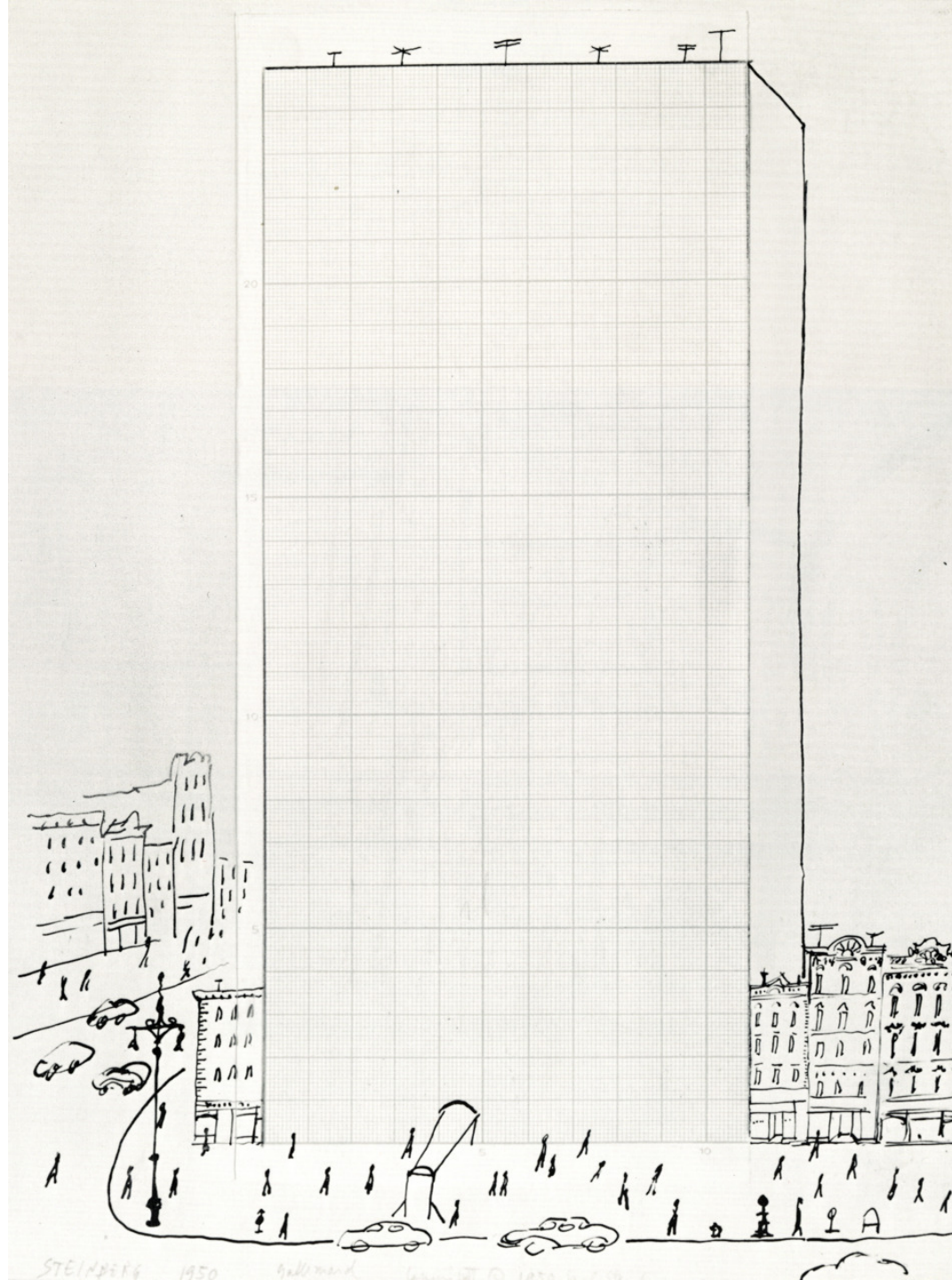
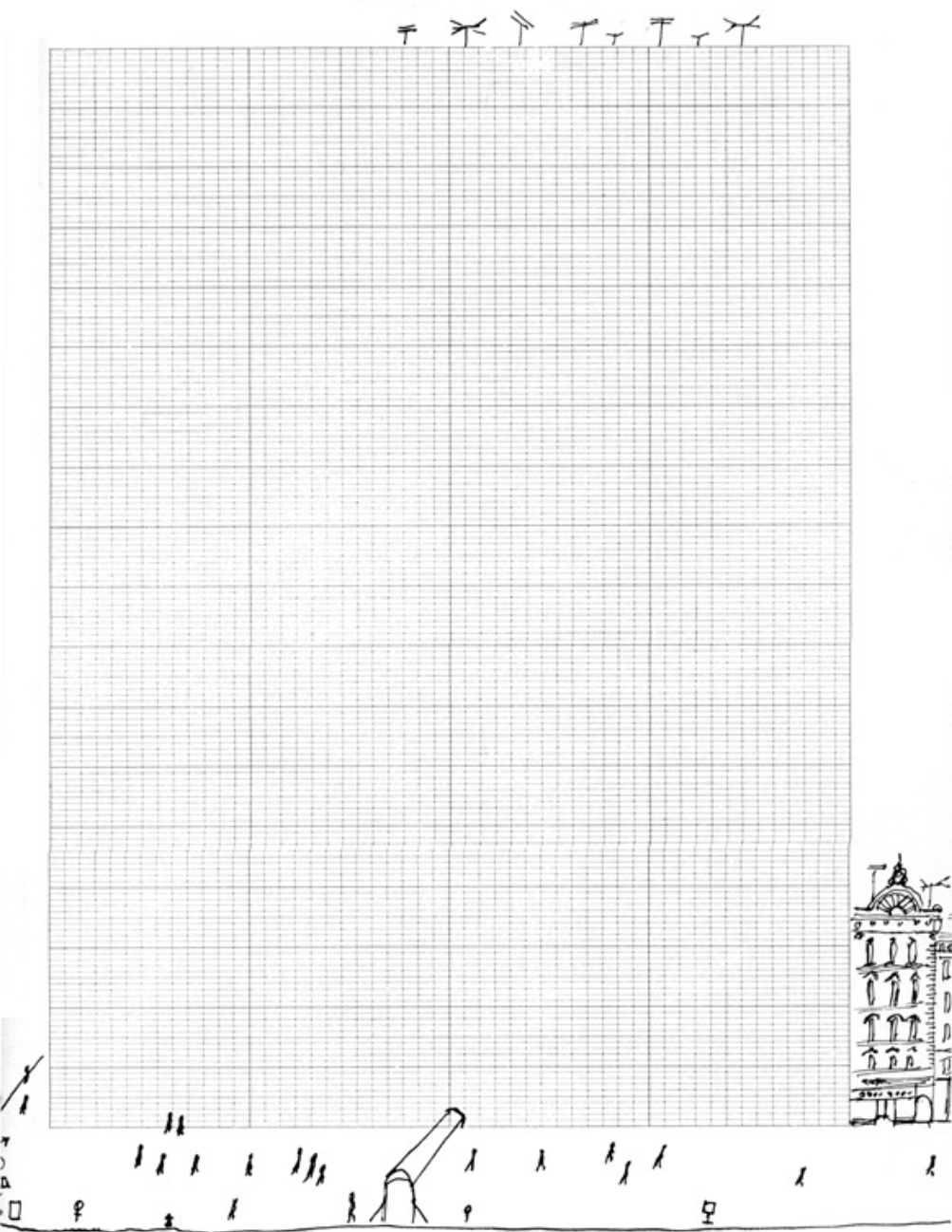






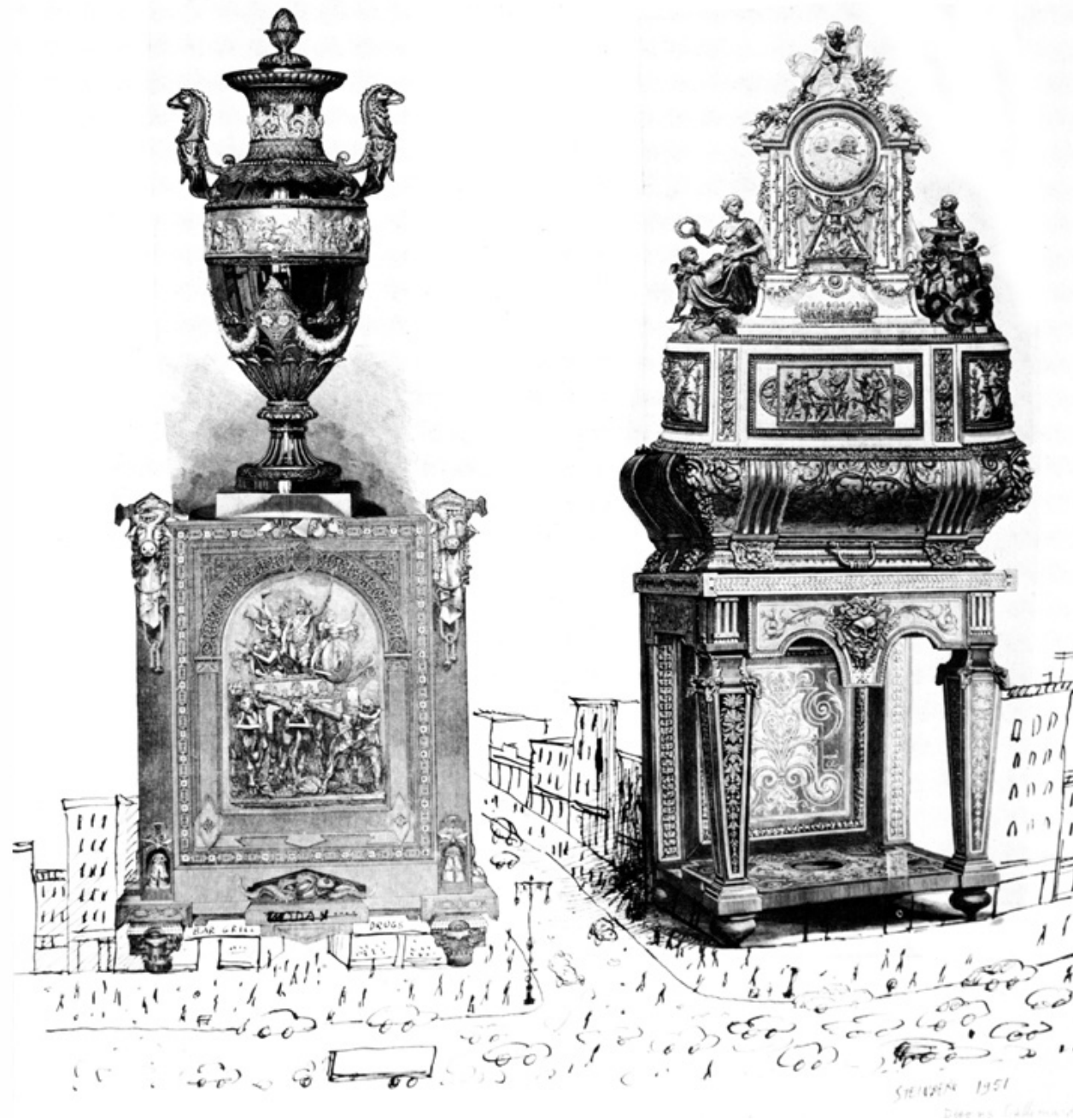
Saul Steinberg: "The  
Line / A Linha",  
1953.





Desenhos de Saul Steinberg.  
 À esquerda, trabalho publicado no livro *The Passport*, 1954.  
 À direita, "Graph Paper Building", 1950.

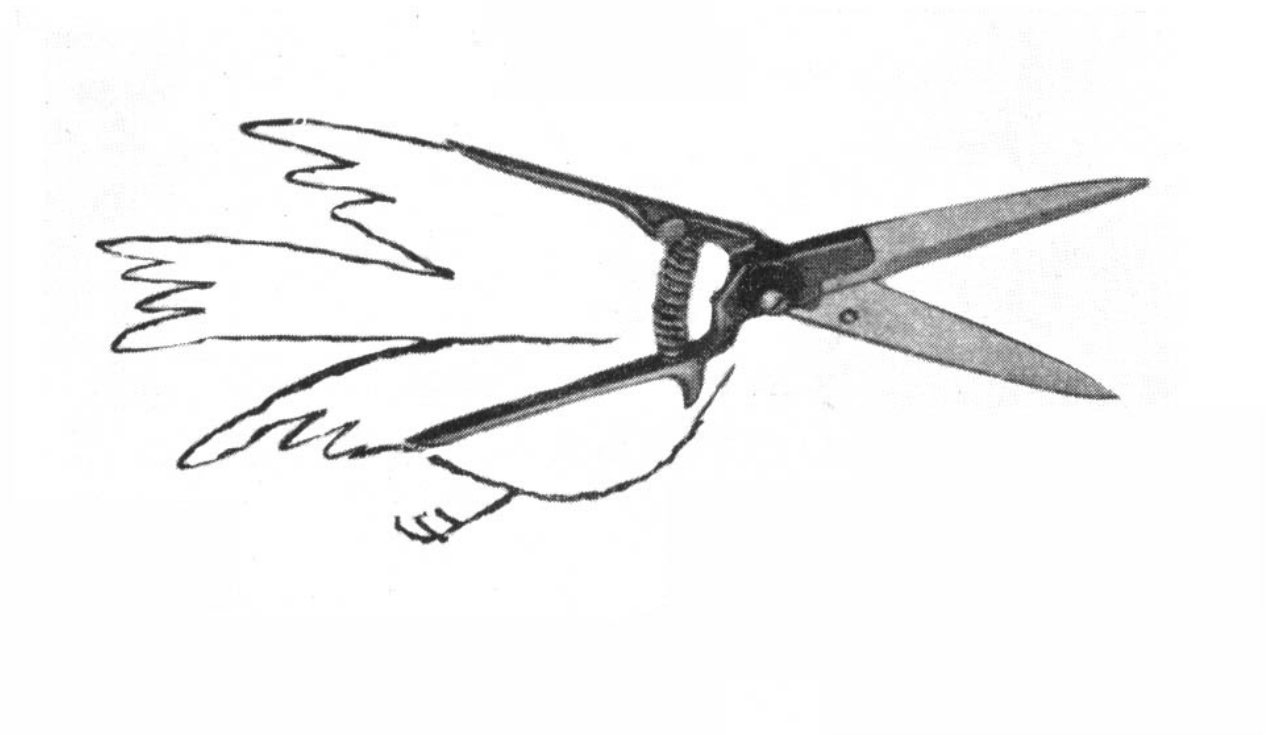




Desenhos de Saul Steinberg criado em 1951 e publicado no livro The Passport, 1954.



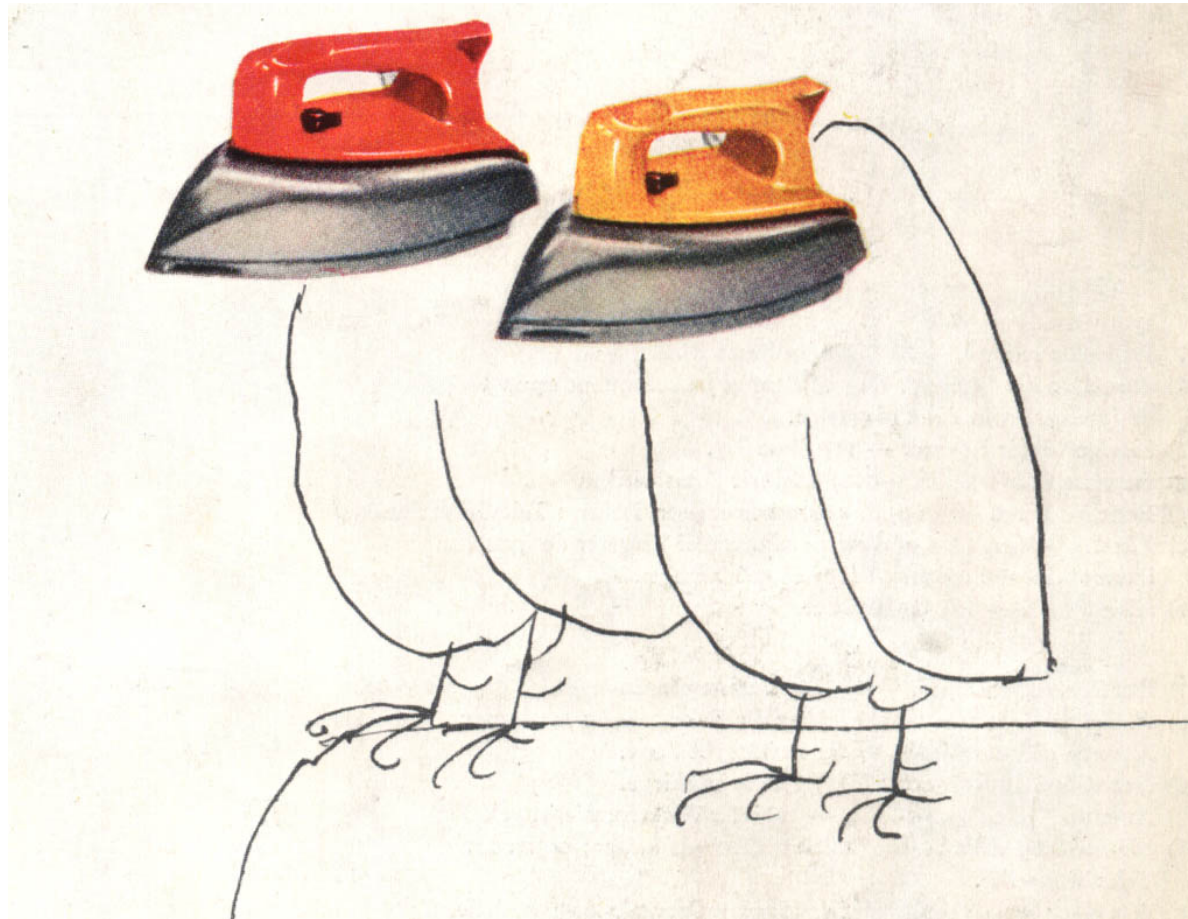
# As imagens duplas de Tomi Ungerer



Desenho de Tomi Ungerer publicado na revista Graphis em 1959.

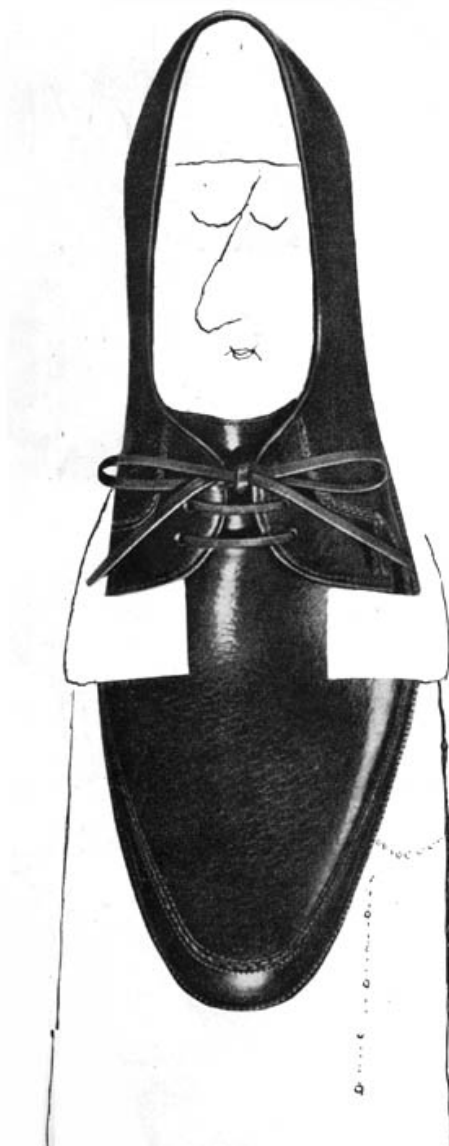
O artista deixa claro o procedimento, sem tentar “esconder” ou camuflar: parte de uma imagem (na maioria das vezes fotográfica) recortada e fez uma intervenção com traço sobre ela, alterando seu significado original.





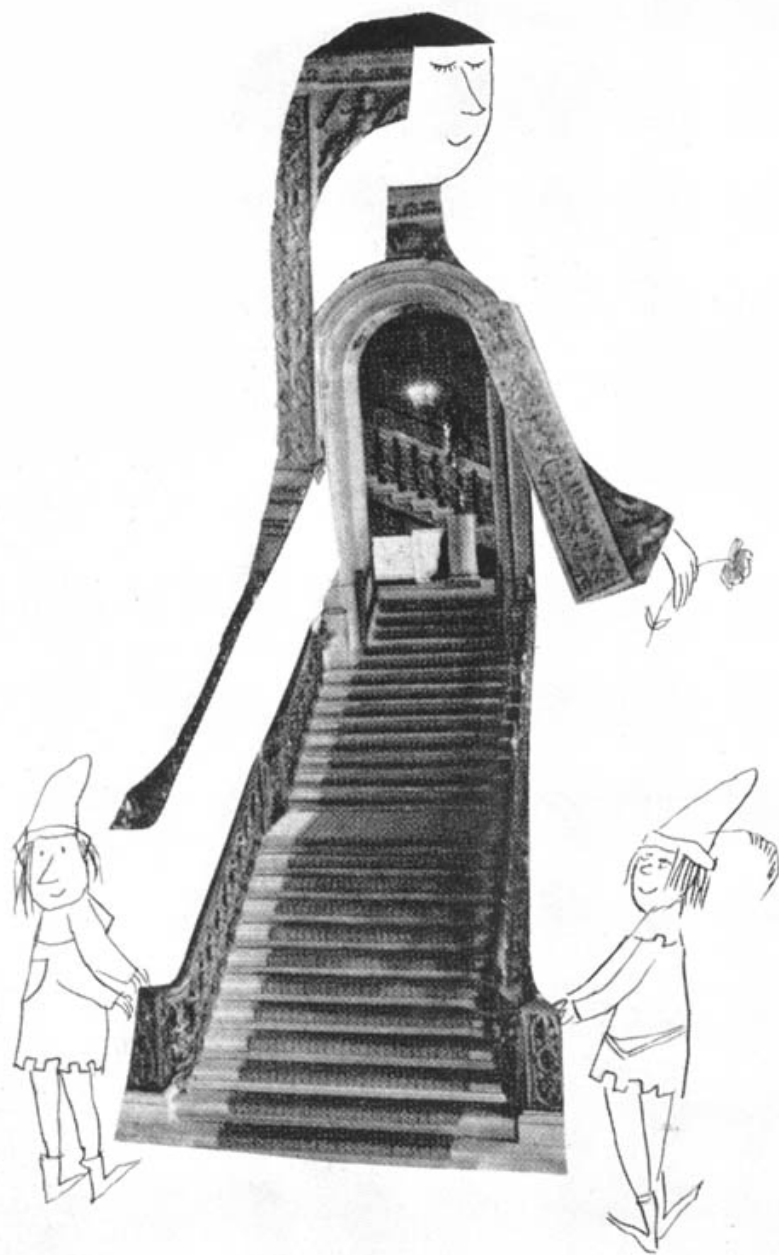
Desenho de Tomi Ungerer  
publicado na revista Graphis  
em 1959.





Desenho de Tomi Ungerer  
publicado na revista Graphis  
em 1959.





Desenho de Tomi Ungerer  
publicado na revista Graphis  
em 1959.



# As imagens duplas de Christoph Niemann



Desenho de Christoph Niemann com pincel e café: aqui, a xícara de café é também um rosto de alguém bocejando – trata-se de uma **imagem dupla**.

Reparem na capacidade de **síntese** (feita com **analogias**:

xícara de café + pessoa bocejando (e o café ajuda a acordar) + traço com café.

Nesse caso, ao invés da intervenção ocorrer sobre uma foto recortada, ela é feita ao redor do objeto. A fotografia registra o resultado final.

**Síntese:** agrupar, combinar e integrar partes separadas com depuração, sem usar elementos desnecessários.

**Analogias:** correspondência; semelhança entre coisa ou ações diferentes.

A seguir, veremos outros desenhos de Niemann da série “Sunday Sketches” explorando o mesmo procedimento.

Fonte: christophniemann.com







